
O HIPOTIREOIDISMO E A DEPRESSÃO

Alessandra Torres Gomes Pato¹; Luis Alberto Domingo Francia Farje ²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – aletorresgpat@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Tireoide. Hipotireoidismo. Transtorno. Depressão. Hormônio.

Introdução: A glândula Tireoide age diretamente nas funções de vários de nossos órgãos e isso interfere em muitos aspectos, inclusive o emocional. Sabemos que a ansiedade e a depressão estão relacionados com a alta ou baixa produção de T3 e T4 (hipertireoidismo ou hipotireoidismo respectivamente). Existem evidências que atividade alterada do eixo hipotálamo-hipófise-tireoide (HHT) decorrem em alterações dos níveis T4 em alguns casos de depressão (BAHLS; CARVALHO, 2004). A Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM, 2017) alerta sobre a relação entre as conhecidas doenças tireoidianas e a depressão. Cita em seu artigo “Doenças tireoidianas e depressão” que 1/3 dos pacientes com depressão apresentam hipotireoidismo e, aproximadamente metade dos pacientes com hipotireoidismo apresentam depressão, sendo de extrema importância que os médicos saibam reconhecer quando um transtorno como o da depressão se faz devido a uma condição endócrina. Artigos também tratam sobre a depressão pós-parto e sua correlação com alterações tireoidianas - em maior grau de incidência o hipotireoidismo (RUSCHI *et al.*, 2009), sendo esse também apontado como grande causa da morbidade entre mulheres.

Objetivos: verificar a relação entre transtornos depressivos e distúrbios da glândula tireoide.

Relevância do Estudo: Maior compreensão da relação tireoide e depressão que permanece pouco conhecida.

Materiais e métodos: Foram utilizados artigos científicos encontrados em plataformas online como Scielo, Pubmed, Google Acadêmico, livros do acervo da Biblioteca das Faculdades Integradas de Bauru (FIB).

Resultados e discussões: **Depressão** é uma doença psiquiátrica crônica e recorrente que produz uma alteração do humor caracterizada por uma tristeza profunda, sem fim, associada a sentimentos de dor, amargura, desencanto, desesperança, baixa autoestima e culpa, assim como a distúrbios do sono e do apetite (OMS, 1993). Pessoas com hipotireoidismo (disfunção no eixo hipófise-hipotálamo-tireoide) desenvolvem vários sintomas em decorrência desse distúrbio da glândula tireoide e esses também são comuns a depressão: ganho de peso, irritabilidade, desânimo, cansaço excessivo, fraqueza em unhas e cabelos (SBEM, 2017). Importante salientar que “depressão” é causada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicológicos e, segundo a OMS a prevalência de depressão na rede de atenção primária de saúde é 10,4%. Dados desse órgão apontam ainda que “a depressão se situa em 4º lugar entre as principais causas de ônus, respondendo por 4,4% dos ônus acarretados por todas as doenças durante a vida. Ocupa 1º lugar quando considerado o tempo vivido com incapacitação ao longo da vida (11,9%)” (BRASIL, 2020). Vale ressaltar aqui a importância de um diagnóstico médico quanto a causa da depressão pois alterações na fisiologia glandular podem causar sintomas depressivos ou incluso, em menor escala, a depressão causar desequilíbrio da tireoide (ABREU, 2011). O indivíduo que apresentar sintomas depressivos relacionados com a diminuição da produção hormonal tireoideana deve passar por uma investigação mais

detalhada e, então, fazer o tratamento visando o reequilíbrio hormonal. Assim, a levotiroxina é indicada nestes casos onde a depressão é causada pela irregularidade na produção nos níveis do T3 e/ou T4, pois promove melhora dos sintomas depressivos e das atividades serotoninérgica e noradrenérgica, sendo sua ação potencializada quando associada a antidepressivos, como aponta Abreu (2011): “pacientes com depressão primária necessitam de tratamento com antidepressivos a fim da estabilização do quadro psiquiátrico com consequente abolição da disfunção tireoidiana. Em casos refratários, indica-se, com efeito potencializador, a administração associada de antidepressivos e de levotiroxina”. Bahls e Carvalho (2004) afirmam que as mudanças no eixo HHT em depressões não tratadas podem ser explicadas parcialmente pela alteração cerebral de serotonina e/ ou de noradrenalina e para reverter esta alteração pode ser usado o T3 pois ele apresenta papel fundamental na neurotransmissão noradrenérgica, confirmando a íntima relação entre a ação tireoidiana e a doença depressiva.

Finalmente esses estudos demonstram que, mesmo sendo clara a relação tireoide e depressão, ainda se faz necessário um maior aprofundamento na questão, para uma maior compreensão e esclarecimentos do quanto influentes os hormônios da tireoide são.

Conclusão: Há íntima relação entre os hormônios tireoideanos e a depressão, pois níveis baixos de T3 e T4 podem causar alterações nos níveis de neurotransmissores como a serotonina e noradrenalina que são responsáveis pela sensação de prazer e de energia. Mas, ainda se trata de campo a ser explorado, já que estudos sobre a relação entre os hormônios tireoideanos e a depressão são escassos.

Referências:

ABREU, G. P. P. **A importância da tireoide nas perturbações da mente.** Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/901>. Acesso em: 31 maio 2022.

BAHLS; S. C.; CARVALHO, G. A. A relação entre a função tireoidiana e a depressão: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 41-49, 2004.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbp/a/XDwBh3BBgjtKMnRDRZM9dzK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde de A a Z – Depressão.** 2020. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao-1> Acesso em: 01 jun. 2022.

OMS Organização Mundial da Saúde. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. **Descrições Clínicas e Diretrizes.** Trad. Dorgival Caetano. Artes Médicas, Porto Alegre. 1993.

RUSCHI, G. E. C. Alteração tireoidiana: um fator de risco associado à depressão pós-parto? **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, v. 9, n. 2, p. 207-213, abr. / jun., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/NPqqfR6LVV8qtNmQHwYbS8D/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SBEM Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Departamento de Tireoide da SBEM. **Doenças tireoidianas e depressão.** 2017. Disponível em:

<https://www.tireoide.org.br/doencas-tireoidianas-e-depressao>. Acesso em: 14 mar. 2022.

E OS AUTORES NEGROS DA PSICOLOGIA?

Tabata Helena Roque¹; Ana Paula Souza da Silva²; Gabriel Augusto Cardoso Teixeira³; Ana Beatriz Aguiar Bomfim Favero⁴; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - tabataroque@hotmail.com;

² Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anagasp2009@gmail.com;

³Aluno de Psicologia - Faculdades Integradas de Bauru – FIB - gabrielcteixeira1@outlook.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anabeatrizfavero@icloud.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, racismo, autores, negro, negras.

Introdução: O termo ‘preconceito’ refere-se a uma opinião preconcebida ou um sentimento formado sobre um grupo ou pessoa, sem que tenha realmente acontecido fatos comprobatórios sobre. A discriminação é a ação baseada no preconceito e acontece quando os membros ou uma pessoa de determinado grupo não é tratada com respeito, mas é tratada pelo status, cor de pele ou identidade. O racismo acontece quando um indivíduo é tratado de forma diferente por conta de suas características, habilidades, etnia. Atualmente o racismo é evidente de diversas formas: aberto, agressivo, instituído ou estrutural. É comum observar pelo território brasileiro comportamentos preconceituosos em toda sociedade, sendo o racismo um fenômeno social, ideológico e histórico. A história da população negra no Brasil foi constituída em cima de muita violência, uma vez que foram forçados a sair de suas culturas, mudar seus hábitos e obrigados a trabalhar como escravos, tendo a sua identidade negada e marginalizada (SILVA *et al.*, 2020). Vem sendo um desafio para os cursos de psicologia elaborar planos de ensino com autores negros, pois em geral as academias científicas excluem esses autores (DE SOUZA, 2022).

Objetivos: O artigo propõe reflexões a respeito das exclusões de produções de autores negros dentro do curso de psicologia.

Relevância do Estudo: Elucidar a importância dos estudos de pessoas negras dentro dos meios acadêmicos e científicos.

Materiais e métodos: Foram realizadas revisões bibliográficas de artigos científicos publicados em periódicos na base de dados do google acadêmico utilizando os descritores: psicologia, racismo, autores, negros, negras.

Resultados e discussões: Importantes escritores negros e negras do Brasil empreenderam tempo e estudos e acabaram tornando-se referências para o mundo, influenciando em diferentes escolas de saúde, psicologia e saúde mental (DE SOUZA, 2022). Por exemplo, no Brasil as acadêmicas Neusa Souza e Virginia Bicudo são negras, escritoras da saúde mental com ênfase em psicologia e psicanálise que foram esquecidas pelos seus pares da profissão. Os estudos de Neusa foram extremamente necessários para compreender o tamanho da dor e dos malefícios da saúde psíquica da população negra (OLIVEIRA, 2020). Entender o sofrimento e a história do negro é buscar entender desde o início quando eles passaram a ser responsabilizados por todos os problemas que atingiam a sociedade (BENEDITO; FERNANDES, 2021). Neusa Souza juntamente com Virginia Bicudo inauguraram os temas de discussões relacionados as relações raciais e deixaram um legado acadêmico muito rico. O legado deixado por essas acadêmicas é vivo. A riqueza em seus trabalhos minuciosos retrata a voz da mulher negra, uma voz que tentou ser calada, mas que arde nas academias científicas (OLIVEIRA, 2020). É necessário um olhar crítico

negro sobre as teorias euro-centradas. Muito é dito sobre o racismo dentro da psicologia, sobre a lacuna social de uma raça superior oprimindo uma raça inferior (DAMASCENO; ZANELLO, 2018). Seguindo essa perspectiva é notório o quanto as academias precisam colocar em prática o que ensinam na teoria contra o racismo. Se um dos objetivos do trabalho da psicologia enquanto ciência é a promoção da igualdade e a de colaborar com estudos e produção de teorias, por que não incluímos autores negros nas ementas? (SILVA *et al.*, 2020)

Conclusão: A discussão sobre o racismo na contemporaneidade é de grande relevância, principalmente dentro das academias onde tanto se fala sobre o assunto, e às vezes parece ficar somente na teoria. Se cabe a psicologia olhar o que não está explícito (SILVA *et al.*, 2020), por que escutamos muito sobre a teoria de Freud em uma perspectiva moderna e biopsicossocial e não escutamos sobre a teoria aplicada de Neusa Souza ou de Virginia Bicudo? Pouco é visto das produções de pessoas brasileiras negras dentro das academias, desde o início da psicologia no Brasil as teorias são importadas e as produções do nosso país não recebem a devida importância. A psicologia sendo uma ciência ligada à análise da subjetividade, da pessoa como um “todo”, levando em consideração seu contexto histórico, social, cultural, deveria parar de importar conteúdos e passar a usar autores Brasileiros, principalmente os que mais estão sendo excluídos, que no caso são exatamente autores e autoras negras.

Referências –

BENEDITO, M. S.; FERNANDES, M. I. A. Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, n. 229997, p.1-16, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/6qtXvXGFnYmBfNwzhGSwjRM/?format=html>>. Acesso em: 24 set. 2022.

DAMASCENO, M. G.; ZANELLO, V. M. L. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 450-464, set. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/gPSLSxDcHDhDccZgpk3GNVG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 24 set. 2022.

DE SOUZA, R. M. Relações raciais e saúde: cientistas negras da psicologia. In: OLIVEIRA, R. M., SILVA, K. C. A., SANTANA, A. F. S. (Orgs.) **Psicologia da UFRB: Diversidade e Territorialidade**. Bahia, editora UFRB, 2022, p. 25-55, 2022.

OLIVEIRA, R. M. Cheiro de alfazema: Neusa Souza, Virgínia e racismo na psicologia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. SPE, p. 48-65, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300005. Acesso em: 24 set. 2022.

SILVA, S. *et al.* **Racismo no contexto contemporâneo: Contribuições da Psicologia social para a problematização do preconceito**. 2020, 27 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – UNIVAG Centro Universitário, Várzea Grande, 2020. Disponível em: <http://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/viewFile/607/604>. Acesso em: 24 set. 2022.

DESMITIFICANDO A IMAGEM NEGATIVA SOBRE O ENVELHECIMENTO

Bruna Helena Alvares Gouveia¹; Karen Mariana Domingos Lopes²; Leticia Costa Estore³; Mayara Moreira Fidalgo⁴; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – gouveiabruna44@gmail.com;;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - mayara_fidalgo@hotmail.com;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - karenlopespsico@gmail.com

⁴Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - leticiaestore01@gmail.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizabaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: envelhecimento, estereótipos, intergeracionais, conflito de gerações, idosos.

Introdução: O envelhecimento é um fenômeno que, a cada dia, tem se tornado mais relevante na nossa sociedade. No Brasil o número de idosos com mais de 60 anos alcança 32 milhões em 2020 (VERAS; OLIVEIRA, 2018). Segundo o IBGE (2022), Em dez anos, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais passou de 11,3% para 14,7% da população. O aumento vem acompanhado de necessidades de políticas públicas que atendam adequadamente às perspectivas dos idosos, emergentes no país. Como o Brasil não se projetou adequadamente para atender às necessidades da população idosa, o envelhecimento é tratado como um “problema” e não como uma conquista, sendo os idosos vistos como um encargo para a família, para o Estado e para a sociedade (JARDIM; MEDEIROS; BRITO, 2006). Neste mesmo sentido, Uchôa, Firmo e Lima-Costa (2002) trazem que normalmente a sociedade entende essa fase como algo negativo, como o fim da vida e associa como doença, sofrimento, morte, solidão. Mas alguns estudos sobre ao envelhecimento também apontam que existem estereótipos positivos sobre esse grupo e estão associados a gentileza, sabedoria, confiabilidade, afluência, poder político, liberdade, juventude prolongada e felicidade (PALMORE, 1999 *apud* VIEIRA; LIMA, 2015).

Objetivos: O objetivo do presente estudo foi revisar a literatura sobre a velhice e propor uma reflexão sobre aspectos positivos do envelhecimento.

Relevância do Estudo: A sociedade tem ressaltado o olhar negativo e preconceituoso sobre o envelhecimento. Com o avanço da medicina e maiores cuidados com a saúde promovendo mais longevidade e bem-estar, faz-se necessário dirimir o estigma sobre a velhice abordando aspectos positivos.

Materiais e métodos: Foram realizadas revisões bibliográficas de artigos científicos publicados em periódicos na base de dados do google acadêmico utilizando os descritores: envelhecimento; estereótipos; intergeracionais; conflito de gerações, idosos.

Resultados e discussões: Para Vieira e Lima (2015), podemos olhar a velhice com a imagem negativa que reflete a decadência do idoso, os gastos públicos e a desvalorização do grupo no sistema capitalista; e com olhar mais otimista, na visão de que os idosos podem ser ativos, e contrapor os estereótipos negativos da velhice ao redefinir sua experiência de vida, passando, inclusive, a serem vistos como uma nova demanda no mercado consumidor. De acordo com Beauvoir (1990) citado por Minó e Melo (2021), a velhice pode ser exaltada por sua pluralidade de experiências individuais, já que o idoso deve ter adquirido muitos conhecimentos durante sua vida, e essa vivência denota como detentor de grande sabedoria. Acordado a isso a velhice deve ser celebrada por significar uma etapa da vida no qual nem todos possuem o privilégio de chegar. Para Jardim; Medeiros e Brito

(2006), é evidente a importância dada pelo idoso à família, pois é no convívio familiar que ele reafirma seu papel enquanto ser social, positivando a velhice e o envelhecimento. Estes mesmos autores trazem também sobre a independência financeira ser importante fator de posituação da velhice por parte do idoso, pois o idoso é uma pessoa que conquistou sua independência financeira, ele constrói uma visão da velhice como uma fase normal, no qual existem mais conquistas do que perdas.

Conclusão: Podemos concluir que a velhice merece e deve ser exaltada por um todo, já que a pessoa idosa deve ter adquirido ao longo de sua vida muitas experiências, as quais denotam que os mesmos são detentores de muitas sabedorias, pressupondo isso, a velhice é uma fase a qual deve ser comemorada e respeitada por representar uma fase a qual nem todos possuem a chance de alcançar. Desse modo, é importante desmistificar as representações sociais negativas, assim como acepções e conceitos contraproducentes, para impedir a exclusão dos idosos na sociedade e salientar que as características relacionadas ao envelhecimento podem ser diferentes ou de intensidades distintas de acordo com o histórico de vida de cada pessoa.

Referências –

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021.** Notícia publicada em 22 jul. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021> Acesso em: 24 set. 2022.

JARDIM, V. F.; MEDEIROS, B. F.; BRITO, A. M. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista Brasileira geriatria gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 25 – 34, ago./ 2006.

MINÓ, N.M.; MELLO, R. M. A. V. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. **Oikos: família e sociedade em debate**. Viçosa, v. 32, n. 1, p.273-298, abri./ 2021

UCHÔA, E. J.; FIRMO, J.O.A; LIMA-COSTA, M. F. F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (Orgs.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. (online) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 25-35. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-03.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

VERAS, R. P; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1929-1936, jun./ 2018.

VIEIRA, R. S. S.; LIMA, M. E. O. Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas em psicologia**, Aracajú, v. 23, n. 4, p. 947-958, dez. 2015.

“ADOLESCER”: É POSSÍVEL VIVER ESSA FASE

Josiane Fernandes Lozigia Carrapato¹; Fabiana Silva de Paiva²; Marta Alice Nelli Bahia³; Natasha Castilho de Oliveira⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB jo.carrapato@uol.com.br

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB fab.sp@terra.com.br;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru-FIB manbahia1@yahoo.com.br

⁴Psicóloga e Supervisora de Estágio – Casa da Mulher casadamulher@bauru.sp.gov.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Adolescência, Organização, Desenvolvimento, Psicologia

Introdução: A partir da realização dos estágios básicos realizamos a elaboração de um projeto interventivo junto a Casa da Mulher. A última etapa do estágio foi a criação do grupo terapêutico para adolescentes e jovens. A Casa da Mulher foi inaugurada em 13 de dezembro de 2019, sendo um serviço de saúde do Departamento de Unidades Ambulatoriais da Divisão de Unidades Referenciais. Esse serviço presta um conjunto de ações para atender as mulheres na área da saúde. Neste serviço há o Ambulatório do Planejamento Familiar, o Ambulatório de Gestação de Alto Risco e o Ambulatório de Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência. O conceito de adolescência **aparece tardiamente na cultura ocidental**, no início do século XX. Porém, antes que se possa fazer referência a um sujeito adolescente é possível observarmos algumas marcas iniciais que vão delineando a diferença entre gerações e inaugurando esse novo lugar ou “sentimento” no laço social. A adolescência consolidou-se como **categoria social no século XX.**, sendo que a ideia de adolescência articula as definições de cada cultura. Nessa perspectiva, **não haveria uma adolescência universal** ou natural, mas várias adolescências construídas (quando o são) por determinadas culturas (LE BRETON, 2017; MORAES; WEINMANN, 2020). A definição de adolescência está interligada com aspectos culturais e sociais, assim sabemos que antigamente não havia essa definição de ser adolescente. Na fase da adolescência há o distanciamento dos pais e o interesse por relacionamentos com os pares/colegas, na busca por experiências de intimidade sexual e por uma identidade social. O fato de adolescente procurar o convívio de seus pares torna o atendimento grupal um ambiente privilegiado para que ele possa expressar seus sentimentos e trocar informações e experiências (ALMEIDA *et al.*, 2014; PICCIN *et al.*, 2019).

Objetivos: Promover o bem-estar biopsicossocial. Os **objetivos específicos** são: propiciar estratégias para auxiliar na melhora da autoestima, autoconhecimento, autoimagem e qualidade de vida; promover reflexões sobre o processo de naturalização da violência contra a mulher e levar informações diversificadas como IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis, Métodos Contraceptivos, significado de “ser adolescente”, etc.

Relevância do Estudo: Implantação de grupo terapêutico às adolescentes e jovens inseridas na Casa da Mulher na última etapa do Estágio Básico.

Materiais e métodos: Trata-se da descrição do projeto de intervenção e a execução do grupo terapêutico. Foi realizada uma pesquisa em artigos com temas inerentes à elaboração do grupo terapêutico.

Resultados e discussões: A adolescência é uma fase do desenvolvimento com muitos questionamentos, sofrimento psíquico, preocupações com o corpo ideal, reflexões como “O que vou ser quando eu crescer”, mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Quando a violência está presente na infância e adolescência acontecendo no ambiente familiar, a

situação fica bem mais complicada e traumática. As “violências domésticas” ocorrem no âmbito familiar ou doméstico, entre quaisquer dos membros da família. Destaca-se o fato de esse tipo de violência estar sendo, aqui, referido no plural, por se tratarem de diversas formas de violência que podem ocorrer nesse espaço. Dentre os possíveis agressores estão pessoas conhecidas como: namorados, pais, padrastos, tios, avôs, ex-namorados, padrinhos, pastores, treinadores, etc (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007). Diante da realidade de ser adolescente/jovem, vítima de violência implantamos um grupo terapêutico com nove encontros. O grupo é um local potente para o desenvolvimento da autonomia, empoderamento e cidadania dos adolescentes, constituindo-se em uma ferramenta que busca dar visibilidade a essa parcela da população que está em um período de transformações biopsicossociais (ALMEIDA et al., 2014). O **primeiro encontro** ocorreu com o objetivo de apresentar o projeto às adolescentes para verificar suas necessidades. O **segundo encontro** foi uma oficina com questões reflexivas sobre o que é “SER” adolescente e sobre o que é “Saúde Mental”. O **terceiro encontro** foi através de dinâmica de grupo para promover o desenvolvimento de autoestima. O quarto encontro foi uma oficina reflexiva sobre a definição de violência. O **quinto encontro** foi uma oficina sobre sexualidade e métodos contraceptivos. O **sexto encontro** foi a oficina autoconhecimento – despertando as qualidades de cada adolescente em trabalhar emoções e sentimentos. O **sétimo encontro** será uma oficina para conhecimento sobre as substâncias psicoativas e as estratégias de redução de danos, no **oitavo encontro** planejamos uma oficina autoimagem – dinâmica de grupo com espelho para valorização da imagem corporal. O **nono e último encontro** será realizado uma sessão cinema.

Conclusão: Concluímos que o grupo terapêutico é um espaço importante para as adolescentes e jovens resgatarem a autoestima, bem como poderem verbalizar seus pensamentos, emoções e comportamentos. Através do grupo a psicologia pode intervir com a utilização de diversas técnicas. Salientamos que durante o desenvolvimento do grupo as adolescentes conseguem perceber a si mesmo pensando em estratégias para não repetir o padrão de violência vivenciado durante sua vida.

Referências:

- ALMEIDA, I. S.; *et al.* Grupo de adolescentes como estratégia de promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos. **Revista Adolescência e Saúde**, v. 11, n. 2, 87-91, 2014.
- LE BRETON, D. **Uma breve história da adolescência** (A.M. C. Guerra et al., trads.). Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2017.
- MORAES, B.R. de; WEINMANN, A. de O. Notas sobre a história da adolescência. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 2, p. 280-296, 2020.
- PICCIN, J., et al. Focos da atenção na adolescência. *In*: CORDIOLI, A. V.; GREVET, E. H. (Org.). **Psicoterapias: abordagens atuais**. 4 ed., p. 347-362. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- SILVA, L.L.; COELHO, E.B.S.; CAPONI, S.N.C. Violência Silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007.

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL POSITIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Josiane Fernandes Lozigia Carrapato¹; Gabriel Persin Jandreice²; Yasmim Yzabelle Marques³; Dayara Jhenyffer de Angelo Galiano Fonseca⁴; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB jo.carrapato@uol.com.br

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB gabrieljandreice@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mymmarques26@gmail.com

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB dayaragaliano@outlook.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizacaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia Positiva, Organização, Desenvolvimento, Psicologia

Introdução: A psicologia positiva é uma estratégia teórica, na qual traz possibilidades para o desenvolvimento contínuo da saúde mental do trabalhador. Os trabalhadores vivenciam uma realidade no sistema capitalista de excesso de atividades, cumprimento de metas, perda de benefícios para manutenção do trabalho e conseqüentemente é visto como uma máquina para atingir o almejado lucro. Obviamente, muitas organizações buscam a qualidade de vida dos trabalhadores contratando uma equipe para atuar diretamente com seus colaboradores, incluindo o psicólogo com uma visão ampliada do ser humano. O objetivo da Psicologia Positiva é mudar o foco, que antes era resolver apenas o que está ruim na vida dos seres humanos para a construção de qualidades positivas (RIBEIRO; SILVA, 2018). Segundo Zimmermann e Berni (2020), a **Psicologia Positiva** é uma teoria com possibilidades de construir na prática uma visão ampliada deste trabalhador, e conhecer sua identidade com a utilização de instrumentos de avaliação de constructos positivos. Esses constructos são as **Virtudes** e Forças de **Caráter**. As **virtudes** abrangem a sabedoria e conhecimento, coragem, bondade, justiça, temperança e transcendência. As **forças de caráter** contemplam criatividade, curiosidade, originalidade, gosto pela aprendizagem e empatia; autenticidade, ousadia, persistência e entusiasmo; amor e inteligência social; equidade, liderança e trabalho em equipe; autocontrole, perdão, modéstia e prudência; apreciar a beleza e excelência, gratidão, esperança, humor e espiritualidade. A Psicologia Positiva é uma teoria que busca estudar os aspectos positivos do ser humano com o objetivo de tornar a vida das pessoas mais gratificante e prevenir doenças, bem como promover a saúde (BACCIN *et al.*, 2020).

Objetivos: Descrever as contribuições da Psicologia Positiva perante a Saúde Mental dentro do contexto Organizacional.

Relevância do Estudo: Identificar os aspectos relevantes da teoria da psicologia positiva e suas contribuições no desenvolvimento da saúde mental do trabalhador, bem como a importância do psicólogo nesse contexto.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica descritiva referente ao tema publicado entre os anos 2012 a 2022. Foi realizada uma pesquisa em base de dados na Bireme, Pubmed e na ferramenta Google Acadêmico. Foram utilizados na busca os seguintes descritores: Psicologia Positiva, Saúde Mental, Saúde Ocupacional, Motivação, Psicologia.

Resultados e discussões: Através da psicologia podemos compreender o trabalhador com foco nos aspectos positivos da vida humana e suas influências no equilíbrio das pessoas. A psicologia positiva procura discutir, entender e promover questões relacionadas com a saúde e os fatores positivos do ser humano, aspectos esses que contribuem com o

desenvolvimento do comportamento organizacional positivo. Há possibilidades da realização de Programas de Desenvolvimento Positivo, na qual envolvem intervenções com maior amplitude, com foco em construir qualidades positivas nas pessoas e em promover aspectos positivos do desenvolvimento (BACCIN *et al.*, 2020). Os avanços da Psicologia Positiva proporcionam o **bem-estar, engajamento e redesenho do trabalho**. O modelo de **bem-estar** é estruturado na autonomia, propósito de vida, domínio do ambiente, crescimento pessoal, autoaceitação, relações positivas com os outros. O **engajamento no trabalho** é definido como um estado mental positivo que desencadeia a sensação de bem-estar, preenchimento e identificação em relação ao trabalho. O **redesenho do trabalho** consiste em comportamentos positivos e funcionais que objetivam a melhoria de tarefas e processos, muito embora não façam parte das descrições formais de cargos (VASQUEZ; FERREIRA; MENDONÇA, 2019). A felicidade e a percepção de satisfação geral com a vida são aspectos que se encontram relacionados às emoções positivas. O objetivo da Psicologia Positiva é **mudar o foco da psicologia** em resolver apenas o que está ruim na vida dos seres humanos para a construção de qualidades positivas. Ela busca estudar as características, condições e processos que conduzem o florescimento humano (SELIGMAN, 2011). De acordo com Ribeiro e Silva (2018), a construção do fenômeno **Felicidade no Trabalho** representa um desafio para psicólogos interessados na compreensão do que significa ser feliz no trabalho.

Conclusão: Concluimos que a **Psicologia Positiva** contribui para mudança de paradigma que a psicologia não é apenas o estudo da patologia, mas é possível ter uma visão positiva do ser humano contribuindo para identificar, fomentar, desenvolver e ampliar qualidades, talentos e potencialidades. A adoção da **psicologia positiva** no ambiente de **trabalho** traz benefícios, como: maior produtividade individual e coletiva; maior engajamento dos colaboradores; habilidade para resolução de problemas e conflitos; mais disposição para se envolver nas questões do **trabalho**; pensamento original e criativo. A Psicologia Positiva com essa visão torna o psicólogo como um profissional capaz de realizar ações para evitar o adoecimento e o sofrimento na vida pessoal e profissional de todo ser humano.

Referências

- BACCIN, A. A. *et al.* Revisão sistemática: a psicologia positiva e sua aplicação nos contextos do trabalho. **Psico**, Porto Alegre, p. 32384-32384, 2020.
- RIBEIRO, D. S. R.; SILVA, N. Significados de felicidade orientados pela psicologia positiva em organizações e no trabalho. **Psicol. Caribe**. vol. 35 no.1 Barranquilla Jan./Apr. 2018.
- SELIGMAN, M. E. P. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar**. Tradução Cristina Paixão Lopes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. recurso digital Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2012.
- VAZQUEZ, A. C. S.; FERREIRA, M. C.; MENDONÇA, H. Avanços na Psicologia Positiva: Bem-Estar, Engajamento e Redesenho no Trabalho. **Avaliação Psicológica**, v. 18, n. 4, 2019.
- ZIMMERMANN, B. M.; BERNI, L. B. A importância da Aplicação da Psicologia Positiva na Saúde e Segurança Ocupacional: Uma Revisão. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v.21, n.1, p. 187-198, 2020.

RELAÇÃO DOS PROFESSORES COM ALUNOS NEUROATÍPICOS

Thiago Calderari de Sousa¹; Lara Campanhã Salgado²; Gabriel Cortesini Borges da Silva³; Fabiana Silva de Paiva⁴; Carolina Tarcinalli Souza⁵

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB psicothiagocsousa@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB laracampanha@gmail.com;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB gacortesinipsico@gmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB fab.sp@terra.com.br;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB caroltar11@hotmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: deficiência do aprendizado, treinamento de professores, educação especial, base curricular de mensuração, empatia.

Introdução: Na última década a porcentagem de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em uma perspectiva global é de 7,2%, o trabalho com essas crianças tem sido estudado e aprofundado (PAES; RENK; SIMÃO-SILVA, 2022). Como é sabido, o TDAH é um transtorno neurocomportamental e multifatorial caracterizado por padrões persistentes de desatenção, desorganização, impulsividade e hiperatividade, por isso um trabalho apropriado com empatia no processo de ensino-aprendizagem se faz necessário (ABRAHÃO *et al.*, 2020). De Saenz *et al.* (2020) destacam que uma relação empática entre professor e aluno, promove um ambiente acolhedor, considerado ideal para o aprendizado cognitivo e emocional. A empatia no trabalho pedagógico é um fator facilitador no processo de aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, resulta na melhoria contínua da qualidade de ensino.

Objetivo: Sublinhar que a relação entre professores e alunos quando exercida englobando aspectos de empatia e métodos de reforçamento resultam em relações positivas e na diminuição de experiências traumáticas, maximizando o processo de ensino-aprendizagem em casos de crianças neuroatípicas.

Relevância do Estudo: A inclusão educacional dirigida às crianças com TDAH é considerada por diversos autores internacionais e nacionais como um desafio a ser transposto., por isso estratégias pedagógicas, ações instrucionais e metodologias aplicadas auxiliam os alunos com TDAH em suas dificuldades, promovendo e facilitando o acesso do mesmo dentro do seu processo de formação.

Materiais e métodos: Foram compilados artigos que abarcam entre os anos de 2012 a 2022, averiguados nas bases de dados do SciELO, PubMed, buscando os seguintes descritores: deficiência do aprendizado, treinamento de professores, educação especial, base curricular de mensuração, empatia.

Resultados e Discussões: Segundo Paes, Renk e Simão-Silva (2022) o contexto atual demonstra que as crianças com TDAH são ainda vistas predominantemente como um problema de saúde, gerando estigmas e dificultando o processo de inclusão, as dificuldades de comportamento dentro de sala de aula, quando não corretamente administradas por professores competentes, reforçam preconceitos e medicalização deste público, portanto é aconselhado aos professores que aprofundem seus conhecimentos quanto aos transtornos de seus alunos para que possam ajudá-lo com estratégias de aprendizado. No caso dos transtornos de TDAH, o professor auxilia o aluno a desenvolver estratégias para organizar e facilitar o aprendizado (INÁCIO; OLIVEIRA; MARIANO, 2017). No estudo de Pimentel, Albuquerque e Azevedo (2022), analisaram profissionais da educação envolvidos

com alunos com TDAH no processo ensino-aprendizagem por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontaram que uma visão mais reflexiva, sobre a importância da formação do pedagogo para lidar com o TDAH, junto com a família e escola obtém êxito no desenvolvimento do potencial do aluno. Para Silva, Santos e Oliveira Filho (2015) analisaram sobre TDAH a partir do olhar de professores do ensino fundamental das redes pública e privada em Pernambuco, refletindo sobre aspectos do modelo escolar vigente e manifesta as dificuldades da inserção e inclusão no espaço educacional. Os resultados mostraram uma preocupação perante a esses alunos devido ao processo de ensino-aprendizagem. Corroborando com os achados Inácio, Oliveira e Mariano (2017) verificando a percepção dos professores sobre estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem, apontam que os educadores compreendem os benefícios dos estilos intelectuais para potencializar o aprendizado. Nessa pesquisa, quanto à estratégia, os docentes perceberam que seus alunos, de modo geral, buscavam se adaptar aos desafios impostos pelo transtorno, criando técnicas de assimilação em seus estudos, como sublinhar, anotar, pesquisar, reler e pedir ajuda.

Conclusão: O grupo de pessoas com TDAH demonstra potencialidades e déficits que devem ser avaliadas e analisadas na gênese de estratégias de ensino. Por outro lado, percebe-se que o uso da empatia na busca de entender os sentimentos e aprofundamento dos conhecimentos a respeito do transtorno favorece o trabalho com esse público dentro das escolas.

Referências:

ABRAHÃO, A. L. B. *et al.* Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), inclusão educacional e Treinamento, Desenvolvimento e Educação de Pessoas (TD&E): uma revisão integrativa. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 2, p. 1025-1032, 2020.

DE SAENZ, C. C. B. *et al.* Empatia no processo de ensino e aprendizagem no ensino superior em saúde. **Atas de Ciências da Saúde**, v. 9, n. 3, p. 12-27, 2020.

INÁCIO, F. F.; OLIVEIRA, K. L.; MARIANO, M. L. S. Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: percepção de professores do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n.3, p. 447-455, 2017.

PAES, S. S. M.; RENK, V. E.; SIMÃO-SILVA, D. P. A inclusão de alunos com TDAH – um decênio das diretrizes de Educação Especial em Santa Catarina: um modelo de beneficência? **Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]**. v. 30, n. 114, p. 254-273, 2022.

PIMENTEL, L. N. O.; DE ALBUQUERQUE, S. R.N.; AZEVEDO, G. X. DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM EM CRIANÇAS COM TDAH. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação**, v. 8, n. 1, p. 202-224, 2022.

SILVA, S. P.; SANTOS, C.P.; OLIVEIRA FILHO, P. Os significados do TDAH em discursos de docentes dos anos iniciais. **Pro-Posições**, v. 26, n.2 p. 205-221, 2015.

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA OBESIDADE INFANTIL

Maria de Fátima Cruz Ferreira Jorge Varalta¹; Vera Lucia Luvizutto Okubo²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB fatima.varalta@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Obesidade; Publicidade Infantil; Influência da Mídia; Alimentação Infantil.

Introdução: As crianças, no mundo atual, nascem rodeadas pela mídia. Não só a TV, o rádio, os jornais, as revistas, sendo estes objeto de antigas discussões. Existem telas em elevadores, computadores que estão se tornando equipamentos universais. Anúncios publicitários são veiculados em videogames. Mensagens circulam em e-mails e redes sociais. Estamos em um mundo de promoções e de marketing, colaborando para que se desenvolva a obesidade desde a infância.

Objetivos: Discutir a influência que a mídia exerce no consumo alimentar infantil e sua interferência nos aspectos relacionados a obesidade.

Relevância do Estudo: A obesidade é um distúrbio predominante que não é vista apenas como uma doença orgânica ou social, sendo de extrema importância verificar o fator emocional e comportamental da criança que a apresenta, bem como a influência da mídia na obesidade infantil.

Materiais e métodos: No que tange aos aspectos metodológicos, tratou-se de revisão bibliográfica, sendo utilizadas a busca de artigos nas bases de dados Literatura Latino-americana do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Electronic Library Online (SciELO), biblioteca virtual em saúde (BVS) e portal periódicos CAPES/MEC, sendo utilizados os seguintes descritores: “nutrição” (*nutricion*), “influência” (*influence*), “mídia” (*media*) e “obesidade infantil” (*child obesity*), a partir dos quais foram feitas combinações.

Resultados e discussões: Com a crescente presença de tecnologias digitais, algumas crianças passaram a usar as tecnologias e ser cada vez mais consumidoras, utilizando um importante nicho de mercado, principalmente com o acesso à internet e a tecnologia na vida das famílias. Moura (2015) analisou a mídia e o comportamento alimentar e percebeu que é grande a influência que o marketing exerce no comportamento alimentar de crianças e adolescentes, bem como o tempo gasto com a internet e jogos eletrônicos, além de TV, tablet e afins e nesse mercado de consumo, as propagandas e as publicidades dirigidas às crianças utilizam métodos e estratégias das mais variadas formas, para promover um produto. Assim, com efeitos coloridos e animados, e músicas fáceis de decorar as publicidades e propagandas auxiliam na fixação da mensagem, e são utilizadas as vezes de maneira excessiva na promoção de um produto. Nesse contexto, segundo Fantin e Muller (2016) diversos aparelhos eletrônicos e digitais começam a desempenhar a função de “babá”, e plataformas como YouTube acabam estimulando ainda mais a cultura do consumo, e com isso, Fogaça, Oliveira e Oliveira (2014) complementa dizendo que os hábitos alimentares das crianças tiveram mudanças significativas nos últimos anos com o aumento da ingestão de doces, refrigerantes, biscoitos e bolachas industrializadas e a diminuição do consumo de frutas, verduras, arroz e feijão em decorrência do uso desordenado de aparelhos eletrônicos, internet, computadores, celulares, vídeo games entre outros, o que favorece o sedentarismo, a ansiedade, aumentando a compulsão alimentar e favorecendo para o desenvolvimento da obesidade infantil. A grande maioria das

publicidades de alimentos está relacionada às redes de fast foods, como por exemplo, a Rede norte-americana McDonald's, vinculando seus produtos a personagens exclusivos e colecionáveis em formato de brindes, a fim de atrair as crianças (VIVARTA, 2013). Crianças no período pré-escolar, possui qualidades cognitivas e motoras que lhes permitem explorar de modo eficiente o meio à sua volta, somado a facilidade tecnológica e o conforto dos meios de comunicação acabam sendo fatores responsáveis pela incidência elevada da obesidade infantil (NEVES, 2010). Os alimentos mais consumidos diante de aparelhos tecnológicos estão os farináceos, fontes de gorduras, ácidos graxos e açúcares, grandes aliados na obesidade infantil, podendo desenvolver outras patologias como doenças cardiovasculares, diabetes, pressão alta, dentre outros e a partir disso verificou-se uma relação direta entre a influência da mídia e as escolhas alimentares (BORGES et al., 2007).

Conclusão: O hábito de estar em contato com a mídia, faz com que crianças e adolescentes adotem um padrão alimentar não saudável, sendo expostos a inúmeros anúncios que podem influenciar as preferências alimentares e o consumo em curto prazo. Com isso, seria de suma importância o monitoramento dos pais, bem como a necessidade de medidas eficazes rigorosas que fiscalizem regularmente a propaganda e publicidade da mídia, focando em uma alimentação saudável desde a infância.

Referências

BORGES, C. R. et al. Influência da televisão na prevalência da obesidade infantil em Ponta Grossa, Paraná. **Revista Cienc Cuid Saude**, v. 6, n. 3, p. 305-311, 2007.

FANTIN, M.; MULLER, J. Espaços de cultura e consumo em eventos para a criança. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13, n. 31, p. 322, 22 Jul 2016. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/1916/1151>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FOGAÇA, L. M.; OLIVEIRA, D. S.; OLIVEIRA, T. Análise das propagandas de alimentos e a influência na obesidade infantil. **Revista Interciência e sociedade**, v. 3, n. 2, p. 9-16, 2014.

MOURA, N. C. Influência da mídia no comportamento alimentar de crianças e adolescentes. **Segurança Alimentar e Nutricional**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.1-113, fev. 2015.

NEVES, P. M. J.; TORCATO, A. C.; URQUIETA, A. S. Importância do tratamento e prevenção da obesidade infantil. **Revista Arq Cienc Saúde**, v. 17, n. 3, p. 150-153, 2010.

VIVARTA, V. **Direitos da infância e direito à comunicação: fortalecendo convergências nos marcos legais e nas políticas públicas**. Brasília, DF: ANDI, 2013.

COMO A INTERNET PODE INFLUENCIAR NO AUMENTO DE CASOS DE TRANSTORNOS DE ANSIEDADE ENTRE OS ADOLESCENTES: UMA VISÃO PSICANALÍTICA

Luana Rita Sulato¹; Cristiane Araújo Dameto²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – luana.rita.sulato@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – crisdameto@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: adolescente; ansiedade; internet; psicanálise.

Introdução: Estudiosos no assunto referem que a adolescência é uma das fases mais difíceis da vida. Para a psicanálise, a adolescência é uma etapa importante para a subjetividade, em que é realizado um processo de luto por perdas como o corpo infantil, pelos pais da infância, quando começa a acontecer o entendimento de identidade e escolhas a serem tomadas (ZUANAZZI; SEI, 2017).

Com esse avanço no uso da internet pelos adolescentes, é importante identificar algumas consequências em seu desenvolvimento como o aumento da ansiedade ou até mesmo o desenvolvimento de transtornos de ansiedade que podem estar associados ao uso indiscriminado dessa ferramenta. A vulnerabilidade se faz presente na adolescência, e por causa dela, os adolescentes podem apresentar prejuízos que são associados aos transtornos de ansiedade, como dificuldades em relacionamentos interpessoais, baixa autoestima, baixo desempenho e/ou evasão escolar, e prejuízos envolvendo a memória, percepção e/ou pensamento (FERNANDES *et al.*, 2014).

Objetivos: O objetivo do presente estudo foi investigar as consequências do uso excessivo da internet entre os jovens e como a psicanálise analisa tais consequências.

Relevância do Estudo: Diante do exposto acima, considerando que a internet é uma das mais importantes ferramentas utilizadas pelos jovens na atualidade, o presente estudo torna-se relevante ao propor o levantamento sobre como o uso de tal ferramenta pode influenciar no indiscriminado desenvolvimento e aumento da ansiedade nessa população, e como a psicanálise analisa tal evento.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. A pesquisa foi feita através do levantamento bibliográfico de artigos nos idiomas português e inglês, nas bases de dados da Google acadêmico, Pepsic e SciELO, no período de 2013 a 2021, além de livros consultados eletronicamente. Foram utilizados os seguintes descritores: Adolescente (*Adolescent*); Ansiedade (*Anxiety*); Internet (*Internet*); Psicanálise (*Psychoanalysis*).

Resultados e discussões: Por meio dos estudos, é perceptível que um dos possíveis fatores do desenvolvimento da ansiedade em adolescentes pode ser o uso abusivo da internet, no qual auxilia em tarefas e facilita entretenimento, onde paralelamente coincide com o aumento de transtornos de ansiedade em jovens (CEREJA; NOBRE, 2018). Atualmente um problema para a saúde mental e física dos jovens é seu uso problemático e o vício que pode ser causado por questões específicas, como as mídias sociais, que uma cultura de comparação se faz presente e acabam por adoecerem cada vez mais. Estudos demonstram que esse problema contribui para o aumento de depressão por causa da imagem corporal, solidão, cyberbullying, falta de sono, além da ansiedade (SINGH *et al.*, 2020). Falar sobre ansiedade é conseqüentemente falar de psicologia e suas abordagens.

Um das dessas abordagens, a psicanálise, afirma que o paciente precisa verbalizar para que a cura seja possível, e é através da fala que a subjetividade, seu corpo, seu ideal, questões psíquicas-sociais-culturais se evidenciam (PERES, 2018). O pai da psicanálise, Freud entendeu que a ansiedade é um acontecimento que afeta diretamente o ser, onde os distúrbios vêm das reações dos organismos diante de situações estimulantes (os famosos gatilhos), e o fato do ser estar sempre vulnerável a tais gatilhos e não ter controle sobre eles acaba tornando o dia a dia extremamente desgastante. Isso se torna mais evidente no mundo moderno, onde a todo momento o sujeito é bombardeado de informações, acontecimentos e atividades que possam provocar estresse e elevar o nível de ansiedade nas pessoas, afetando seu convívio social (FERREIRA, 2020).

Conclusão: Por meio de todas as informações expostas durante o trabalho e os aprendizados durante a graduação, é possível constatar a importância de se problematizar a ansiedade advinda do uso excessivo da internet. Procurar ajuda por meio da psicologia e suas diversas abordagens mostra-se muito eficaz, como por exemplo a psicanálise que se apresenta capaz de proporcionar auxílio necessário para o problema. Cuidar da saúde mental é essencial para uma vida melhor, e tal assunto está englobado e merece atenção devido a atingir adolescentes cada vez mais novos.

Referências:

CEREJA, M. T. J.; NOBRE, T. L. O uso da internet e a relação com o sentimento de ansiedade em jovens entre 18 a 25 anos. **Leopoldianum**, v. 44, n. 124, p. 119-130, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/853>. Acesso em: 03 nov. 2021.

FERNANDES, L. F. B. *et al.* Prevenção universal de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão sistemática. São Paulo, **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 16, n. 3, p. 83-99, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v16n3/07.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2022.

FERREIRA, F. C. S. O transtorno de ansiedade (TA) na perspectiva da psicanálise. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v. 02, n. 12, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/transtorno-de-ansiedade>. Acesso em: 27 out. 2021.

PERES, K. R. L. **Transtorno de ansiedade social: psiquiatria e psicanálise**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 1-80, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-165234/publico/peres_me.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

SINGH, A. *et al.* Impact of Social Media on Adolescent's Mental Health. **International Journal of Creative Research Thoughts (IJ CRT)**, v. 8, n. 7, p. 38373843, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343205479_Impact_of_Social_Media_on_Adolescent's_Mental_Health. Acesso em: 26 out. 2021.

ZUANAZZI, A. C.; SEI, M. B. A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. Rio de Janeiro, **Psic. Clin.**, vol. 29, n. 1, p. 91-110, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n2/06.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2022.

O NORMAL E O PATOLÓGICO: OS DIFERENTES MODOS DE SER ALÉM DO FENÔMENO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Beatriz Matheus Guerreiro; João Paulo Martins²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – biamg Guerreiro@hotmail.com;

² Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – joão.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Autismo; Fenomenologia; Decolonialismo; Deficiência; Normalidade; Patologização.

Introdução: A concepção de saúde se dá de diferentes maneiras ao longo do tempo e de cada sociedade, sendo assim, o conceito se define de acordo com o local, a classe social, os valores individuais, a época e as concepções filosóficas, científicas e religiosas. Com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), não é diferente, a maneira que o fenômeno é visto na atualidade passou por um processo histórico, até a criação do DSM-V, em que é denominado como Transtorno do Espectro Autista, apresentado como um transtorno do neurodesenvolvimento e identificado pelo número 299.00 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; DA SILVA, 2012). O autismo de maneira autônoma, foi reconhecido através das pesquisas de Leo Kanner e Hans Asperger, respectivamente. Em 1943, o médico psiquiatra austríaco naturalizado norte-americano, Kanner, ao realizar estudos com onze crianças, consta um padrão atípico em relação à maioria das outras crianças, evidenciando principalmente, o comportamento de isolamento e algumas perturbações nas relações de afeto (MARFINATI; ABRÃO, 2014; DONVAN; ZUCKER, 2017). Muitos outros modos de olhar para o fenômeno foram sendo trazidos durante o passar do tempo, de modo que o pensamento presente em cada época define e descreve os critérios diagnósticos, assim como toda e qualquer tradição hermenêutica.

Objetivos: O objetivo da pesquisa é compreender o conceito do normal e patológico, através dos diferentes modos de olhar para o fenômeno do TEA, refletindo sobre os diferentes modos de reabilitação levando em consideração questões contextuais que desvelam tal fenômeno.

Relevância do Estudo: O estudo em questão destina-se a melhor compreensão sobre o fenômeno do TEA e as técnicas de reabilitação diante de cada contexto histórico apresentado, tornando-se relevante e pertinente para a comunidade acadêmica científica, pois, destaca como o processo de patologização e reabilitação se moldam ao longo da dinâmica epocal vivenciada. Considerando a importância de entender o modo de ser no mundo do indivíduo para além do diagnóstico.

Materiais e métodos: A presente pesquisa foi uma revisão de literatura que se baseará nas compreensões fenomenológicas e decoloniais. As pesquisas foram realizadas através das bases de dados PePSIC, Scielo, Bireme e acervo pessoal, utilizando como critério publicações dos últimos 15 anos e clássicos da literatura. Para busca dos artigos foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: autismo; fenomenologia; decolonialismo; deficiência; normalidade; patologização. Utilizou-se os aspectos referentes a fenomenologia de Levinas (perpassando para os apontamentos de Levinas) e a proposta decolonial de Nelson Maldonado-Torres.

Resultados e discussões: Partindo de um horizonte histórico, a deficiência, é considerada um fenômeno, o qual possui conotação negativa, haja visto que em tempos atrás, conforme Amarilian (1986), os nascidos com deficiência eram literalmente banidos da sociedade, já que não eram capazes de responder funcionalmente como se esperava para contribuir com o desenvolvimento da comunidade. Consecutivamente, com o advento do cristianismo, a deficiência começou a ser vista como consequência de uma possessão demoníaca ou como

castigo advindo dos pecados cometidos pelos genitores. Figueira (2015) complementa que, essa visão se caracteriza como explicação metafísica e religiosa desse fenômeno. Ainda que a sociedade possa ter passado por uma “evolução”, a deficiência ainda é vista como algo em si mesmo e como algo que destoa do normal. A investigação metafísica, busca alcançar fundamentos fixos e inabaláveis que possam representar o universal, estando a noção de deficiência dentro dessa perspectiva, o olhar decolonial se debruça em tratar desse fenômeno como privativo e a partir de uma única ótica moderna hegemônica (LOPARIC, 2008). Tendo como inspiração Frantz Fanon (2008) e trazendo suas ideias em relação ao colonialismo para o campo da deficiência como inspiração, ele concebe que o conceito de negro jamais encontrará uma redenção, pois ele existe apenas para mostrar como o branco é bom, como o branco é superior. Fanon (2008, p. 178) ressalta (em tradução livre): “o homem negro quer ser como o homem branco. Para o homem negro há somente um destino. E ele é branco”. De forma similar, há como adaptar essa frase dizendo que a pessoa com deficiência quer ser normal e, para ela, há realmente apenas um destino: a normalidade (MARCONE, 2015). Um movimento de desconstrução torna-se importante, admitindo as diferenças como possibilidades e não como faltas. Contudo, não se sabe se isso seria possível em um contexto social, já que se espera que todos atinjam os mesmos objetivos dentro do mesmo espaço e tempo. Como se pode olhar a diferença como possibilidade e não monstruosidade, se as estruturas são, em si, normalizantes, construídas para aniquilar as diferenças? Esse é o maior desafio.

Conclusão: Conclui-se que não há espaço para que se “viva a deficiência”, mas sim um espaço que se pretenda chegar à normalidade. Nesse ponto, todos os deficientes, incluindo os autistas, não possuem lugar de fala, já que são menores e faltantes, e devem buscar, a todo momento, a cura para essas falhas. Diante dessa busca lhes são impostos métodos de reabilitação, os quais buscam enquadrar a pessoa com deficiência no conceito de normalidade imposto socialmente. Talvez, uma sociedade que perceba isso e aceite as diferenças como diferenças e veja que todos possuem diferenças entre si, necessite surgir. Enquanto isso, amamos o que as pessoas têm a potência ilusória de ser e passamos a odiar o que elas realmente são.

Referências:

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AMIRALIAN, M. L. T. M. **Psicologia do excepcional**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- DA SILVA, F. D. B. **Uma perspectiva histórica sobre o conceito de saúde, ao sistema único de saúde e a saúde do trabalhador**. 2012. 30 p. Monografia (Curso de Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/defesas/20180123095420.pdf>.
- DONVAN, J; ZUCKER, C. Outra sintonia: a história do autismo. Companhia das Letras, 2017.
- FANON, F. **Black Skin, White Masks** (1952). London: Pluto Press, 2008.
- FIGUEIRA, E. **Psicologia e inclusão: atuações psicológicas em pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2015.
- LOPARIC, Z. A metafísica e processo de objetificação. **Natureza Humana**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 9-44, jul.-dez., 2008.
- MARCONE, R. **Deficiencialismo: A invenção da deficiência pela normalidade**. 2015. 170f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.
- MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos da Clínica**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 244-262, ago., 2014. Disponível em: <https://bityli.com/bVCZtgsF>.

DO HIPOTÁLAMO À SOCIEDADE DO DESEMPENHO: OS DESAFIOS BIOPSISSOCIAIS DA PESSOA COM NARCOLEPSIA

Thiago Chioca Tavares Camargo¹; Elaine Cristina Gomes de Moraes²; Syriac Xaviour³; Camila Contin Diniz de Almeida Francia⁴; Luis Alberto Domingo Francia Farje⁵

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thichioca@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – moraes.e@gmail.com;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – syriacx@gmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – cacontin@gmail.com;

⁵Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
luis.farje@fatec.sp.gov.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: narcolepsia, hipotálamo, orexina, sociedade do desempenho, depressão.

Introdução: A narcolepsia é uma doença neurológica que apresenta diversos sintomas, sendo os mais comuns, a sonolência diurna excessiva e a cataplexia. A sonolência excessiva diurna leva os indivíduos a cochilos incontroláveis durante o período de vigília, enquanto a cataplexia promove atonia muscular, com a manutenção da consciência, por um tempo breve em decorrência de algum componente emocional (SCAMMELL, 2015; MIYAGAWA; TOKUNAGA, 2019). O indivíduo com narcolepsia vivencia também outros desafios, como o preconceito e a discriminação, devido aos sintomas do distúrbio, principalmente, sendo considerado, muitas vezes, como 'preguiçoso'. Essa situação tende a se agravar, considerando a valorização do excesso de produtividade na chamada 'sociedade do desempenho' (HAN, 2019), área estudada pela Psicologia Social. No entanto, estudos demonstram a diminuição da produção do neuropeptídeo orexina, pelo hipotálamo, como fator que desencadeia a narcolepsia (MACHADO, 2022).

Objetivos: Compreender as características e as causas fisiológicas da narcolepsia, bem como a importância de um diagnóstico precoce para a qualidade de vida do indivíduo com o distúrbio.

Relevância do Estudo: Os sintomas da narcolepsia influenciam na qualidade de vida do indivíduo, podendo desencadear desde mudanças de comportamento, como o isolamento social, a fim de se evitar emoções, como o riso, o choro e o susto, que podem desencadear a cataplexia, bem como os transtornos mentais, principalmente a depressão (SILVA NETO, 2010). Entender sua origem fisiológica possibilita ampliar a compreensão e o esclarecimento sobre o distúrbio e seus sintomas, além de contribuir para melhorar a qualidade de vida do sujeito com narcolepsia.

Materiais e métodos: Trata-se de um estudo exploratório, de caráter qualitativo, a fim de se obter dados sobre o tema, por meio de uma pesquisa bibliográfica.

Resultados e discussões: Han (2019) nos alerta para a valorização do excesso de produtividade e positividade no contexto atual, no qual se destaca a técnica multitarefa, em que os indivíduos buscam manter-se cada vez mais em atividade, que ele denomina 'sociedade do desempenho', que pode trazer prejuízos na saúde da população. Na contramão dessa realidade, há pessoas que, durante o dia, apresentam dificuldade em se manter acordadas em períodos de inatividade e, conseqüentemente, são vítimas de preconceito. Este é o contexto vivenciado por muitos indivíduos com narcolepsia, que costumam ser acometidos pela sonolência diurna, independentemente de se ter dormido bem na noite anterior. A cataplexia é outro sintoma comum, caracterizado por episódios

súbitos e reversíveis de atonia muscular, com a manutenção da consciência, com duração breve, iniciando-se, frequentemente com a fraqueza dos músculos do rosto e do pescoço, seguindo para os músculos dos membros e do tronco, decorrentes, geralmente, por emoções, como riso, raiva, susto ou surpresa (SCAMMELL, 2015; MACHADO, 2022). A narcolepsia pode provocar, ainda, paralisia do sono, alucinações hipnagógicas e sono noturno fragmentado (ALÓE *et al.*, 2010). Além das características fisiológicas, pode haver comprometimento nos aspectos psicossociais dos indivíduos, que tendem a se isolar socialmente, a fim de evitar gatilhos emocionais, que possam desencadear a cataplexia, bem como a sonolência diurna, que pode ser interpretada como 'preguiça' ou 'desinteresse'. Outra consequência da narcolepsia são os transtornos mentais, principalmente a depressão (SILVA NETO, 2010). A narcolepsia tem início, geralmente, entre a primeira e a segunda década de vida do indivíduo. Porém, entre o início dos sintomas até o diagnóstico, o tempo médio é de cinco a 15 anos, o que dificulta a detecção da doença para até metade das pessoas. Muitas vezes, o diagnóstico é feito apenas após alguns problemas, como baixo desempenho na escola ou no trabalho ou em acidente com veículo motorizado. Além disso, a falta de familiaridade de muitos médicos com o distúrbio era um desafio, cenário este que vem se modificando (SCAMMELL, 2015). Sabe-se até o momento, que a narcolepsia pode ser tipo 1, que é com a ocorrência da sonolência diurna e a cataplexia, e tipo 2, sendo que as causas do tipo 1 decorrem da perda de neurônios encontrados no hipotálamo lateral, que produzem a orexina (SCAMMELL, 2015). O hipotálamo é uma estrutura do diencefalo, responsável por diversas funções importantes, incluindo a regulação do sono e da vigília (MACHADO, 2022). Em suas funções normais, "a orexina promove a vigília e suprime o sono REM ativando neurônios monoaminérgicos do *locus ceruleus* e do núcleo dorsal da rafe e os neurônios gabaérgicos da substância cinzenta periaquedutal que inibem os neurônios geradores do sono REM na ponte" (MACHADO, 2022, p. 191). Consequentemente, a perda dos neurônios produtores da orexina podem desencadear a narcolepsia.

Conclusões: A falta de orexina produzida pelo hipotálamo decorre em diversos sintomas da narcolepsia que podem afetar a qualidade de vida das pessoas acometidas por esta condição. Assim, o diagnóstico precoce é muito importante para possibilitar mais qualidade de vida biopsicossocial do paciente. Por isso, campanhas educativas na área da saúde, para leigos, podem contribuir para o esclarecimento da população, bem como auxiliar na busca por um diagnóstico mais rápido.

Referências:

- ALÓE, F. *et al.* Diretrizes brasileiras para o diagnóstico da narcolepsia. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 32, n. 3, p. 294-304, set. 2010a. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000300016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 mar. 2022.
- HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- MACHADO, A. **Neuroanatomia funcional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2022.
- MIYAGAWA, T.; TOKUNAGA; K. Genetics of narcolepsy. **Hum Genome Var.**, [s.l.], v. 6, n. 4, p. 1-8, jan. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30652006/>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- SCAMMELL, T. E. Narcolepsy. **N. Engl. J. Med.**, Massachusetts, v. 373, n. 27, p. 2654-2662, dez. 2015. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMra1500587>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- SILVA NETO, A. C. P. *et al.* Características afetivas de pacientes narcolépticos avaliados pelo Rorschach. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. LX, n. 132, p. 61-72, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432010000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jun. 2022.

IMPLANTAÇÃO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UM SERVIÇO DE CLÍNICA ESCOLA DO CURSO DE PSICOLOGIA DAS FACULDADES INTEGRADAS DE BAURU (FIB)

Andréia Barbosa de Lima¹; Cristiane Araujo Dameto²

¹Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deialimapsico@yahoo.com.br

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – crisdameto@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: clínica-escola, plantão psicológico, emergência, formação do psicólogo

Introdução: O Plantão Psicológico como forma de atendimento teve início nos anos de 1970 para atender ao público que procurava o Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo (SOUZA; FARIAS, 2015). Essa modalidade de atendimento permite o atendimento emergencial, sendo uma intervenção psicológica que está disponível para acolher a pessoa no momento de dificuldade que está passando, objetivando oferecer suporte no exato momento da crise, auxiliando a pessoa na sua reorganização, na busca de novas alternativas e iniciativas apontam Silva et al. (2020). Para esses autores, o Plantão Psicológico responde as problemáticas contemporâneas, pois conecta as áreas clínicas, de saúde e sociais. Scorsolini-Comin (2015) em uma revisão de literatura para verificar as pesquisas e intervenções na área do Plantão Psicológico mostrou ser uma área presente em várias universidades por meio do estágio curricular nos cursos de Psicologia, sendo que esta área é frequente nos cursos devido à dificuldade de atender às demandas da população que busca os profissionais da psicologia. Nesse sentido, as várias práticas da Psicologia atendem a pluralidade que constitui o saber psicológico e auxilia na formação e identidade dos psicólogos.

Objetivos: O objetivo deste trabalho é relatar a implantação do serviço de Plantão Psicológico na clínica escola de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB) a partir de 2021. Essa atividade foi inserida por meio de um projeto de extensão devido a necessidade de mudanças curriculares, que veio ao encontro da necessidade de oferta deste serviço para atender a comunidade de forma mais rápida em suas demandas emocionais, pois a fila de espera para psicoterapia individual era longa.

Relevância do Estudo: A implantação do serviço de Plantão Psicológico na clínica escola de Psicologia da FIB atende as necessidades contemporâneas da sociedade, tendo em vista que os serviços em Saúde Pública não abarcam toda a demanda existente, pois acabam priorizando os casos mais graves.

Materiais e métodos: Para a implantação e realização do Plantão Psicológico foram selecionados alunos do 5º ano de Psicologia dos anos de 2021 e posteriormente do ano de 2022. Esses alunos participaram de encontros semanais com supervisora do estágio com duração de uma hora e meia cada supervisão, sendo que no início o treinamento aconteceu por meio de leitura e discussão de textos de livros e artigos relacionados ao Plantão Psicológico. Ao iniciarem os atendimentos, nas supervisões foram realizadas discussões de casos e direcionamento das demandas, como encaminhamentos para a própria Clínica de Psicologia Aplicada das Faculdades Integradas de Bauru (CEPAFIB) e serviços da rede do município de Bauru.

Resultados e discussões: No ano de 2021 foram realizados 140 atendimentos e em 2021 até o mês de setembro foram realizados 43 atendimentos, totalizando 183 pacientes atendidos. De acordo com Filho e Montenegro (2015) para que esses pacientes sejam atendidos e acolhidos, a supervisão é imprescindível pois é uma atividade inerente à formação acadêmica do psicólogo, sendo o momento em que se examina a experiência psicoterapêutica do aluno, podendo questioná-la e entendê-la a fim de aperfeiçoar sua formação. Esse espaço também representa um lugar importante para os estudantes diante da sua inexperiência no atendimento clínico, que ocasiona ansiedade, medo e preocupações com aspectos práticos/teóricos. Nesse sentido, Vieira e Anjos (2013) contribuem com a proposta de atitudes facilitadoras e com os pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), pois é comum que os estudantes ao iniciarem o Plantão Psicológico se sintam incapazes de exercer atividades facilitadoras e experimentam ansiedade e desconfiança a respeito da efetividade do serviço a ser prestado em um momento de crise e emergência. Silva *et al.* (2020) acrescentam que a experiência oferecida pelo Plantão Psicológico estimula os futuros psicólogos a questionar a atuação, ampliando a visão da psicologia clínica, se abrindo para uma experiência que auxilia no desenvolvimento de habilidades como: escuta terapêutica, capacidade em lidar com queixas urgentes e emergentes, manejo terapêutico, expressar empatia, controlar aspectos não verbais de sua comunicação, intervir com o objetivo de acalmar. Por outro lado, ao paciente, promove a sensação de acolhimento, apoio emocional, organização das ideias, sentimentos, emoções e autonomia na tomada de decisões que alivia sua ansiedade.

Conclusão: Diante da procura e números de pacientes atendidos no Plantão Psicológico frente a uma crise emocional, considera-se relevante essa modalidade de atendimento à comunidade, pois é um serviço de escuta e acolhimento imediato diante das angústias e urgências psíquicas dos sujeitos. Esse lugar de privacidade favorece a reflexão de conflitos e de autoconsciência para quem procura. Para o estudante de Psicologia essa prática acrescenta para sua formação pois é uma modalidade de atendimento diferente, na qual se trabalha a imprevisibilidade e urgências.

Referências:

FILHO, F. B. S; MONTENEGRO, L. A. A. Transdisciplinaridade na experiência de supervisão do plantão psicológico: contribuições da Medicina e da Psicopedagogia ao Processo. In: SOUZA, S; FILHO, F. B. S; MONTENEGRO, L. A. A (org). **Plantão Psicológico: resignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento**. Curitiba: CRV, 2015.

SCORSOLINI-COMIN, F. **Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções**. Rev Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 163-173, jan./abr, 2015.

SILVA, C. F. *et al.* **Um encontro com o inesperado no plantão psicológico: uma revisão sistemática**. Revista em Saúde, v.1, n. 1, p. 1-17, 2020.

SOUZA, S; FARIAS, A. E. M. Plantão Psicológico: a urgência da acolhida. In: SOUZA, S; FILHO, F. B. S; MONTENEGRO, L. A. A (org). **Plantão Psicológico: resignificando o humano na experiência da escuta e acolhimento**. Curitiba: CRV, 2015.

VIEIRA, E. M.; ANJOS, K. P. L. Tornar-se Plantonista: o fluxo das atitudes facilitadoras a partir da experiência de plantonistas iniciantes. In: TASSINARI, M. A; CORDEIRO, A. P. S; DURANGE, W. T (org). **Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**. Curitiba: CRV, 2013.

DEPRESSÃO EM ATLETAS: REVISÃO DE LITERATURA

Giovana Felipe Andreghetto¹; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – gi_andreghetto@hotmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizacaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia do esporte, saúde mental, depressão em atletas.

Introdução: A mídia e redes sociais tem exposto o sofrimento pelo excesso de cobrança de atletas em seu auge de carreira, tendo como resultado lesões, baixo rendimento, sentimento de frustração e desejo de abandono da profissão (AZEVEDO, 2021, p. s/n). Levando isso em conta, existem diversos transtornos mentais, com apresentações diferentes. Geralmente são caracterizados por uma combinação de pensamentos, percepções, emoções e apatia que também podem afetar as relações com outras pessoas, como a depressão (OPAS, 2022). Assim, entra o papel da Psicologia; considerada ciência que se dedica a estudar os comportamentos e processos mentais e/ou psíquicos dos indivíduos, entre as mais variadas áreas da psicologia, temos a Psicologia do Esporte ou também chamada de Psicologia do Esporte e do Exercício. Um dos objetivos da área é o de se estudar as pessoas e seus respectivos comportamentos nos âmbitos esportivos e do exercício, como também na aplicação prática desse conhecimento em questão (VIEIRA *et. al.*, 2010). Segundo a American Psychological Association (2009), a psicologia do esporte e do exercício é uma área interessada em ajudar atletas a alcançar uma saúde mental ótima, por meio da compreensão de como a atividade física afeta o desenvolvimento psicológico do indivíduo, sua saúde e seu bem-estar ao longo da vida (NAKANO; PEIXOTO, 2020).

Objetivos: realizar um levantamento bibliográfico sobre o que se tem publicado e desenvolvido nos últimos 10 anos no Brasil e internacionalmente, a respeito da saúde mental dos atletas de alto rendimento, mais especificamente relacionado a problemas de depressão.

Relevância do Estudo: Este tema é um foco importante nos dias atuais, pois acaba interferindo significativamente na vida do indivíduo, tanto profissionalmente, quanto pessoalmente, modificando suas relações e vida cotidiana. É um assunto que deve ser levantado além do mais, porque a negação por parte de algumas pessoas ainda está presente, o que acaba dificultando a melhora, sem nenhum tipo de acompanhamento adequado e o caso pode acabar se agravando.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão literária narrativa em que foi realizado um amplo levantamento de artigos científicos publicados em periódicos nas bases de dados PePSIC (Periódicos eletrônicos em Psicologia) consultada por meio da Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (BVS-Psi ULAPSI), Google acadêmico, Scielo, Psiquweb e Lilacs utilizando os descritores: psicologia do esporte (sport psychology); saúde mental (mental health); depressão em atletas (depression in athletes). O critério de inclusão dos trabalhos foi pautado na seleção de estudos publicados nas línguas portuguesa e inglesa publicadas nos últimos 10 anos (2012 a 2022).

Resultados e discussões: Foram selecionadas 36 publicações das plataformas de dados, dentre essas, 9 artigos foram considerados, de acordo com os critérios de inclusão,

pertinentes à esta pesquisa. Os critérios de exclusão foram adotados levando em consideração: a fuga da temática, artigos em duplicidade, período da publicação e disponível na íntegra. Humphrey, Yow e Bowden (2012) *apud* Silva (2016) referem a depressão em atletas como uma reação emocional dolorosa caracterizada por intensos pensamentos negativos, sensação de perda e sensação de fracasso ou estresse associado com a competição desportiva. Neste mesmo sentido segundo a Opas (2022) uma pessoa deprimida sente-se triste, irritado, com perda de prazer e/ou desinteresse em atividades, quase todos os dias, por pelo menos duas semanas. De acordo com Reardon *et al.* (2019), a prevalência de sintomas depressivos em atletas de elite varia de 4% a 68%, quando comparado a prevalência na população em geral, o resultado se mostra semelhante; no entanto, atletas de elite podem não reconhecer sintomas depressivos ou não buscar apoio, em parte por conta do estigma.

Conclusão: Foi visto que ocorreu certa dificuldade para encontrar artigos dos quais relatasse sobre a depressão em atletas, principalmente artigos em português. O que nos faz refletir que esse assunto ainda é um tabu nos dias de hoje e encontramos poucas informações para nos aprofundarmos sobre, mesmo sendo uma situação recorrente. Portanto, é importante refletir e buscar tratamento, mesmo que para amenizar os sintomas e assim o atleta poder alcançar o bem estar e o resultado que almeja, visto que tanto o emocional quanto o físico dependem um do outro para que o organismo esteja em homeostase e o profissional possa dar tudo de si em sua profissão.

Referências:

AZEVEDO, G. Neymar pode repetir outros craques e se aposentar cedo das copas. **Placar**. São Paulo, 11 out. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/neymar-pode-repetir-outros-craques-e-se-aposentar-cedo-das-copas/> Acesso em: 17 abr. 2022.

NAKANO, T. C.; PEIXOTO, E. M. **Psicologia Positiva aplicada ao Esporte e ao Exercício Físico**. 1ª. Edição. Vetor, São Paulo, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE - OPAS. **Transtornos mentais**. Tópico publicado em 2022. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais#:~:text=A%20depress%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20transtorno,s%C3%A3o%20afetadas%20por%20essa%20condi%C3%A7%C3%A3o](https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais#:~:text=A%20depress%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20transtorno,s%C3%A3o%20afetadas%20por%20essa%20condi%C3%A7%C3%A3o.). Acesso em: 22 set. 2022.

REARDON, C. L. *et al.* Mental health in elite athletes: International Olympic Committee consensus statement. **British Journal of Sports Medicine**. London, v. 53, n.11, p. 667-699, 2019.

SILVA, A. S. R. **Burnout, ansiedade e depressão em atletas: adaptação do athlete burnout questionnaire**. 2016. 39 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2016.

VIEIRA, L. F. *et al.* Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 391-399, jun. 2010.

A INFLUÊNCIA DO USO DAS TECNOLOGIAS NOS ADOLESCENTES

Jéssica Cristina Corrêa Geraldo Domingues¹; Marta Alice Nelli Bahia ²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB jessica.ccg@hotmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Meios eletrônicos, dependência tecnológica, adolescentes

Introdução: O projeto elaborado faz parte da disciplina de Estágio Básico IV realizado na instituição CAPS Infantil de Bauru. Ele se dá por uma necessidade emergente na atualidade, o uso das tecnologias entre crianças e adolescentes. O presente trabalho visa abordar o tema de forma que possa trazer benefícios tanto para seus usuários como para os profissionais que atuam na instituição, tendo em vista que a exposição excessiva aos eletrônicos pode prejudicar a qualidade de vida, podendo dificultar a interação social, rendimento escolar, causar ansiedade e nervosismo, entre outras consequências.

Objetivos: Conscientizar as crianças e adolescentes, sobre os malefícios do uso excessivo dos aparelhos digitais, bem como, auxiliar os funcionários da instituição na tratativa do tema que se mostra relevante na atualidade.

Justificativa: O intuito do projeto será contribuir para o uso consciente dos aparelhos eletrônicos, buscando melhoria da qualidade de vida do público-alvo. Por conta dessa problemática, o projeto em questão visa facilitar o processo de higiene mental dessas crianças e adolescentes, mostrando as consequências do uso exacerbado dos eletrônicos.

Materiais e método: A elaboração do projeto se deu através de pesquisa em sites de busca, Google Acadêmico, Scielo e Eumed.net. A realização do mesmo, ocorre com grupos de adolescentes do CAPS Infantil de Bauru. O programa foi realizado através de dinâmicas, rodas de conversa, vídeos explicativos, exposição de slides, orientações e reflexões. Foi estimado para a realização cinco encontros com duração de 90 minutos.

Resultados e Discussões: Os grupos foram divididos da seguinte maneira: 1º encontro: Conhecer cada membro do grupo e apresentar o tema aos mesmos. Em seguida foi realizado uma dinâmica projetiva para aquecimento, que segundo Silva (2008), é essencial para a integração e aproximação mútua. A dinâmica consiste em espalhar cartões com imagens pela mesa, fazer perguntas aos adolescentes sobre o uso das tecnologias, solicitar que escolham um cartão que simboliza sua resposta e pedir que comente sobre. Essa dinâmica teve o objetivo de compreender qual a visão de cada adolescente sobre o mundo digital e propiciar envolvimento entre os membros do grupo. Após, foi realizado por cada um, o Teste de Dependência da Internet, para que possam se autoavaliar quanto ao uso. Ao final, discutiu-se sobre o que foi abordado no dia. 2º encontro: Foram exibidos vídeos curtos tratando das relações através dos meios eletrônicos e, as influências que os mesmos têm na vida das pessoas (*influencers, youtubers, blogueiros*). O intuito desse encontro foi trazer uma reflexão sobre a importância de termos relações interpessoais além das telas, bem como, elucidar questões relacionadas aos padrões tidos como referenciais a serem seguidos. Nesse encontro, também foram trabalhados assuntos relacionados a interpretação de mensagens, que por ocorrer, geralmente, de forma escrita pode propiciar mau entendimento, portanto, é sempre importante verificar o contexto e procurar esclarecê-los evitando conflitos. 3º encontro: Foi abordado a forma como as telas afetam a mente. Em

um primeiro momento, foi feita uma dinâmica de Mitos e Verdades sobre o assunto, após, exibidos slides explicando como as telas afetam a concentração, memória, atenção, comportamentos, bem como, a questão da dependência. Ao final, foi solicitado que cada adolescente escreva sobre os pontos que consideraram mais interessantes do encontro e, como se sente afetado pelos meios eletrônicos. 4º encontro: Foi tratado a forma como o uso excessivo dos meios eletrônicos podem afetar nossa saúde física e também os relacionamentos interpessoais. Assim como no encontro anterior, houve exposição de slides explicativos e diálogo. Ao final, também, foi solicitado que escrevam sobre o que foi tratado. 5º encontro: No quinto e último encontro, houve um processo de autoanálise sobre as mudanças percebidas, chamada por Silva (2008) de fase da mudança atitudinal, onde cada membro do grupo trouxe os sentimentos que teve em relação ao processo de mudanças de padrões de comportamento e como foi afetado por elas, também houve um espaço para discussão de expectativas de projetos de vida e o foco dispendido para realização dos mesmos.

Conclusão: Com o decorrer da realização do projeto, percebeu-se um ponto importante a ser tratado além, do controle do uso das tecnologias, foi visto que esse uso, em sua maioria ocorre como uma “fuga da realidade”. Ao entrar em um mundo virtual, os dilemas do mundo real, de certa forma, podem ser esquecidos por um momento. Portanto, o projeto buscou além de conscientizar sobre o uso excessivo e suas consequências, mas também, proporcionou uma reflexão, sobre o motivo que esse uso tem se tornado excessivo, procurando responder por que em alguns momentos há maior necessidade de ter esse contato com o virtual do que em outros. Desta forma, auxiliá-los em um processo de autoconhecimento, para que possam verificar questões do cotidiano que os deixam mais angustiados, ansiosos ou deprimidos. De acordo com Rosa *et al.* (2019), o uso patológico da Internet está relacionado à projeção que o indivíduo faz de suas pendências e carências emocionais, procurando uma compensação do que não consegue ter ou ser na vida real, portanto, para conseguir vivê-la sem artifícios é necessário encarar a realidade, reconhecendo os problemas e buscando formas para resolução dos mesmos, compreender a importância da autoaceitação e da inserção social, tendo um olhar para suas emoções, relações, dificuldades, potencialidades, projetos de vida, ou seja, se conectando a vida real. Sendo assim, o controle do uso excessivo do celular, passa a ter um caráter secundário, sendo o primordial o motivo pelo qual está ocorrendo esse excesso. Através desse processo reflexivo, procurou-se proporcionar para esses adolescentes, condições para melhorias na qualidade de vida, nas questões psicológicas e sociais. A interação em grupo, é uma ferramenta que facilita esse processo. Segundo Brunozi *et al.* (2019), a troca de experiências que ocorre em um grupo promove transformações subjetivas que não poderiam ser alcançadas em um atendimento individualizado.

Referências:

BRUNOZI, N. A. *et al.* Grupo terapêutico em saúde mental: percepção de usuários na atenção básica. **Rev. Gaúcha de Enfermagem.** Porto Alegre, 2019.

ROSA, A. R.; MONTEIRO, C. C. L.; BRISOLA, R. D. O uso diário e a dependência da internet: a nomofobia - megadesafio para professores. **Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo.** Málaga, 2019.

SILVA, Jorge Antônio Peixoto da. **O uso de dinâmicas de grupo em sala de aula:** um instrumento de aprendizagem experiencial esquecido ou ainda incompreendido? Saber Científico - Porto Velho, 2008.

PROJETO DE ESTÁGIO: SOMOS TODOS APRENDIZES

Giovanna Katz Fabricio¹; Yasmim Yzabelle Marques²; Marta Alice Nelli Bahia³.

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – katz.giovanna@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mymmarques26@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Grupo; Jogo; Dinâmica; Vínculo.

Introdução: A psicoterapia de grupo vem se tornando uma prática cada vez mais frequente na metodologia empregada dentro dos serviços de atenção psicossocial, por tratar-se de uma estratégia de baixo custo e que não demanda grande quantitativo de insumos físicos para seu desenvolvimento. Sua aplicabilidade é compatível com diversas modalidades grupais e patologias, podendo ser utilizada em diferentes contextos, o que garante sua aceitação pelos profissionais e também pelos pacientes submetidos a essa prática. (VALLADARES, 2003). É através do convívio entre os participantes que surgem os debates acerca das práticas do cuidado consigo e com os outros.

Objetivos: O presente trabalho visa criar vínculo grupal entre os adolescentes, possibilitando ampliação de temas relevantes para a construção de identidade desses jovens, haja visto que é uma fase de descobertas e de complexidade.

Relevância do Estudo: Por ser uma fase de complexidade e descobertas de si mesmo, a retomada dos trabalhos em grupos com o público assistido no CAPS Infantil de Bauru viabiliza um alcance com o maior número possível de jovens, possibilita o seu autoconhecimento, bem como o seu desenvolvimento social.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica realizada através de pesquisas nas bases de dados BVS, Scielo e Lilacs. O trabalho será grupal, com encontros semanais, sendo um por semana com a duração de 60 minutos. Contará com jovens na faixa etária de e os temas desenvolvidos são: Identidade, vínculos sociais e percepção de si mesmo.

Resultados e discussões: Percebe-se que o trabalho realizado com o grupo terapêutico proporciona trocas de experiências, diálogos e mudanças comportamentais, tanto na vida pessoal dos jovens como os benefícios na relação dos grupos. Nos encontros os pontos que se destacam são as falas dos jovens sobre os meios que encontram para a resolução dos problemas coletivos, as buscas por alternativas e o apoio emocional para a superação das situações (CARDOSO; SEMINOTTI, 2006). Durante as atividades grupais, algo importante deve ser enfatizado, o não impedimento da individualidade de cada jovem, a atuação do profissional deve evitar formas rígidas e a padronização, é de suma importância para o bom andamento das atividades, reconhecer e exaltar as características individuais de cada um e usá-las de forma positiva em prol do coletivo. Mas para que isso ocorra torna-se imprescindível que o profissional que os acompanhe saiba trabalhar com dinamismo e criatividade, que consiga compartilhar os saberes com o grupo, só assim trará melhores resultados. (CIUFFO; RIBEIRO, 2008). Os sujeitos que compõem os grupos, entram nesses espaços trazendo de forma pessoal experiências e opiniões próprias advinda de suas vivências e contexto biopsicossocial. Inicialmente o grupo apresenta certa resistência no relacionamento grupal, à medida que vão ganhando confiança e os laços são estreitados, surgem as amizades e as trocas sensibilizadas. Com o passar do tempo o grupo que antes era pouco entrosado passa a criar elos de ligação tão fortes como o de qualquer família, e é

nesse sentido que a psicoterapia vem construindo seus alicerces. Cada um traz à medida que o processo ocorre, suas potencialidades e limitações que serão trabalhadas, e com o tempo ganham novos formatos. (FARAH, 2009). Desenvolver ações e metodologias com enfoque terapêutico de grupo onde a instituição promova a reabilitação do indivíduo através de dispositivos como o acolhimento pelas equipes, o vínculo entre grupo, à autonomia e a corresponsabilidade de que ele próprio é responsável pela geração de mudanças é muito importante para a efetividade da assistência a saúde mental. (BENEVIDES *et al.*, 2010).

Conclusão: Pode-se concluir que os objetivos propostos foram alcançados, para além do trabalho com os jovens. Houve a otimização da demanda do alto volume de prontuários a serem evoluídos pelos profissionais. Com os jovens, os pontos atingidos foram a mobilização dos adolescentes em perceber-se, permitindo a reflexão e a expressão dos sentimentos referentes à sua própria pessoa mesmo com as resistências iniciais e as dificuldades próprias dos jovens, o compartilhar com o grupo os sentimentos e percepções em relação a si mesmo, o que exigiu confiança em si e no grupo e o vínculo positivo com o facilitador.

Referências:

- BENEVIDES, D. S. *et al.* Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n. 32, p. 127-38, jan./mar. 2010.
- CARDOSO, C.; SEMINOTTI, N. O grupo psicoterapêutico no Caps. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.11, n. 3, p. 775-83, jul./set. 2006.
- CIUFFO, R. S.; RIBEIRO, V. M. B. Sistema Único de Saúde e a formação dos médicos: um diálogo possível?. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n. 24, p.125-40, jan./mar. 2008.
- FARAH, A. B. A. Psicoterapia de grupo: reflexões sobre as mudanças no contato entre os membros do grupo durante o processo terapêutico. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v.6, n. 11, p. 326-328, 2009.
- VALLADARES, A. C. A. *et al.* Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 4-9, fev./maio 2003.

HEPATITES VIRAIS E A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

Elaine Cristina Gomes de Moraes¹; Franciele de Freitas Costa Silva²; Pamella Priscila Bernardes Vieira³; Michele Cristina da Silveira Santos⁴; Andréia Barbosa de Lima⁵

¹Professora da FIB e aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – moraes.e@gmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – franzifreitas@gmail.com

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB pamellapri@yahoo.com.br

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mizynha@gmail.com

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB deialimapsico@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: hepatites virais, saúde coletiva, sistema único de saúde, prevenção.

Introdução: A hepatite é uma doença que se caracteriza pela inflamação no fígado e sua ocorrência pode ser multifatorial, como por vírus, uso de alguns medicamentos, álcool, doenças autoimunes, metabólicas e genéticas. As hepatites podem ser do tipo A, B, C, D e E, e para melhores resultados no tratamento, a orientação e o diagnóstico precoce são importantes, (BITTENCOURT, 2014). As hepatites virais são doenças de notificação compulsória e as causas da hepatite A estão relacionadas às condições sanitárias e de higiene da população. Embora a transmissão sexual não seja comum pode ocorrer a transmissão pela prática sexual oral-anal (BRASIL, 2016; BRASIL, 2005). A hepatite B é considerada uma infecção sexualmente transmissível (IST), tendo sua transmissão por via parenteral e, principalmente pela via sexual. São formas de transmissão, relação sexual desprotegida, compartilhamento de agulhas e seringas, materiais para tatuagens, procedimentos odontológicos e cirúrgicos, aleitamento materno, transfusão de sangue contaminado, bem como a transmissão vertical. A hepatite C não é propriamente uma IST, pois a transmissão sexual é rara e a forma primária de transmissão é via parenteral, sendo uma das causas o compartilhamento de materiais para uso de droga, de higiene pessoal e para confecção de tatuagem e outros (BITTENCOURT, 2014). Esse tipo de hepatite é a principal causa de transplante de fígado e é considerada a maior epidemia da humanidade atualmente, podendo causar cirrose, câncer de fígado e morte (BRASIL, 2022). A hepatite D, conhecida como hepatite Delta, é causada pelo vírus da hepatite D e pode se apresentar de forma assintomática, sintomática e de forma grave, mas para que ocorra a infecção, é necessária a presença do vírus B (BRASIL, 2005, 2016). A hepatite E é causada pelo vírus HEV e sua transmissão também está relacionada às condições sanitárias e de higiene, sendo rara sua ocorrência no Brasil (BITTENCOURT, 2014).

Objetivos: Informar sobre as hepatites virais e a importância dos programas de prevenção e tratamento oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Relevância do Estudo: O combate às hepatites é uma das metas estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com objetivo de reduzir novas infecções em 90% e a mortalidade em 65% (BRASIL, 2022). Além dessas metas, vários tipos de hepatites que acarretam prejuízos e prognósticos ruins podem ser prevenidos, sendo a divulgação dos programas, importantes para a prevenção.

Materiais e métodos: Para a realização deste estudo, fez-se uma pesquisa documental no site do Ministério da Saúde para fundamentar teoricamente o trabalho, bem como para a busca de programas de tratamento e prevenção das hepatites virais.

Resultados e discussões: De acordo com os dados do Boletim Epidemiológico Hepatites Virais 2022, no período entre 2000 e 2021, foram notificados 264.640 casos de hepatite B e 279.872 de hepatite C. Apesar da diminuição da taxa de infecções nessas duas décadas, essas doenças constituem as principais causas de doença hepática crônica, além de cirrose hepática e carcinoma hepatocelular (BRASIL, 2022). Para a prevenção e tratamento das hepatites B e C,

o SUS realiza campanhas educativas e de prevenção, oferece testes e tratamento gratuito aos cidadãos, garantindo transparência nas informações dos serviços prestados. Em 2002, foi criado pela Portaria GM/MS 263/2002, o Programa Nacional para a prevenção e o controle das Hepatites Virais, sendo um de seus objetivos o desenvolvimento de ações de promoção da saúde, prevenção, diagnóstico, vigilância epidemiológica e sanitária das hepatites virais, acompanhamento e tratamento dos portadores de hepatites virais detectadas e inseridas no Programa (BRASIL, 2002). Considerando a importância dos profissionais de Comunicação na disseminação de informações, o PNHV lançou em 2005, um manual sobre as hepatites virais para esses profissionais (BRASIL, 2005). Em 2018 foi atualizado o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) de Hepatite C e Coinfecções, universalizando o tratamento para todas as pessoas com infecção pelo vírus da hepatite C, efetivando a oferta universal dos tratamentos para hepatite C. O PCDT de hepatite B está em fase de atualização. O dia 28 de julho foi instituído como dia para a luta contra as hepatites virais com a campanha 'Julho amarelo', reforçando ações de vigilância e controle das hepatites virais. Nesse dia, em 2020, o MS disponibilizou uma atualização das ações frente ao combate das hepatites ressaltando avanços como a desburocratização do acesso ao tratamento, a diminuição do tempo de distribuição de medicamentos de três meses para um mês, a aquisição de 50 mil tratamentos para a hepatite C, e estoque para vários meses, apesar das intercorrências pela Covid 19 existentes na época. Também lançou o Painel Informativo sobre tratamento das hepatites B e C, que é um canal de comunicação com a sociedade civil organizada e demais esferas do SUS. Os sites das Secretarias da Saúde dos Estados e municípios informam sobre vacinação e prevenção de transmissão das hepatites virais para a população e profissionais de risco, como manicures, podólogos e outros. O MS oferece gratuitamente as vacinas para as hepatites A e B, incluídas no calendário nacional de vacinação, bem como testes gratuitos (BRASIL, 2020). O site do MS mantém conteúdos informativos para a população leiga, bem como para público especializado, por meio de artigos científicos. Em 2022, o MS lançou a campanha de prevenção das hepatites B e C, incentivando a realização de testes e a vacinação contra a hepatite B.

Conclusão: Diante do exposto, infere-se que o Brasil, por meio dos programas de prevenção e combate às hepatites, criados pelo Ministério da Saúde tem obtido resultados positivos, considerando a queda nas taxas de infecção, bem como tem se preparado para atingir as metas da OMS para os objetivos do desenvolvimento sustentável para a redução de novas infecções e mortalidades decorrentes das hepatites.

Referências:

- BITTENCOURT, Claudia. Você sabe diferenciar as hepatites A, B, C, D e E? **Universidade Aberta do SUS**, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde. **Julho amarelo: mês de luta contra as hepatites virais**. 202?.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 263, de 5 de fevereiro de 2002**. Dispõe sobre a criação do Programa Nacional para a Prevenção e o Controle das Hepatites Virais. Brasília, 5 de fevereiro de 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletim Epidemiológico: Hepatites virais 2022**, número especial, jun./2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **A, B, C, D, E de hepatites para comunicadores**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais. **Manual Técnico para o Diagnóstico das Hepatites Virais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

ASPECTOS DA DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: REVISÃO DE LITERATURA

Jéssica Larisse Penha Leme¹; Marta Alice Nelli Bahia²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – jessicapenhaleme@hotmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Abuso emocional; dependência psicológica; violência contra mulher.

Introdução: O sistema patriarcal implementou a autoridade masculina sobre a feminina, reprimindo as mulheres não dando as mesmas escolhas a não ser seguir o sistema. Isso leva ao homem acreditar que possui poderes sobre sua companheira, utilizando a violência tanto física como psicológica para controlar a mulher (Fonseca; Ribeiro; Leal (2012). Podemos definir a violência contra a mulher, qualquer ato que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para o sexo feminino. Assim como ameaças, coação ou privação arbitrária de liberdade são exemplos de violência contra a mulher. Para se constituir um relacionamento abusivo deve haver violência, decorrente de um desequilíbrio de poder no interior de uma relação afetiva. Esse desequilíbrio desencadeia uma dependência emocional de um dos indivíduos, que priva de autonomia e autoestima. Esse abuso pode acontecer tanto em relacionamento familiar, como com amigos, ou dentro do emprego, sendo o mais comum na relação amorosa. (MORAES, 2020).

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivos apresentar os aspectos da dependência emocional para a permanência da mulher dentro de um relacionamento abusivo e como a psicologia analisa a condição da dependência emocional.

Relevância do Estudo: Estudar o tema é relevante para a psicologia devido à escassez de estudos nesse campo e por ser um tema atual que vem aumentando cada vez mais o número de casos.

Materiais e métodos: Foi realizada uma revisão narrativa da literatura (PAIVA, 2008) com um levantamento de artigos publicados em periódicos indexados nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online) e PePSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia), consultada por meio do site da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) e também do Google Acadêmico. Os descritores usados na pesquisa foram: Abuso emocional (*emotional abuse*); dependência psicológica (*psychological dependence*); e violência contra mulher (*violence against women*). Foram incluídos nesta revisão estudos da língua portuguesa e inglesa publicados nos últimos dez anos (2012 a 2022). Foram excluídos estudos que não apresentaram informações pertinentes ao tema, artigos não disponibilizados na íntegra e artigos duplicados.

Resultados e discussões: Quando uma mulher é reprimida na expressão de sua feminilidade e sofre diversos tipos de violência, acabam carregando feridas em si, as quais percorrem sobre o processo de construção da sua identidade feminina. Consequentemente, algumas podem acabar se identificando com essa imagem inferiorizada e passa a atuar seguindo essa dinâmica, ou seja, o ego dessa mulher reprimida está sob grande influência do complexo do animus negativo e a personalidade dela projetada sobre essa figura destrutiva (AMARAL, 2021). Fatores culturais e filogenéticos também podem influenciar nas questões de dependência emocional, contando com o componente neurobiológico explicado

por uma fixação na superativação neural, geralmente encontrada no início da relação onde essa atividade neural precisa estar em um nível superior para se sentir confortável na sua relação nova. Já na relação onde envolve a cultura, está vinculada principalmente na idealização do amor (BUTION; WECHSLER, 2016). A harmonia que habita sobre o casal é corrompida a partir da iniciação das violências que as mulheres sofrem, ficando implantado a tristeza, medo, preocupação e sentimento de impotência. O ato de agressão não possui justificativa para se iniciar, assim que iniciado a violência física, qualquer atitude ou palavra dispensada leva a agressão ou humilhação vindas do parceiro podendo ocorrer quase que diariamente. Muitas vítimas acabam permanecendo em um relacionamento ruim baseado nas dependências que possuem sobre o seu agressor, como a dependência financeira ou emocional. Outro grande motivo que faz com que as mulheres permaneçam nessa situação são: a esperança da mudança do companheiro, realizações pessoais, sair do ciclo de violência e também a dedicação materna. A decepção vinculada a esperança sobre a idealização do casamento perfeito e feliz com a expectativa do seu parceiro mudar e que toda aquela situação vai melhorar, tendo o seu parceiro provando constantemente que isso não acontecerá e desgastando ainda mais a relação (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012). Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) e Bution e Wechsler (2016) corroboram sobre a percepção do sofrimento da mulher enquanto persistem nessa relação, destacando que a dependência se sobressai e ela fica na relação pelo medo da solidão.

Conclusão: De acordo com as análises as mulheres podem possuir inúmeras situações pessoais para a permanência em um relacionamento abusivo, dentre elas a dependência emocional, financeira, dissociação do que é amor, baixa autoestima, manipulação do parceiro, idealização do amor e casamento perfeito. A dependência emocional é uma das principais respostas para a permanência desses indivíduos dentro de um relacionamento abusivo, já que chega-se à conclusão de que um indivíduo com dependência emocional necessita do outro para sua estabilidade emocional.

Referências:

- AMARAL, L.M. O trauma e a psique feminina na perspectiva junguiana corporal: análise da animação kiriku e a feiticeira. **Revista Jung & Corpo**. nº21, p. 25-44, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1KL3drc3saVYHqYvh1qll80QfBCeJqbNP/view>. Acesso em: 13 set. 2022.
- BUTION, D.C; WECHSLER, A.M. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina v. 6, n. 1, p. 77-101, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v7n1/a06.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- FONSECA, D.H; RIBEIRO, C.G; LEAL, N.S.B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**. João Pessoa. v.24, n.2, p. 307-314, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bJqkynFqC6F8NTVz7BHNt9s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2022.
- MORAES, E. O. Relacionamentos abusivos e as consequências em mulheres que o vivenciaram. **Revista de trabalhos acadêmicos**. Americana, v. 6 n. 1, p. 7-25, dez. 2020. Disponível em: <http://appavl.pxsistemas.com.br:882/pergamumweb/vinculos/000029/0000293d.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SÍNDROME DE BURNOUT EM POLICIAIS MILITARES: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Nayra Ferreira Radigueri¹; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira²

¹Aluna de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – FIB – nah.radigueri@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizacaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Saúde Mental, Síndrome de *Burnout*, Estresse, Policiais Militares

Introdução: O trabalho desempenha papel central na vida das pessoas. Além de garantir a subsistência, proporciona inserção social, desenvolvimento pessoal e possibilita que o indivíduo pratique ações úteis, construtivas e significativas para a coletividade em que se insere. É também um importante elemento organizador na vida pessoal e participa na composição da identidade. (OLIVEIRA; FAIMAN, 2019). Segundo Dejours (2015), dada a mobilização e o envolvimento necessários para a sua realização, o trabalho nunca é neutro para o indivíduo que o realiza. Seus efeitos podem ser favoráveis para a promoção do equilíbrio psíquico, mas podem ser, também, bastante deletérios, chegando a ameaçar a saúde do trabalhador em algumas situações. Segundo Oliveira e Faiman (2019), quando uma tarefa favorece o emprego de aptidões psíquicas, fantasmáticas ou psicomotoras, possibilita a descarga de energia (excitação), gera bem-estar e é favorável ao equilíbrio psíquico. Em contrapartida, há situações que sobrecarregam o indivíduo quanto ao seu funcionamento psíquico por representarem um aumento de tensão. A Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. Traduzido do inglês, “burn” quer dizer queima e “out” exterior (BRASIL, 2020).

Objetivos: Por meio de uma revisão de literatura, fazer uma análise de publicações científicas nacionais sobre a saúde mental de policiais militares no Brasil, especificamente abordando a Síndrome de *Burnout* visando identificar tendências e lacunas no que diz respeito ao ano de publicação, objetivos das pesquisas, além de levantar reflexões sobre a saúde mental destes profissionais.

Relevância do Estudo: É importante olhar para a saúde mental do policial militar; profissional de grande relevância na sociedade. Para o exercício adequado das atividades militares, este profissional depende da promoção de sua saúde e antes de ser um profissional, existe ali um cidadão que encara todos os dias o estresse, o risco de morte e a falta de reconhecimento no trabalho. Dessa forma, torna-se relevante um levantamento de como tem sido tratado a saúde mental destes profissionais.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica que foi realizado um levantamento de artigos nos idiomas português e inglês, publicados em periódicos nas bases de dados Pepsico (Periódicos eletrônicos em Psicologia), consultada por meio da Biblioteca Virtual em Saúde, Scielo e Google acadêmico. Os descritores usados na pesquisa foram: Saúde Mental (*Mental Health*), Síndrome de Burnout (*Burnout, Psychological*), Estresse (Stress), Policiais militares (*Military Police*).

Resultados e discussões: Os policiais militares são um grupo distinto, que lidam cotidianamente com a violência e a criminalidade. Por esse motivo são mais suscetíveis a desenvolver a síndrome de *burnout*, resultando em diminuição significativa da produtividade

e alterações na qualidade do sono (BARROSO; SOUSA, 2021). Neste mesmo sentido, Chaves e Shimizu (2021) trazem que pelo exercício de sua função, o desgaste físico nesses profissionais ocorre pelo confronto direto, podendo gerar traumatismos e ferimentos por armas brancas ou projéteis; já o desgaste mental é gerado pela exaustão psíquica e emocional decorrente de uma má adaptação do indivíduo a um trabalho prolongado e com grande carga de tensão. Uma das principais doenças relacionada ao desgaste profissional é a Síndrome de *Burnout*, conceituada como uma síndrome de três construtos: exaustão emocional, despersonalização e realização pessoal. A exaustão emocional refere-se a sentimentos de estar sobrecarregado pelas exigências do trabalho. A despersonalização refere-se ao desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas em relação aos clientes, o que pode levar a “culpar a vítima”. Finalmente, uma sensação reduzida de realização refere-se a relatos negativos de seus esforços ocupacionais e resultados associados (ANDRADE; DIAS, 2020). Como estratégia de enfrentamento desses sintomas, indivíduos vulneráveis emocionalmente aumentam o consumo de bebida alcoólica, podendo inclusive fazer uso de drogas ilícitas (CHAVES; SHIMIZU, 2021).

Conclusão: Podemos concluir que os policiais militares enfrentam enormes desafios todos os dias em uma situação caótica que põe em risco sua vida e os coloca em um estado contínuo de preocupação que exacerba seu esgotamento. Para prevenir os fatores de risco dos policiais associados ao *burnout*, é preciso estratégias que promovam um estilo de vida mais saudável e programas de educação sobre os benefícios da prática regular de exercícios físicos e atividades de lazer.

Referências:

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde de A a Z**. Brasília, DF, 2020.

CHAVES, M. S. R. S.; SHIMIZU, I. S. Síndrome de Burnout e qualidade do sono em policiais militares do Piauí. **Revista Brasileira de Medicina do trabalho**. São Paulo, v. 6, n. 4, p. 436-441, nov. 2018.

DEJOURS, C. **A loucura do Trabalho**. Estudo de psicopatologia do trabalho. 6ª. Edição. São Paulo. Editora Cortez, 2015. 224 p.

DIAS, C. N.; ANDRADE, V. L. P. A relação entre a síndrome de burnout e o policial militar brasileiro. **Cadernos de Psicologia**. Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 186 – 209, dez. 2020.

OLIVEIRA, T. S. O.; FAIMAN, C. J. S. Ser policial militar: reflexos na vida pessoal e nos relacionamentos. **Revista Psicologia: Organização e Trabalho**. Brasília, v.19, n. 2, p.607-615, abr.-jun. 2019.

SOUZA, T. F.; BARROSO, W. W. X. Síndrome de Burnout relacionada ao impacto do estresse na vida do policial militar. **Revista Ibero-americana de humanidades, ciências e educação**. São Paulo, v. 7, n. 10, p. 1740-1763, 2021.

PRINCIPAIS FATORES DE RISCO LIGADOS AO SUICÍDIO NO ENSINO SUPERIOR

Bruna Leticia Antiquera Cogo¹; Jamile Alves Pompeo²; Manoela Fernanda Milliano Alves³ Carolina Tarcinalli Souza⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – brunaa-leticia@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB jamilepompeo3@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB manoelamilliano@yahoo.com.br;

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB caroltar11@hotmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Suicídio, Estudante, Ensino Superior, Ideação Suicida, Fatores de Risco, Graduação.

Introdução: O ingresso dos jovens no ensino superior ocasiona mudanças no convívio social e nas atividades cotidianas, além de exposição a estressores ligados à vida acadêmica” (LIMA *et al.*, 2021) . Essas mudanças geram expectativas que poderão ou não serem concretizadas e tal discrepância pode gerar frustrações. As instituições dificilmente se preocupam em conhecer as expectativas dos estudantes diante do ingresso no ensino superior e as suas possibilidades de concretização (NADELSON *et al.*, 2013). Tais frustrações estão relacionadas ao fato de este ser um grupo mais exposto e vulnerável à ocorrência de problemas de saúde mental e eventualmente com risco aumentado para os comportamentos suicidas. Segundo o Gabinete de Estudos OPP, o comportamento suicida abrange todo e qualquer ato onde um indivíduo causa uma lesão a si próprio, independentemente do grau de intenção letal e conhecimento do verdadeiro motivo desse ato, abrangendo a tentativa de suicídio, ideação suicida e o suicídio consumado.

Objetivos: Identificar os fatores de risco de suicídio em estudantes do ensino superior

Relevância do Estudo: Atualmente nota-se significativo aumento nos índices de tentativas de suicídio em estudantes do ensino superior.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica realizada através de pesquisas nas bases de dados BVS, Scielo e Lilacs.

Resultados e discussões: Um estudo de 13 anos foi realizado por pesquisadores da Kansas University (1989-2001) com 13 mil estudantes que haviam procurado o serviço de aconselhamento. Os pesquisadores observaram que os estudantes sofriam de mais estresse, mais ansiedade e mais depressão do que há dez anos. O aumento, segundo os pesquisadores, foi dramático, uma vez que a estatística do número de suicídios triplicou. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2022), entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio aparece como a quarta causa de morte mais recorrente. Apesar de este ser um fenômeno alarmante, o registro de tais ocorrências não corresponda à realidade: sabe-se mais pelas notícias veiculadas na mídia e internet do que por registros oficiais. Segundo Dutra (2012), os preconceitos e significados que permeiam esse fenômeno, como por exemplo, valores religiosos e morais, muitas vezes impedem que um ato dessa natureza seja identificado como tal. O ensino superior marca o início de um processo de transição para o mundo do trabalho e para a autonomia do jovem adulto. Este processo tem lugar numa fase crucial do desenvolvimento global do estudante, uma vez que as suas preocupações e problemas se traduzem pelas dificuldades na resolução das tarefas normativas de desenvolvimento, características da fase em que se encontram (transição da adolescência para a idade adulta) (OPP, 2018). Alguns estudos identificaram que fatores

como falta de controle, traços da personalidade, acontecimentos negativos na vida, transtorno de ansiedade e depressão são potencializadores do comportamento suicida. Outro dado importante é que 8% dos estudantes já planejaram suicídio e 1.4% tentou suicídio (GARLOW *et al.*, 2008 apud NADELSON *et al.* 2018). Além disso, fatores como uso abusivo de álcool e drogas, a disponibilidade dos meios para efetuar o ato suicida, isolamento social, o sentimento de desesperança e deixar a casa dos pais para frequentar a universidade pode exacerbar as dificuldades Psicológicas desta etapa. “Deixar a família e entrar num ambiente não familiar com altos padrões acadêmicos pode causar depressão ou altos níveis de angústia.” (DUTRA, 2012). O estresse é um fator significativo em qualquer modo de se entender o comportamento suicida. Na região Nordeste, um dos estudos sobre esta população (DUTRA, 2005), revela uma significativa relação entre alguns fatores de risco como a depressão, abuso de álcool e desejo de morrer e tentativa de suicídio entre esses estudantes. No estudo mencionado foram investigados 152 alunos. Esta pesquisa verificou um número significativo (25%) de alunos que pensavam em se matar, além da presença de estados depressivos entre eles. Dutra (2005, p. 297) sugere que tal resultado não afasta a preocupação em relação à saúde mental desses jovens; primeiro, pelo fato de o “suicídio” ser um tema polêmico, ainda tabu, o que pode fazer com que o pesquisado não responda de forma sincera à pergunta feita.

Conclusão: Portanto, é possível concluir que muitos fatores podem influenciar o índice de ideação suicida e embora os índices sejam altos ainda não abrangem a totalidade dos casos, se faz importante a abertura de diálogos sobre o tema em espaços universitários, que contém um público que já demonstram ser vulnerável. O aumento nas taxas de suicídio entre jovens não ocorre somente no Brasil, mas também em outros países. No que se refere, especificamente, ao suicídio de estudantes universitários, a produção científica no Brasil ainda se mostra precária, considerando-se a significativa estatística de suicídio de jovens, como supracitado. Nesse sentido, evidencia-se a importância de produzir novos estudos sobre essa população. É importante ressaltar a importância de profissionais da saúde mental como psicólogos que tem como princípio ético basear o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS. 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms>. Acesso em: 17 out. 2022.

DUTRA, E. **Ideação e tentativa de suicídio entre estudantes de psicologia da UFRN**. Relatório de pesquisa apresentado à Pró-reitoria de Pesquisa-Propesq/UFRN, 2007.

NADELSON, L. S. et al. Why did they come here? The influences and expectations of first-year students' college experience. **Higher Education Studies**, v. 3, n. 1, 5062. doi: 10.5539/hes.v3n1p50. ORDEM DOS PSICÓLOGOS DE PORTUGAL. Suicídio e Ideação Suicida em Estudantes Universitários. Lisboa, Portugal: Ordem dos Psicólogos, fev. 2018.

Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05, 2005.

MUTILAÇÃO “INVISÍVEL”: O IMPACTO DA OSTOMIA NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES ONCOLÓGICOS

Isabela Araujo Oliveira¹; Daniela Garcia Bandeca Schwingel²; João Paulo Martins³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – isabelaaraujoliveira@hotmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
danibandeca@gmail.com;

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Ostomia; Oncológico; Fenomenologia; Qualidade de vida; Saúde Mental.

Introdução: De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o câncer de cólon e o câncer de reto estão localizados no terceiro lugar dentre os tipos de câncer de maior incidência em ambos os gêneros (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2019). A ostomia é um procedimento no qual, por meio de uma cirurgia, um orifício é aberto para a exteriorização de parte dos intestinos, com o intuito de desviar o conteúdo do intestino para uma bolsa externa (gases e fezes), sendo a colostomia relacionada ao intestino grosso e a ileostomia ao intestino fino. Existem muitos casos de doenças e patologias que podem resultar na ostomia. Essa exteriorização é realizada para que haja um restabelecimento do trânsito intestinal, dessa forma o paciente precisa utilizar a bolsa de colostomia ou ileostomia. Se faz importante ressaltar que além desse processo cirúrgico, o paciente ainda precisa passar por uma alteração na sua alimentação, pois a exteriorização do intestino afeta diretamente a digestão e absorção de água e nutrientes, assim o paciente precisa dotar uma dieta específica para prevenir gases, odores, constipação e diarreia (BARBUTTI; SILVA; ABREU, 2008; ALMEIDA *et al.*, 2010). Em uma perspectiva Heideggeriana a corporeidade é ser-corpo, pois é através do corpo que a existência pode se manifestar, ou seja, o corpo como uma extensão de sua existência. Dessa forma a corporeidade está relacionada de modo intrínseco à temporalidade e à espacialidade, sendo parte importante de modo fundamental do ser-no-mundo. A partir da implantação da bolsa de colostomia ou ileostomia, essa pode ser considerada como uma nova forma de se relacionar com o mundo, levando em consideração o espaço e tempo em que estamos, essa nova forma também traz uma nova concepção de corpo e de seu sentido. Essa mutilação “invisível” pode gerar o sentimento do rompimento do ser, ou seja, o mesmo percebe que não está apegado a nada, nem mesmo as representações de si que construiu durante sua existência (POMPÉIA, 2003; ALMEIDA *et al.*, 2010). A qualidade de vida é um fenômeno complexo, subjetivo e com múltiplos aspectos, se tornando assim um conceito de difícil interpretação. A qualidade de vida deve ser um objetivo a ser alcançado e ao mesmo tempo algo intrínseco ao ser humano, sendo melhor representado como uma sensação íntima de conforto, bem-estar durante o desempenho de suas funções físicas, intelectuais e psíquicas dentro da sua realidade e contexto (LASMAR, 2009). O conceito de qualidade de vida entrelaça aspectos individuais, relacionais e contextuais, ou seja, autoestima, bem-estar, capacidade funcional, autonomia, nível socioeconômico, emoções, interação e relacionamento com o meio, atividade intelectual, autocuidado, rede de apoio, saúde, função sexual, valores (culturais, éticos e religiosos), ao estilo de vida, à satisfação com o emprego e ao ambiente em que se vive. Dessa forma fica explícito a relação da qualidade de vida com a promoção da saúde, e cabe acrescentar a resiliência como parte dessa relação, pois seu caráter preventivo como meio através do qual possibilite o desenvolvimento dos fatores de proteção frente aos fatores de risco a que o sujeito possa estar exposto seja (LASMAR, 2009).

Objetivos: O objetivo do presente estudo é promover uma reflexão sobre o impacto da ostomia na qualidade de vida de pacientes oncológicos através de uma leitura fenomenológica.

Relevância do Estudo: Tendo em vista o número significativo de pessoas que passam por estes procedimentos em virtude das mais variadas enfermidades, este estudo se faz relevante pois traz um alerta à equipe de saúde (mental e geral) quanto a qualidade de vida destes indivíduos.

Materiais e métodos: O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa tendo como base a visão fenomenológica. As pesquisas serão realizadas através das bases de dados PePSIC, Scielo e Bireme, utilizando como critério publicações dos últimos 10 anos. Para busca dos artigos serão utilizadas as seguintes palavras-chaves: Câncer; Ostomia; Colostomia; Ileostomia; Oncológico; Fenomenologia; Qualidade de vida; Saúde Mental. Serão excluídos os artigos não disponíveis na íntegra, duplicados e não relacionados ao tema.

Resultados e discussões: Vivemos em uma sociedade que cultua o corpo e dá valor a tudo o que é considerado “belo”. Indivíduos acometidos de enfermidades que necessitam da utilização da bolsa de colostomia estão sujeitos a não passarem despercebidos aos olhos de outros indivíduos. O novo, o diferente, tende a causar impacto, gerando curiosidade e até mesmo certa rejeição por parte da sociedade. Além da questão estética, a bolsa de colostomia traz mudanças significativas na vida de quem a utiliza, por exemplo no aspecto alimentar. A ruptura abrupta da normalidade corporal imposta pela ostomia emerge reflexões e ressignificações sobre a existência e toda sua complexidade, as mudanças causam repercussão na qualidade de vida dos usuários, interferindo na sua autoestima, relacionamentos e vivências interpessoais, bem como nas suas emoções, além de outros fatores que envolvem todo o projeto existencial do paciente (MARTINS; ALMEIDA; MODENA, 2011; ALMEIDA, 2010).

Conclusão: Conhecendo os efeitos da ostomia no âmbito sócio emocionais dos sujeitos acometidos de câncer, a equipe de saúde multidisciplinar terá condições de melhor auxiliá-lo no seu processo de recuperação, trabalhando fatores motivacionais e resilientes, impactando nas suas vivências diária e conseqüentemente na sua qualidade de vida.

Referências:

- ALMEIDA, S. S. L., *et al.* Os sentidos da corporeidade em ostomizados por câncer. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 4, p. 761-769. Maringá, out./dez. 2010.
- BARBUTTI, R. C. S.; SILVA, M. de C. P.; ABREU, M. A. L. Ostomia, uma difícil adaptação. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 27-39, dez. 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer. **MINISTÉRIO DA SAÚDE - INCA**, ed. 5 rev. atual. ampl. Rio de Janeiro, 2019.
- LASMAR, M. M. O.; RONZANI, T. M. Qualidade de vida e resiliência: uma interface com a promoção da saúde. **Rev APS**, Juiz de Fora, v.12, n.3, p. 339-50, 2009.
- MARTINS, A. M.; ALMEIDA, S. S. L. de; MODENA, C. M. **O ser-no-mundo com câncer: o dasein de pessoas ostomizadas**. Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) - Rev. SBPH v.14, n.1, Rio de Janeiro, Jan./Jun. – 2011.
- POMPÉIA, J. A. Corporeidade. **Revista Brasileira de Daseinanalyse**, e.12, p. 28-42, 2003.

MÃES NARCISISTAS E AS CONSEQUÊNCIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS SEUS FILHOS: NA VISÃO PSICANALÍTICA

Elisane Salla de Castro¹; Cristiane Araujo Dameto²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – juliana15255@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – crisdameto@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Mães narcisistas; Narcisismo e transtorno de personalidade narcisista; narcisismo e psicanálise.

Introdução: O narcisismo no senso comum é visto como um amor exagerado, seja fantasioso ou real, o outro é invisível e o indivíduo só consegue enxergar a si mesmo. (SOUZA *et al.*, 2019). Mães narcisistas mostram-se perversas e possessivas na relação com os filhos, sempre pautadas por abusos psicológicos e pressão psicológica. Anulando totalmente a independência dos seus filhos e seu desenvolvimento, pois temem que eles deixem de ser o centro das suas vidas (BRANCO, 2021).

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo estudar as possíveis consequências ao desenvolvimento de crianças com mães narcisistas.

Relevância do Estudo: O estudo torna-se importante para identificar as possíveis consequências para as crianças de mães narcisistas e assim proporcionar informações para futuros trabalhos e propostas para intervenções terapêuticas com as mesmas.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa. Foi realizado um levantamento de artigos publicados em periódicos indexados nas bases de dados: LILACS (Literatura Latino-Americana e Caribe em Ciências da Saúde) consultada por meio do site da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) também da Medline (Literatura Internacional em Ciências da Saúde), acessada por meio do PUBMED, um serviço da National Library of Medicine dos Estados Unidos. Os descritores usados na pesquisa foram: Mães narcisistas; Narcisismo; Desenvolvimento e transtorno de personalidade narcisista; narcisismo e psicanálise. Foram incluídos nesta revisão estudos da língua portuguesa e inglesa publicados nos últimos dez anos (2012 a 2022).

Resultados e discussões: Segundo os autores Marques e Badaro (2021), os estilos parentais são fortes influentes no desenvolvimento da criança. A conduta da mãe e a linguagem corporal, atenção e interação com o meio cria um ambiente emocional que irá acompanhar até a vida adulta. A família está ligada com a construção social da criança através da autoridade que os pais exercem. A família deve estar disponível para atender as necessidades da criança de forma cuidadosa e presente. O indivíduo precisa se sentir protegido para construir uma base segura para ele. Essa relação proporciona experiências futuras no fundo.

Pensando na importante tarefa que envolve a formação desse vínculo entre a mãe e seu filho, uma mãe com traços narcisistas pode se tornar uma ameaça a esse vínculo. O narcisismo tem como característica principal a necessidade de arrogância, grandiosidade, comportamentos egoístas, sentimentos de superioridade e falta de empatia com os outros. Essas características tornam-se patológicas quando existem altos níveis de comportamento narcisista a ponto de fazer parte de um traço de personalidade ou transtorno (FARZAND;

ÇERKEZ; BAYSEN, 2021). Um dos problemas citados na literatura como consequência do vínculo inseguro, é a obesidade. A Obesidade resulta como uma forma de defesa diante da experiência de desamparo pela separação da mãe (relação simbiótica). O corpo é considerado depósito de conflitos da relação com a mãe e o comer compulsivo pode mostrar estresse na relação com a mãe. À medida que a criança cresce e desenvolve novas habilidades para interagir com o ambiente e assim ir se tornando mais independente da mãe, a mãe com traços narcisistas tende a manter essa simbiose, e a projetar no filho seus desejos como se o mesmo fosse um prolongamento dela mesma. Ela coloca a responsabilidade no filho de representar tudo o que ela deseja. A recorrência de experiências negativas excessivas relacionadas a falha de cuidados precocemente na relação primária entre a mãe o bebê pode levar o filho a sentir angústias inimagináveis e essa interrupção proporciona um sofrimento e adoecimento psíquico. (TEODORO; KOGA; NAKASU, 2017).

Conclusão: Por meio do levantamento bibliográfico e das discussões com os achados da literatura foi possível verificar a dificuldade em achar material que tratam sobre o tem, possivelmente em função dessa relação ser romantizada e existiram muitos tabus sobre a maternidade. Foram encontradas possíveis consequências para o desenvolvimento dos filhos, entre elas indivíduos que tiveram vínculos inseguros aumenta a probabilidade de desenvolver transtornos de ansiedade, pânico e transtorno alimentar e crianças que tiveram vínculos de superproteção podem desenvolver inseguranças sobre si mesma.

Referências:

BRANCO, J. P. R. O amor que deveria ser leve. **Pontifícia Universidade Católica de Goiás**. Goiânia, 2021.

MARQUES, E. M; BADARO, A. C. Estilos parentais e níveis de ansiedade de desempenho: uma revisão narrativa a partir da terapia do esquema. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**. Juiz de fora, v. 3, n. 11, p 197 -217, jan./jun. 2021.

SOUZA, A. P. S. *et al.* Contribuições da psicanálise sobre as mães superprotetoras e o desenvolvimento de seus filhos. **ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA XI**. Maringá, 2019.

ONAYLI, S; ERDUR-BAKER, O. Mother-daughter relationship and daughter's self esteem. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**. Turkey, v. 84, p. 327-331, 2013.

TEODORO, P. P; KOGA, T. M; NAKASU, M. V. P. Investigação dos padrões relacionais do vínculo mãe-filha envolvidos na obesidade feminina. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 96, n. 2, p. 63-72, 2017.

NOMOFOBIA: DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA

Miguel Augusto Gonçalves¹; Renata de Almeida Moraes Possato²

¹Discente de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - miguel.augon@gmail.com

²Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
renatagarcia.moraes@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: dependência tecnológica, nomofobia, terapia cognitivo-comportamental, uso compulsivo de tecnologia, adolescentes, internet.

Introdução: Nomofobia, é o nome técnico para Dependência Tecnológica ou Dependência de Internet, é a “caçula das dependências comportamentais” que atinge majoritariamente adolescentes que se mostram um grupo “especialmente atraído” (ABREU, 2011). Sendo caracterizada pelo uso compulsivo da tecnologia em que os dependentes virtuais perdem o controle dos impulsos ocasionando danos psicossociais e, apesar destes, não conseguem deixar de utilizar com frequência prejudicial a internet. (ABREU, 2011). Este é um transtorno recente, ainda não descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais na 5ª Edição (DSM-5) e que só foi reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2022 a partir da publicação da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde na 11ª Edição (CID-11) que apresenta o “Jogo Patológico de Predominância Online” (WHO, 2021), além de critérios estabelecidos por estudiosos anteriores ao CID-11. Sendo assim é possível traçar uma etiologia, diagnóstico e investigar uma possibilidade de tratamento na atualidade para a Dependência Tecnológica.

Objetivos: Definir o conceito da Nomofobia, características principais, população acometida, consequências e indicar possibilidade de tratamento cientificamente comprovado embasado na abordagem cognitivo-comportamental.

Relevância do Estudo: Vivenciasse atualmente um cenário pós-pandemia do COVID-19, contexto em que jovens e adolescentes foram intensamente expostos ao uso excessivo de tecnologia por ao menos 2 (dois) anos. Faz-se relevante então, a investigação e divulgação de material científico, objetivando conscientizar para uma possível demanda de saúde pública. A literatura aponta para o aumento do número de jovens e adolescentes tendo prejuízos na realização de atividades diárias, bem como, em seus relacionamentos interpessoais, tais variáveis possivelmente estão associadas a maior exposição tecnológica durante a pandemia. Investigar na literatura o que tem sido publicado sobre a Nomofobia, pode contribuir na construção de conhecimento em relação a este transtorno novo e pouco descrito cientificamente.

Materiais e métodos: Realizou-se uma revisão de literatura, no presente estudo, e os materiais selecionados foram livros e artigos científicos disponíveis no SciELO, PubMed, National Library of Medicine e American Journal of Psychiatry.

Resultados e discussões: a Dependência Tecnológica é um transtorno comportamental que de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (APA) representa um transtorno psiquiátrico em potencial, o que o faz entrar no DSM-5 no Apêndice de “Condições para Estudos Posteriores” como “Transtorno do Jogo pela Internet” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). A compulsão ao usar a tecnologia inicialmente era entendida associada a transtornos como Agorafobia e Ansiedade, medos e traumas (KING, 2014). Em estudo realizado com 504 estudantes de 14 a 19 anos em Santa Catarina identificou-se que

8,9% dos participantes apresentam dependência moderada e severa (TUMELEIRO, 2018). Estima-se que 10% da população mundial que utiliza internet seja dependente da mesma (SPRITZER, 2008). As consequências podem incluir problemas interpessoais como inabilidades sociais, solidão e ansiedade social, humor deprimido e compulsividade (ABREU, 2011). O tratamento majoritariamente referido pelos especialistas é a Terapia Cognitivo-Comportamental, em grupo ou individual (YOUNG, 2019, p. 22; SPRITZER, 2008; LINDENBERG, 2019), além do Programa de 12 Passos em casos de internação (ABREU, 2011; KING, 2014; YOUNG, 2019).

Conclusão: A Dependência Tecnológica é um transtorno novo, e por assim ser, está em um processo de reflexão, descrição e pesquisa por parte da Academia e das Instituições de Saúde Pública objetivando compreendê-lo. Já existem pesquisas promissoras que fornecem a oportunidade de compreender seus aspectos básicos e traçar possibilidades de tratamento eficaz.

Referências:

ABREU, C. N.; YOUNG, K. S. **Dependência de Internet: Manual e Guia de Avaliação e Tratamento.** Editora Artmed. Porto Alegre, 2011.

APA, American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 [Recurso eletrônico].** (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Editora Artmed, página 795. Porto Alegre, 2014.

KING, A. L. S. *et al.* **Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular?** São Paulo: Atheneu Editora, 2014.

NIEL, M; JULIÃO, A.M.; SILVEIRA, D.X. **Série Dilemas Modernos: Dependências Não Químicas e Compulsões Modernas.** São Paulo: Editora Atheneu, 2016.

LINDENBERG, K. *et al.* Effectiveness of Cognitive Behavioral Therapy–Based Intervention in Preventing Gaming Disorder and Unspecified Internet Use Disorder in Adolescents: A Randomized Clinical Trial. **Journ. A. Med. Assoc. Psychiatry.** v. 76, n. 10, 2019.

SPRITZER, Daniel Tornaim; et al. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Brazilian. J. Psychiatry,** v. 30, n. 2, 2008.

TUMELEIRO, Lucas Franco; et al. **Dependência de Internet: Um Estudo com Jovens do Último Ano do Ensino Médio.** Rev. Interinst. Psicol., v.11 n. 2, 2018.

WHO, World Health Organization. **International Classification of Diseases, Eleventh Revision (ICD-11)** – 2019/2021. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2f%2fid%2f%2f%2f338347362>. Acesso em: 15 out. 2022.

YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. **Dependência de Internet em Crianças e Adolescentes: avaliação, fatores de risco e tratamento.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2019.

O CORPO FEMININO EM MOVIMENTO NA MODA

Ana Clara Candida Teixeira¹; Dilson Brito da Rocha²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anaclaracandida@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – dilsonrocha@gmail.com;

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: corpo (*body*), moda (*fashion*), biopolítica (*biopolitics*), mulheres (*women*)

Introdução: O corpo se tornou alvo do poder. Descobriu-se que ele poderia ser moldado, treinado e submetido, para se tornar ao mesmo tempo útil e sujeitável. Em meio a isso o corpo feminino se encontra preso no interior de poderes, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações dentro do sistema capitalista. (FEDERICI, 2017). O corpo exerce um papel de mediação entre a mulher e o mundo. Para Merleau-Ponty, o corpo não é uma coisa, não é uma máquina, nem é pura ideia, mas movimento, sensibilidade e expressão criadora. Pelo viés da vestimenta, a mulher produz significações que atravessam o contexto histórico e representam identidades individuais ou coletivas. Diante disso, a roupa é uma linguagem que representa como quem a veste vê o mundo ao mesmo tempo que define o modo pelo qual o mundo vê quem a veste (PEIXOTO, 2012). Portanto, pode-se pensar, a partir das observações de Foucault, em uma ordem das roupas, como se tornará potente o discurso que executam as operações sobre as disciplinas de uma política que invisibiliza mulheres, com base na legitimação do saber e do poder, perpassando a questão de como tais mecanismos regem o corpo feminino dentro da moda.

Objetivos: Discutir a relação que se estabelece entre o corpo e a moda em meio a um aprimoramento da mulher nas estruturas de poder.

Relevância do Estudo: Se faz necessário abordar como o controle sobre o corpo da mulher mantém a dominação dentro da sociedade contemporânea, perpassando a questão de como tais mecanismos de poder regem o corpo feminino dentro da moda. A partir disso, buscamos traçar como a moda está ligada ao que damos a ver de nós e como desejamos ser percebidas.

Materiais e métodos: Foi realizada uma revisão narrativa da literatura por meio de um levantamento de artigos sobre moda na área da Psicologia, com os descritores: corpo (*body*), moda (*fashion*), biopolítica (*biopolitics*), mulheres (*women*), publicados em periódicos indexados nas bases de dados PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e LILACS (Literatura Latino Americana e Caribe em Ciências da Saúde). Os critérios de inclusão adotados para os artigos foram: ano de publicação dos últimos dez anos (2012 a 2022). Também ocorreu uma revisão literária em livros atuais correlacionados ao tema.

Resultados e discussões: O corpo é o que nos torna presentes no mundo. Através dele constrói-se a relação da mulher com o meio cultural e social em que se situa. Em seu desenvolvimento, é dependente do meio físico e dos contatos que estabelece (ZANDONADI, MELLO, 2012). Mesmo atualmente onde a mulher ocupa maiores espaços dentro da sociedade, as crenças enraizadas não se fizeram de outro modo e a adequação do corpo feminino como atributo de beleza continua sendo alvo de preocupação e pertencimento. Paralelo ao desenvolvimento tecnológico, o corpo feminino se evidencia como um objeto de manipulação e consumo. A mulher, incentivada através dos discursos midiáticos, consome de acordo com o que a sociedade lhe impõe como belo e necessário (CAMPOS; CIDREIRA, 2018). A vestimenta vem se constituindo como uma forma de resistência as fronteiras simbólicas e demandas de adequação. Sendo assim,

representativas por seu caráter não-verbal e, até inconsciente, de expressão de dissidências com relação às identidades hegemônicas e o posicionamento da mulher perante a estrutura de dominação enraizadas em seu meio social (GÓMEZ; ROCHA, 2018).

Conclusão: Dado o exposto inferimos que, da mesma forma que a roupa transmite significados, o corpo também comunica um sentido ou manifesta a influência das interações com os meios social, cultural, ambiental e político em que está inserido. Caso a mulher permaneça identificada com as expectativas sociais, ela pode vir a sofrer ou com o não reconhecimento de características individuais, ou com a reprodução de padrões que não permitem a expressão adequada de sua individualidade. Vestir um corpo, portanto, é social.

Referências:

CAMPOS, B. de B. S.; CIDREIRA, R. P. A ordem da roupa em Foucault: as relações de poder presentes no discurso midiático do corpo adornado. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v.4, n.3, p. 1-8, 2019.

FEDERECI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017. 406p.

GÓMEZ, C. M.; ROCHA, M. V. **Construindo e padronizando: um estudo histórico-cultural sobre corpos femininos**. *Áskesis*, v.7, n.2, p. 38-51. Jul./Dez., 2018.

PEIXOTO, A. J. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Rev. abordagem gestalt**. Goiânia, v. 18 n. 1, p. 43-51. 2012.

ZANDONADI A.; MELLO, P. Corpo e Moda pela Perspectiva do Contemporâneo. **Revista Científica de Design**. Londrina, v.3, n.1, p. 119-129. Jul./Dez., 2012.

RELAÇÃO DOS PROFESSORES COM ALUNOS COM TDAH

Thiago Calderari de Sousa¹; Lara Campanhã Salgado²; Gabriel Cortesini Borges da Silva³; Fabiana Silva de Paiva⁴; Carolina Tarcinalli Souza⁵

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB psicothiagocsousa@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB laracampanha@gmail.com;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB gacortesinipsico@gmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB fab.sp@terra.com.br;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB caroltar11@hotmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: deficiência do aprendizado, TDAH, treinamento de professores, educação especial, base curricular de mensuração, empatia.

Introdução: Na última década a porcentagem de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em uma perspectiva global é de 7,2%, o trabalho com essas crianças tem sido estudado e aprofundado (PAES; RENK; SIMÃO-SILVA, 2022). Como é sabido, o TDAH é um transtorno neurocomportamental e multifatorial caracterizado por padrões persistentes de desatenção, desorganização, impulsividade e hiperatividade, por isso um trabalho apropriado com empatia no processo de ensino-aprendizagem se faz necessário (ABRAHÃO *et al.*, 2020). De Saenz *et al.* (2020) destacam que uma relação empática entre professor e aluno, promove um ambiente acolhedor, considerado ideal para o aprendizado cognitivo e emocional. A empatia no trabalho pedagógico é um fator facilitador no processo de aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, resulta na melhoria contínua da qualidade de ensino.

Objetivo: Sublinhar que a relação entre professores e alunos quando exercida englobando aspectos de empatia e métodos de reforçamento resultam em relações positivas e na diminuição de experiências traumáticas, maximizando o processo de ensino-aprendizagem em casos de crianças TDAH.

Relevância do Estudo: A inclusão educacional dirigida às crianças com TDAH é considerada por diversos autores internacionais e nacionais como um desafio a ser transposto., por isso estratégias pedagógicas, ações instrucionais e metodologias aplicadas auxiliam os alunos com TDAH em suas dificuldades, promovendo e facilitando o acesso do mesmo dentro do seu processo de formação.

Materiais e métodos: Foram compilados artigos que abarcam entre os anos de 2012 a 2022, averiguados nas bases de dados do SciELO, PubMed, buscando os seguintes descritores: deficiência do aprendizado, treinamento de professores, educação especial, base curricular de mensuração, empatia.

Resultados e Discussões: Segundo Paes, Renk e Simão-Silva (2022) o contexto atual demonstra que as crianças com TDAH são ainda vistas predominantemente como um problema de saúde, gerando estigmas e dificultando o processo de inclusão, as dificuldades de comportamento dentro de sala de aula, quando não corretamente administradas por professores competentes, reforçam preconceitos e medicamentação deste público, portanto é aconselhado aos professores que aprofundem seus conhecimentos quanto aos transtornos de seus alunos para que possam ajudá-lo com estratégias de aprendizado. No caso dos transtornos de TDAH, o professor auxilia o aluno a desenvolver estratégias para organizar e facilitar o aprendizado (INÁCIO; OLIVEIRA; MARIANO, 2017). No estudo de Pimentel, Albuquerque e Azevedo (2022), analisaram profissionais da educação envolvidos

com alunos com TDAH no processo ensino-aprendizagem por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontaram que uma visão mais reflexiva, sobre a importância da formação do pedagogo para lidar com o TDAH, junto com a família e escola obtém êxito no desenvolvimento do potencial do aluno. Para Silva, Santos e Oliveira Filho (2015) analisaram sobre TDAH a partir do olhar de professores do ensino fundamental das redes pública e privada em Pernambuco, refletindo sobre aspectos do modelo escolar vigente e manifesta as dificuldades da inserção e inclusão no espaço educacional. Os resultados mostraram uma preocupação perante a esses alunos devido ao processo de ensino-aprendizagem. Corroborando com os achados Inácio, Oliveira e Mariano (2017) verificando a percepção dos professores sobre estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem, apontam que os educadores compreendem os benefícios dos estilos intelectuais para potencializar o aprendizado. Nessa pesquisa, quanto à estratégia, os docentes perceberam que seus alunos, de modo geral, buscavam se adaptar aos desafios impostos pelo transtorno, criando técnicas de assimilação em seus estudos, como sublinhar, anotar, pesquisar, reler e pedir ajuda.

Conclusão: O grupo de pessoas com TDAH demonstra potencialidades e déficits que devem ser avaliadas e analisadas na gênese de estratégias de ensino. Por outro lado, percebe-se que o uso da empatia na busca de entender os sentimentos e aprofundamento dos conhecimentos a respeito do transtorno favorece o trabalho com esse público dentro das escolas.

Referências:

- ABRAHÃO, A. L. B. *et al.* Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), inclusão educacional e Treinamento, Desenvolvimento e Educação de Pessoas (TD&E): uma revisão integrativa. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 2, p. 1025-1032, 2020.
- DE SAENZ, C. C. B. *et al.* Empatia no processo de ensino e aprendizagem no ensino superior em saúde. **Atas de Ciências da Saúde**, v. 9, n. 3, p. 12-27, 2020.
- INÁCIO, F. F.; OLIVEIRA, K. L.; MARIANO, M. L. S. Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: percepção de professores do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n.3, p. 447-455, 2017.
- PAES, S. S. M.; RENK, V. E.; SIMÃO-SILVA, D. P. A inclusão de alunos com TDAH – um decênio das diretrizes de Educação Especial em Santa Catarina: um modelo de beneficência? **Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]**. v. 30, n. 114, p. 254-273, 2022.
- PIMENTEL, L. N. O.; DE ALBUQUERQUE, S. R.N.; AZEVEDO, G. X. DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM EM CRIANÇAS COM TDAH. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação**, v. 8, n. 1, p. 202-224, 2022.
- SILVA, S. P.; SANTOS, C.P.; OLIVEIRA FILHO, P. Os significados do TDAH em discursos de docentes dos anos iniciais. **Pro-Posições**, v. 26, n.2 p. 205-221, 2015.

INFLUÊNCIAS DA TELEVISÃO NO FILME “O QUARTO DE JACK”: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DE VYGOTSKY

Elaine Cristina Gomes de Moraes¹; Michele Cristina da Silveira Santos²; João Paulo Martins³

¹Professora e aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB moraes.e@gmail.com;

²Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mizynha@gmail.com;

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Vygotsky, mediação, mediatização, psicologia social, meios de comunicação, televisão

Introdução: Vygotsky desenvolve sua teoria sobre a aprendizagem partindo de uma ontologia na qual entende que o homem é um ser histórico-social e histórico-cultural, que se molda e é moldado pela cultura, a partir de uma relação de influências recíprocas (LUCCI, 2006). O psicólogo atribui à mediação relevância fundamental para o aprendizado, com ênfase à linguagem, considerada a primeira forma de mediação (MOLON, 2016). A partir da mediação entramos em contato com tudo aquilo que conhecemos e isso tudo vai sendo internalizado, podendo ser acessado pela memória e, assim, o desenvolvimento mental resulta da interiorização das funções psicológicas (LUCCI, 2006). Vygotsky destaca, ainda, em sua teoria, a zona de desenvolvimento proximal, considerando tudo aquilo que temos o potencial de aprender e aquilo que já sabemos – a zona de desenvolvimento real (COELHO; PISONI, 2012). Um tipo de mediação, onipresente socialmente, considerado produção cultural e uma forma de acesso cultural, é aquela que ocorre a partir dos meios de comunicação, tradicionais (como a televisão) e os digitais. Braga (2001) destaca a importância desses meios para as diferentes formas de interação social, denominadas ‘interações mediatizadas’. O termo é utilizado para distinguir as interações que envolvem o uso de um meio de comunicação, independentemente de como ocorrem (tempo real, modo simétrico ou assimétrico etc.). A noção geral de mediatização implica a visão de que os meios de comunicação exercem influência na sociedade e na cultura, que resulta em mudanças sociais e culturais (HEPP, 2014). A partir da teoria de Vygotsky, este estudo apresenta uma relação entre a aprendizagem e as interações mediatizadas, pela televisão, em uma análise do filme ‘O quarto de Jack’, de 2015, dirigido por Lenny Abrahamson. No filme, mãe e filho vivem, na condição de reféns, em um quarto. Joy (a mãe) foi sequestrada aos 17 anos, pelo velho Nick, que a mantém em cárcere privado. Sendo obrigada a manter relações sexuais com ele, Joy engravida e nasce Jack, que conhece o mundo a partir das histórias contadas por sua mãe, até que um dia, após a execução de um plano de fuga, Jack passa a vivenciar o mundo real.

Objetivos: Analisar as influências mediáticas, especificamente da televisão, no filme “O quarto de Jack”, sob a ótica de Vygotsky.

Relevância do Estudo: Relacionando a teoria da aprendizagem de Vygotsky com os meios de comunicação, tem-se a possibilidade de, cada vez mais, potencializar a zona de desenvolvimento proximal. As interações mediadas pelos meios de comunicação (ou interações mediatizadas) são formas cada vez mais presentes no cotidiano da maioria das sociedades, facilitando o acesso às informações a partir da linguagem mediada pelos meios e sua internalização.

Materiais e métodos: Após uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria de aprendizagem de Vygotsky e a teoria da mediatização, foi feita uma análise descritiva, tendo como critério as cenas em que aparecem a televisão.

Resultados e discussões: Observamos no filme a forte presença da televisão, por meio do próprio aparelho, bem como de profissionais da televisão, como equipes jornalísticas. No decorrer da narrativa, se observa também o telefone fixo e o celular, que não constituem objeto de análise deste estudo. Quando Jack e sua mãe ainda moravam no quarto, a televisão foi um importante meio para mediar a realidade externa (que nesse momento era apenas uma fantasia) com o mundo vivenciado pelo protagonista. Considerando que a linguagem é a primeira forma de mediação, a televisão só medeia a comunicação porque Jack conhece já a linguagem e pode interagir com o aparelho, por meio dos signos, internalizando significados e aumentando sua zona de conhecimento real. Isso pôde ser observado na cena em que Jack completa cinco anos e sua mãe fez um bolo de aniversário e Jack se recusa a comer porque não havia velas no bolo e, em suas mediações pela televisão, ele havia aprendido que um bolo de aniversário tem velas. Apesar de acreditar que a vida exibida pela televisão não existisse em uma dimensão real, Jack havia aprendido o que eram outras pessoas, animais e objetos. Quando a mãe começa a lhe contar sobre o mundo real, Jack começa a questionar como tudo seria, já que para ele, o mundo real era o espaço delimitado do quarto. A televisão teve grande relevância em seu aprendizado, como: para entender como chegavam os alimentos, Jack entendia que o velho Nick os obtinha pela televisão, por meio de magia; sobre os sonhos, Jack questionou a mãe se eles entravam na televisão para sonhar enquanto dormiam; e, quando a mãe conta a ele sobre a casa de seus pais, Jack questiona se é uma casa da televisão. O significado da televisão para Jack transcendia seu papel de mediadora por meio de signos, mas era também a resposta para aquilo que ele não entendia. Já no hospital, após seu resgate, Jack está ao lado da mãe vendo TV e a notícia sobre sua história está sendo transmitida. Enquanto para ela a notícia sobre seu resgate é algo que prende sua atenção, dada sua expressão facial, para Jack, tudo é completamente novo e sua zona de desenvolvimento potencial é nitidamente ampla, pois há muitos signos novos para interiorizar. Em um momento, a mãe faz parte da televisão, ao conceder entrevista a uma apresentadora da televisão, cuja ética pode ser questionada, considerando algumas questões que a desestabilizaram, como se sua decisão em proteger o filho teria sido a melhor opção para ele. Algum tempo depois, a mãe é encontrada desacordada no banheiro, após uma tentativa de suicídio. No filme, a televisão teve destaque ao se tornar fonte de uma diversidade de signos, que passaram a ser interiorizados por Jack, retroalimentando seu conhecimento. Isso não tem relação com juízos de valor, o que significa que não se atribui seu conteúdo a algo positivo ou negativo, mas à sua relevância como mediadora para a aquisição de mais aprendizados.

Conclusão: A análise possibilitou a compreensão da relevância das interações mediatizadas para o aprendizado. Retomando a teoria de Vygotsky, que argumenta que o aprendizado ocorre pela mediação, pode-se compreender que a televisão, a partir da linguagem, contribui para a interiorização dos signos, aumentando, portanto, a zona de desenvolvimento real dos indivíduos.

Referências

- BRAGA, J. L. Interação & recepção. In: FAUSTO NETO, A. (Org.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2001. p. 109-136.
- COELHO, L.; PISONI, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e-Ped – FACOS / CENEC Osório**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 144-152, ago. 2012.
- HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos mediatizados: pesquisa da mediatização na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, São Paulo, v.8, n.1, p. 45-64, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930/85964>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- LUCI, M. A. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. **Revista de currículo y formación del profesorado**, Granada, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006.
- MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2016.

O AUXÍLIO PSICOLÓGICO NA DOENÇA DE PARKINSON

Franciele de Freitas Costa Silva¹; Michele Cristina da Silveira Santos²; Pâmella Priscila Bernardes Vieira³; Elaine Cristina Gomes de Moraes⁴; Luis Alberto Domingo Francia Farje⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – franzifreitas@gmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mizynha@gmail.com

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - pamellapri@yahoo.com.br

⁴Professora e aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – moraes.e@gmail.com

⁵Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – luis.farje@fibbauru.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Doença de Parkinson, psicoterapia, qualidade de vida

Introdução: A Doença de Parkinson é neurodegenerativa, que decorre da perda contínua de neurônios dopaminérgicos, localizados na região do cérebro chamada substância negra (PAIXÃO *et al.*, 2013). Apesar de ser crônica e neurológica, DP desencadeia sintomas físicos como rigidez muscular, tremor de repouso, bradicinesia e alteração postural, capazes de afetar a rotina dos pacientes, cuidadores e familiares (PETERNELLA; MARCON, 2009). Em pacientes idosos, as desordens motoras podem causar falta de vontade para atividades rotineiras, perda da autonomia, dependência para efetuar tarefas comuns e déficit da qualidade de vida (FILIPPIN *et al.*, 2014). Embora em casos raros possa acometer pessoas mais jovens, a alta incidência da Doença de Parkinson se encontra na faixa etária entre 50 e 70 anos, sendo uma das três principais doenças enfrentadas por pessoas da terceira idade e a segunda doença neurodegenerativa mais comum no mundo. Por ser uma doença incurável, é necessário um processo de intervenção multidisciplinar para proporcionar ao paciente um melhor convívio com a comorbidade e sua nova realidade. Nesse sentido, torna-se de grande relevância o papel do psicólogo, pois da descoberta à aceitação é um caminho longo a se percorrer sendo o suporte psicológico para o paciente e família que são afetadas de alguma maneira (PETERNELLA; MARCON, 2009). Cabe ao psicólogo compreender os aspectos psicológicos do paciente para auxiliá-lo no processo de enfrentamento e, para isso, deve compreender sua subjetividade, que é o modo de ser de cada um, considerando suas emoções e sentimentos (BLOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2018).

Objetivos: Elucidar a experiência das pessoas portadoras da Doença de Parkinson no enfrentamento e adaptação que a patologia exige, relacionando as dificuldades enfrentadas e possíveis métodos e intervenções psicológicas a fim de proporcionar melhora nas condições psíquicas e físicas e emocionais do paciente.

Relevância do Estudo: Considerando que a Doença de Parkinson é um processo que precisa ser devidamente trabalhado e amparado, a relevância do artigo está em ressaltar o papel do psicólogo no enfrentamento da doença pelo paciente, bem como no auxílio aos familiares, tanto no processo de aceitação como no enfrentamento dos sintomas e mudanças que a patologia pode acarretar, na intenção de conferir uma melhor qualidade de vida para o indivíduo.

Materiais e métodos: Realizou-se uma pesquisa bibliográfica através de materiais publicados, como artigos científicos, livros e site especializado na temática.

Resultados e discussões: Com base neste estudo, entende-se que a doença de Parkinson provoca muitas mudanças na vida do paciente, bem como afeta também as pessoas do convívio familiar, que podem resultar, muitas vezes, em prejuízos psicológicos em todos os envolvidos, como o acometimento de depressão. Os estudos realizados a respeito da Doença de Parkinson indicam que o psicólogo tem papel importante, juntamente com o auxílio do trabalho de uma equipe interdisciplinar, pois a intenção nesse momento é prevenir

prejuízos psíquicos e promover atividades para a qualidade de vida (BARRETO; FERMOSELI, 2017). A notícia do diagnóstico da doença precisa ser esclarecedora, de forma a tranquilizar o paciente diante das mudanças que serão vivenciadas por ele e família. A possibilidade de sentimentos negativos em relação a doença que podem comprometer o estado físico, mental e social dos pacientes, podem ser amenizados mediante atendimento psicológico (PETERNELLA; MARCON, 2009). A Doença de Parkinson comumente pode desencadear um quadro de depressão em estimadamente 50% dos pacientes, que pode ser justificado pela condição neuronal afetada em decorrência da patologia. (NAKABAYASHI *et al.*, 2008). Os pacientes experimentam as situações de forma particular e essa compreensão possibilita identificar a frustração em relação ao diagnóstico e pode permitir ao paciente enfrentamento da doença ou frustração. Faz-se necessário enfrentar a doença positivamente e buscar uma vivência mais otimista e humana possível. O acompanhamento psicológico se torna eficaz quando o paciente reconhece e adquire benefícios diretos (PETERNELLA; MARCON, 2009). A psicoterapia em interação com equipe multidisciplinar é imprescindível na reabilitação e tratamento preventivo por permitir o reconhecimento precoce de alterações, dificuldades cognitivas e motoras decorrentes da Doença de Parkinson. Comumente se utiliza reabilitação neuropsicológica para otimizar a qualidade de vida dos pacientes e cuidadores, focando no aproveitamento de funções preservadas, adaptação as perdas e compensação ou aprendizagem de novas habilidades (OLIVEIRA; MACHADO, 2014).

Conclusão: Diante do estudo realizado, entende-se a importância do papel do psicólogo no auxílio ao enfrentamento da doença junto ao paciente e a família para que cada um possa vivenciar esse processo de maneira a amenizar o impacto da doença e promover qualidade de vida para ambos.

Referências:

- BARRETO, M. A. M.; FERMOSELI, A. F. O. A importância do acompanhamento psicológico sobre os indivíduos portadores de Doença de Parkinson e Parkinsonismo usuários de L-dopa. **Caderno de Graduação: Ciências Humanas e Sociais**, Alagoas, v. 4, n. 2, p. 29-38, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/4120/2579>. Acesso em: 11 abr. 2022.
- BLOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.
- FILIPPIN, N. T. *et al.* Qualidade de vida de sujeitos com doença de Parkinson e seus cuidadores. **Fisioter. mov.**, Curitiba, v. 27, n. 1, p. 57-66, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fm/a/BnggdfBHcRb9m3gn3C85W7v/?lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2022.
- NAKABAYASHI, T. I. K. *et al.* Prevalência de depressão na doença de Parkinson. **Rev. Psiq. Clín.**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 219-227, 2008.
- OLIVEIRA, M. D.; MACHADO, D. M. S. Declínio cognitivo na Doença de Parkinson: contribuições da neuropsicologia. **Rev. Med. Minas Gerais**, v. 24, n. 3, p. 361-366, 2014.
- PAIXÃO, A. *et al.* Doença de Parkinson: uma desordem neurodegenerativa. **Caderno de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT**, Alagoas, v. 1, n. 2, p. 57-65, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/290>. Acesso em: 11 abr. 2022.
- PETERNELLA, F. M. N.; MARCON, S. S. Descobrimos a Doença de Parkinson: impacto para o parkinsoniano e seu familiar. **Rev. Bras. Enferm. – REBEn**, Brasília, v. 62, n. 1, p. 25-33, jan./fev. 2009.

ANÁLISES SOBRE RACISMO E INTERVENÇÕES PSICOTERAPÊUTICAS NAS PRODUÇÕES BRASILEIRAS

Vitória Emanuelle Barbosa Martins¹; Florêncio Mariano da Costa Júnior²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitoriaemanuellem@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mcostajunior@gmail.com;

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia; Clínica; Saúde Mental; Racismo; População Negra.

Introdução: O racismo é uma configuração complexa e sistemática de discriminação, que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas que resultam em desvantagens ou privilégios para determinados grupos raciais. Isso significa que, não se trata somente de um ato ou um conjunto de atos discriminatórios, mas de um processo em que a desigualdade estabelece condições sociais que privilegia brancos e limita, restringe e marginaliza as identidades negras e suas produções culturais (GOUVEIA; ZANELLO, 2018). As experiências do racismo impõem um fardo psicológico significativo. O contexto de desenvolvimento de pessoas pretas é contingenciado por um complexo conjunto de interações racistas que envolvem diversos aspectos da vida cotidiana. Como efeito deste ambiente hostil de desenvolvimento está o estresse constante experimentado por esse grupo, que luta para minimizar e sobreviver as injustiças sociais a que estão submetidos, o que gera efeitos adversos como doenças psíquicas e físicas (BENEDITO; FERNANDES, 2020; TAVARES; KURATANI, 2019). Dessa forma, é possível estabelecer uma relação intrínseca entre o racismo e o sofrimento psíquico da população negra. O desconhecimento de psicólogas (os) sobre aspectos do racismo e a ausência de uma perspectiva crítica sobre as relações étnico-raciais e suas repercussões no campo da saúde, as (os) torna incapazes de reconhecer o racismo como produtor de mazelas sociais, preconceito e discriminação, de forma a contribuir para aumento de sofrimento psíquico de seu paciente negro e para a manutenção das desigualdades raciais (VEIGA, 2019).

Objetivos: Este estudo objetivou investigar como as publicações brasileiras têm analisado e discutido sobre o racismo e suas repercussões na prática clínica de psicólogas (os) e psicoterapias direcionadas a pessoas pretas.

Relevância do Estudo: Os estudos raciais se mostram como relevantes para auxiliar na (re)construção de práticas psicológicas que assumem um caminho ético-político de enfrentamento ao racismo, vista as consequências devastadoras desse fenômeno sobre a saúde mental da população negra.

Materiais e métodos: A pesquisa foi realizada nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), utilizando os descritores Psicologia; Clínica; Saúde Mental; Racismo e População Negra. Foram selecionados artigos publicados entre os anos de 2012 e 2022.

Resultados e discussões: A literatura associa o racismo a fatores como ameaças a autoestima, às desigualdades de oportunidade e à violência, que podem contribuir para o sofrimento psíquico de pessoas negras. Os sintomas físicos e psicológicos apresentados por aqueles que são alvo de experiências de discriminação e preconceito racial são resultado do constante estado de estresse emocional, angústia e ansiedade vividas cotidianamente por pessoas pretas. Mesmo sendo a ajuda psicológica fundamental para pessoas em sofrimento psíquico decorrente das experiências de racismo, a relação entre

racismo e saúde mental, adentrou a invisibilidade no campo da prática clínica de psicólogas (os) em decorrência do alheamento às questões de minorias raciais e étnicas (SACCO *et al.*, 2016; BENEDITO; FERNANDES, 2020; TAVARES; KURATANI, 2019). Existem lacunas na formação das (os) psicólogas (os) no que diz respeito às relações étnico-raciais. Os currículos de psicologia nas universidades são carregados de teorias psicológicas eurocêntricas que não discutem aspectos sócio-históricos que influenciaram na legitimação de discursos ideológicos dominantes. Tais teorias e conceitos foram construídas para manejar o sofrimento psíquico de subjetividades brancas a partir de especificidades histórico-culturais dos povos europeus e americanos, tendo sido importados e incorporados à psicologia brasileira, desconsiderando a realidade do país e seus processos econômicos, políticos, sociais e culturais. Assim, ao terminar sua formação, a (o) psicóloga (o) está familiarizado com o enfoque individualista e alheio às questões sociais, que tendem a permanecer invisíveis (GOUVEIA; ZANELLO, 2018). Dessa forma, as (os) psicólogas (os) necessitam ampliar sua compreensão de como as estruturas racistas operam, a multiplicidade de suas manifestações, seu impacto e influência sobre o sofrimento psíquico de pessoas pretas. A partir dessa crítica, teorias pautadas em paradigmas não eurocêntricos, reconheceriam os impactos de fatores raciais, étnicos e culturais na psicoterapia, levando em conta a experiência de vida e valores culturais do (a) cliente na definição dos objetivos psicoterapêuticos e no uso de técnicas e estratégias; além de possibilitar a reafirmação do pertencimento a grupos minoritários e aos processos de segregação e luta, tendo o povo negro como protagonista e sujeito do conhecimento. Uma clínica engajada no debate racial deve se comprometer em um processo de desalienação racial, de modo a reafirmar o respeito às diferenças étnico-raciais na Psicologia e nas práticas clínicas de psicólogas (os) (BENEDITO; FERNANDES, 2020; GOUVEIA; ZANELLO, 2018; SACCO *et al.*, 2016; TAVARES; KURATANI, 2019; VEIGA, 2019).

Conclusão: Como consequência do alheamento racial e a ausência de um olhar crítico, as (os) psicólogas (os) estão inaptas (os) a compreender materialmente como a pessoa negra adoece, não se atentando aos processos de preconceito e discriminação racial presentes em seu sofrimento psíquico. A ausência de conhecimento a respeito de como as estruturas raciais operam na sociedade, ocasionam negligência e práticas inadequadas, que ampliam e perpetuam não só seu sofrimento individual, mas as estruturas coloniais de dominação e segregação dos povos colonizados. Dessa maneira, fica evidente a urgência da construção de uma Psicologia engajada em debates raciais, comprometida com o processo de desalienação racial das psicólogas (os) e com a luta antirracista.

Referências

- BENEDITO, M.S; FERNANDES, M.I.A. Psicologia e Racismo: as Heranças da Clínica Psicológica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.40, n. spe, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/mPhhzGBJ>. Acesso em: 3 set. 2021.
- GOUVEIA, M; ZANELLO, V.M.L. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p.450-464, 2018. Disponível em: <https://bityli.com/sZDgLuTG>. Acesso em: 3 set. 2021.
- SACCO, A.M; COUTO, M.C.P.P; KOLLER, S.H. Revisão Sistemática de Estudos da Psicologia Brasileira sobre Preconceito Racial. **Temas em Psicologia**, v.24, n.1, p.233-250, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-16>. Acesso em: 3 set. 2021.
- TAVARES, J. S. C; KURATANI, S. M. A. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, [s.n], p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184764>. Acesso em: 3 set. 2021.
- VEIGA, L.M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.31, n.spe, p. 244-248, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000. Acesso em: 3 set. 2021.

TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: DO DIAGNÓSTICO À ACEITAÇÃO

Tainá Macedo Oliveira¹; Carolina Tarcinalli de Souza²; Vera Lucia Luvizutto Okubo³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – madrita.oliv@gmail.com;

²Professora do curso de Fisioterapia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
caroltar11@hotmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: TEA; Família; Aceitação; Acolhimento e Diagnóstico.

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é reconhecido como uma síndrome que apresenta como características, dificuldades no desenvolvimento social, na linguagem, em habilidades cognitivas e de comunicação, resistência à mudança ou movimentos estereotipados, e interesses restritos. Encontra-se presente desde o nascimento e os sintomas manifestam-se até os três anos de idade, persistindo até a idade adulta (GOMES *et al.*, 2015; INSTITUTO FEDERAL, 2017).

Objetivos: Informar aos pais sobre o desenvolvimento dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e promover uma melhor aceitação do diagnóstico.

Relevância do Estudo: Observa-se um aumento em crianças / adultos diagnosticados com o TEA, e além disso, há escassez de informações aos pais e, portanto, o papel dos mesmos no tratamento para os indivíduos com autismo, influenciam no processo de entendimento e aceitação de tal situação.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, onde os dados do presente estudo constituem-se dos artigos publicados nos últimos dez anos, além de dissertações, teses e livros. Partindo de uma pesquisa bibliográfica sobre a importância de informar aos pais acerca do desenvolvimento das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), proporcionando acolhimento e promovendo uma melhor aceitação diante do diagnóstico. Foi realizado um levantamento de artigos publicados nas bases de dados do Portal SciELO, artigos encontrados por meio do site do Google Scholar e PePSIC. Foram incluídos nesta revisão estudos da língua portuguesa e inglesa publicados no período de 2012 a 2022. Os descritores utilizados para a busca foram: TEA (*Autism Spectrum Disorder*); Família (*Family*); Aceitação (*Acceptance*); Acolhimento (*Reception*); Diagnóstico (*Diagnosis*).

Resultados e discussões: O diagnóstico de TEA consiste em um momento altamente marcante e estressante, visto que a notícia de uma criança fora dos padrões da “normalidade” ocasiona imensuráveis consequências nos planos e na rotina diária da família. Ademais, o diagnóstico provoca sentimentos semelhantes às fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Além de sensações como medo, ansiedade, frustração, insegurança, culpa e desesperança. Esses sentimentos no geral, se intensificam diante a notícia do diagnóstico, principalmente pela escassez de informação em relação ao transtorno (PINTO *et al.*, 2016; JORGE *et al.*, 2019). Embora, a descoberta do Autismo apresente mais de 70 anos, o TEA não apresenta nenhuma cura conhecida. Ocasionalmente resultados insatisfatórios e tratamentos lentos, resultando em desânimo e esgotamento dos pais. Logo, o diagnóstico precoce e a intervenção imediata contribuem na redução da probabilidade de uma doença crônica, minimizando diversos sintomas (MAIA *et al.*, 2016). Outra proposta é a existência de programas de educação para os pais, que

apresentam alto enfoque educativo, com o objetivo de apoiar, informar e reduzir a ansiedade em relação a quebra de expectativa diante o filho. Em geral, nota-se que essas propostas auxiliam no manejo das relações dos pais com seus filhos autistas. Entretanto, observa-se que o psicólogo ainda enfrenta certos desafios em relação ao TEA, no qual, geralmente, os pais privilegiam o cuidado e a atenção com o filho, e ignoram a própria saúde mental (DA SILVA *et al.*, 2021). Mediante o exposto, Misquiatti *et al.* (2015) mencionam que na maioria das vezes, as tarefas atribuídas aos pais sem orientações adequadas e suporte familiar, influenciam na qualidade de vida e no desenvolvimento do indivíduo autista, ocasionando um esgotamento, estresse e uma sobrecarga familiar. Logo, os pais também precisam ser ouvidos pelos profissionais e incluídos na tomada de decisão sobre seu filho, proporcionando um cuidado de melhor qualidade tanto para a família, quanto para a criança.

Conclusão: Com base nas leituras realizadas durante o trabalho, conclui-se que o Transtorno do Espectro do Autismo, principalmente, dependendo do grau apresentado, é bastante delicado e lidar com a mudança de expectativa em relação a um filho saudável é ainda mais difícil. Logo, da mesma forma que as crianças autistas necessitam de acompanhamento, os pais também precisam de uma equipe de suporte, acolhimento e intervenções. Portanto, o profissional da saúde necessita ter em mente que trabalhar com a família, além do paciente, é extremamente fundamental para o desenvolvimento e avanço da criança em relação ao transtorno, pois o ambiente familiar é o primeiro contato do indivíduo desde o seu nascimento, influenciando em questões comportamentais e características da criança.

Referências:

DA SILVA, A. C. G. *et al.* Famílias frente a Crianças com Diagnóstico de Autismo: Um olhar para a Atuação de Profissionais da Psicologia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 69579-69592, 2021.

GOMES, P. T. M. *et al.* Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015.

INSTITUTO FEDERAL. **Cartilha Institucional: Conhecendo o Transtorno do Espectro Autístico**. João Pessoa, [s. v.], [s. n.], p. 1-26, 2017.

JORGE, R. P. C. *et al.* Diagnóstico de autismo infantil e suas repercussões nas relações familiares e educacionais. **Brazilian Journal of Health Review**. Curitiba, v. 2, n. 6, p. 5065-5077, 2019.

MAIA, F. A. *et al.* Importância do Acolhimento de Pais que tiveram Diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo de um Filho. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 228-234, 2016.

MISQUIATTI, A. R. N. *et al.* Sobrecarga Familiar e Crianças com Transtornos do Espectro do Autismo: Perspectiva dos Cuidadores. **Revista CEFAC**, v. 17, n.1, p. 192-200, 2015.

PINTO, R. N. M. *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, p. 1-9, 2016.

AVALIAÇÃO TERAPÊUTICA: UM MÉTODO BENÉFICO PARA A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO TERAPÊUTICO

Thamires Redondo Ferre¹; Daniela Garcia Bandeca Scwingel ²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thamirferre@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danibandeca@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Avaliação Terapêutica; Vínculo; Avaliação Psicológica; Psicologia, Psicodiagnóstico.

Introdução: Segundo a Resolução nº 9, de 25 de abril de 2018, Avaliação Psicológica é “[...] um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas”. Sua prática é exclusiva ao psicólogo e envolve conhecimentos de teorias, metodologias e instrumentos, além de cuidados éticos e habilidades técnicas a fim de identificar aspectos fenomenológicos e promover a melhor intervenção a partir dos dados obtidos (SCHENEIDER *et al.*, 2020). A partir das restrições e críticas apresentadas pelo modelo tradicional de Avaliação Psicológica nasce um movimento pautado na acolhida, compreensão, autonomia, segurança e aceitação fundado nos princípios das teorias humanistas e fenomenológicas, ao qual denomina-se Avaliação Terapêutica. Este modelo tem origem norte-americana e foi desenvolvido por Stephen Finn, Constance Fischer e outros colaboradores sem vínculo com uma teoria ou técnica específica, mas que busca, através de atividades colaborativas, construir uma compreensão dos resultados por meio da partilha e da observação, abrangendo os valores do avaliado, as teorias leigas do avaliado e as teorias profissionais do avaliador. A Avaliação terapêutica utiliza-se de testes padronizados e divide-se em seis fases estruturadas, que oferecem maior segurança ao avaliador e uma maior eficácia ao processo avaliativo (SILVA; SANTOS; ESTEVAM, 2021, VILLEMOR-AMARAL; RESENDE, 2018).

Objetivos: O presente trabalho busca verificar as possibilidades de benefício da Avaliação Terapêutica em relação ao vínculo terapêutico.

Relevância do Estudo: Por se tratar de um novo modelo de avaliação psicológica, há grande escassez nas pesquisas e publicações, principalmente na língua portuguesa, dificultando a disseminação desse novo método. Assim sendo, justificasse abordar esse assunto, para ampliar a reflexão e discussão de informações sobre essa nova forma de construir o processo avaliativo, uma vez que a relação terapêutica só se dá quando acontece o estabelecimento do vínculo.

Materiais e métodos: O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura. As pesquisas foram realizadas através das bases de dados PePSIC, Scielo, Bireme e acervo pessoal, utilizando como critério publicações dos últimos 10 anos na língua portuguesa, inglesa e francesa. Para busca de artigos utilizou-se as palavras-chaves: Avaliação Psicológica; Avaliação Terapêutica; Psicodiagnóstico, Psicologia, Vínculo Terapêutico. Como critério de exclusão, não foram selecionados artigos não disponíveis na íntegra, duplicados e não relacionados ao tema.

Resultados e discussões: O conceito de vínculo é entendido como o que liga afetivamente duas ou mais pessoas, é relação, o que restringe, o que ata, liga, aperta, dá nó. A terapia, por outro lado, é o espaço que abre possibilidade para um olhar diferenciado para a existência, onde se incentiva a identificação, elaboração e reformulação dos sentidos e significados da própria vida. Não existe processo terapêutico e avaliativo sem o

estabelecimento de uma relação interpessoal entre cliente e terapeuta. Uma relação saudável consolidada permite a implantação e discussão de estratégias mais pontuais, manejo das emoções, reforçando um clima de sinceridade, afeto, consideração e empatia. Assim, o vínculo torna-se essencial para uma base segura, que estimulará o cliente a explorar o seu próprio ambiente e a contribuir sua trajetória (ALVES, 2017; JACINTO; SALLES, 2020). A Avaliação Terapêutica é uma prática da Avaliação Psicológica que vai além da coleta e análise das informações, mas visa intervir de forma breve incentivando o desejo de mudança no cliente e transformando o avaliador em um colaborador de todo o processo. O conjunto de valores como colaboração, respeito, humildade, compaixão, curiosidade, abertura, autonomia é seu grande diferencial e torna o avaliando como especialista de sua própria vida e protagonista das possíveis descobertas e mudanças presentes no desenvolvimento do processo. Por ser uma metodologia que abrange de forma complementar diferente, pode trazer benefícios imediatos e contribuir de forma significativa para a assistência à saúde mental (FINN, 2017; VILLEMOR-AMARAL; RESENDE, 2018). Finn organiza o seu método em sessões iniciais e formulação de perguntas a serem respondidas pela avaliação, sessões com testes padronizados e métodos de avaliação diversificada, sessões de avaliação interventiva, sessões para discussão de resultados, sessão para elaboração de documento para feedback escrito e sessão follow-up, sendo que as questões norteadoras da avaliação são trazidas pelo avaliando (SILVA; SANTOS; ESTEVAM, 2021). Este é um modelo recente e, mesmo com poucos estudos tem demonstrado, entre outras coisas, diminuir a ansiedade dos avaliandos, despertar curiosidade e participação ativa no processo, melhora na auto percepção do cliente, redução da angústia, aumento da autoestima, redução do quadro sintomatológico, melhora na expressão de sentimentos afetivos, diminuição do sofrimento psíquico maior adesão ao processo e nos tratamentos consequentes (GIASSON, 2020; RIBEIRO, 2021).

Conclusão: Com a redução da discrepância entre o papel do avaliador e do avaliando, considerando os valores envolvidos e a estrutura proposta, há um auxílio para a construção de uma relação saudável, tornando o cliente um protagonista deste processo clínico e fazendo com que a autonomia e a clareza desta atuação auxiliem na construção de um vínculo e nos resultados do processo avaliativo.

Referências

- FANTINI, F. Family Traditions, Cultural Values, and the Clinician's Countertransference: Therapeutic Assessment of a Young Sicilian Woman. **Journal Of Personality Assessment**, v. 98, n. 6, p. 576-584, 2016.
- FINN, S. **Pela perspectiva do Cliente**. Teoria e Técnica da Avaliação Terapêutica. São Paulo: Editora Hogrefe, 2018.
- GIASSON, F. F. **Contribuições Das Estratégias De Avaliação Terapêutica Para O Enfrentamento Do Sofrimento Psíquico De Professores**. Mestrado Acadêmico em educação do Programa de Pós-Graduação. Universidade Estadual do Ceará, 2020.
- JACINTO, R. L. S., SALLES, M. A. M. A Importância Da Fala No Processo Terapêutico Na Abordagem Fenomenológica Daseinsanalítica. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 22, n. esp., p. 315-328, 2020.
- RIBEIRO, L. C. **Avaliação Terapêutica Com Mulheres Que Vivenciaram Violência Por Parceiros Íntimos: Verificando A Autoestima**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, 2021.
- SCHNEIDER, A. M. A., et al. Planejamento do Processo de Avaliação Psicológica: Implicações para a Prática e para a Formação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, e214089, p. 1-13, 2020.
- SILVIA, J. J., SANTOS, J. C. ESTEVAM, I. D. Avaliação terapêutica: uma nova possibilidade de atuação. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.3, p. 25249-25255. Curitiba, 2021.
- VILLEMOR-AMARAL, A. E., RESENDE, A. C. Novo Modelo de Avaliação Psicológica no Brasil. **Psicologia e Ciência**, v.38, n.esp, p. 122-232, 2018.

CUIDADOS PALIATIVOS: UMA RESSIGNIFICAÇÃO DO SENTIDO EXISTENCIAL A PARTIR DO DESVELAMENTO DA FINITUDE

Andreza Cristiane da Silva de Martino¹; João Paulo Martins²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deza_cia@hotmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave Fenomenologia Existencial; Finitude; Cuidados Paliativos; Psicologia; Psicopatologia.

Introdução: A datar dos primórdios da história é possível identificar reflexões acerca da morte, reflexões essas que se fazem presente na humanidade até os dias de hoje. Junto às reflexões, acompanham os questionamentos, as discussões e inspirações, resultando na maioria das vezes em desconforto e angústia para quem experiencia a iminência da finitude. Havia registros de ações humanitárias que acolhiam esses doentes, pois já não contavam com cura biológica, a qual era cunhada pela medicina curativa da época. Nesse momento ocorre um alinhamento no que diz respeito à religião, medicina e política, pois havia algumas questões que limitavam as formas de tratamento a esses sujeitos, pois não era permitido prolongar a vida do sujeito que tinha uma doença fatal, e que a morte seria iminente (PEIXE; MELO, 2019).

Objetivos: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a ressignificação do sentido existencial a partir do desvelamento da finitude a partir dos cuidados paliativos.

Relevância do Estudo: Evidenciar a importância de se voltar o olhar para o sujeito enquanto *ser-aí*, buscando de forma efetiva, humanizar a forma do morrer, reconhecendo-a como um fenômeno constituinte do ciclo da vida humana, como também, abrir possibilidade de valorizar o significado existencial, desvelando seu sentido, independente de religião, crença e cultura.

Materiais e métodos: O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica embasada em uma perspectiva fenomenológica hermenêutica, no qual se suspende qualquer tipo de pressupostos que se possa atribuir ao *ser-aí* diante de uma patologia protocolada pela medicina tradicional. Para isso foram utilizadas literaturas específicas sobre cuidados paliativos indexadas nas bases de dados Google Acadêmico, *Scielo* e *Pepsic*. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a) artigos em português e espanhol; b) publicações correspondentes a temática pesquisada; c) disponibilizadas na íntegra; d) palavras chave: fenomenologia existencial; finitude; cuidados paliativos; psicologia; psicopatologia; e) publicações entre os anos de 2012 à 2022.

Resultados e discussões: Cuidados paliativos consiste em uma abordagem que trabalha para a melhoria da qualidade de vida, prevenção e alívio do sofrimento de pacientes que são acometidos por doenças que ameaçam a vida e que já não contam com uma perspectiva de cura física dessas doenças (BARBOZA; ROCHA, 2019). Pensar na finitude humana gera no homem intranquilidade e inquietações, a partir disso, se faz necessário, identificar aspectos da existência da morte, para então buscar compreender os motivos e a partir disso, atribuir-lhe sentido (SIMAN; RAUCH, 2017). O movimento fenomenológico de Heidegger traz como tese central a questão do sentido do ser, descreve o *ser-aí* como capaz de interrogar o sentido do ser, por nele haver características constitutivas como modo

possível de ser (SILVA; MARTINS; ROCHA, 2021). Tratando-se de morte, é possível perceber que o processo de morrer desde sempre foi motivo de inquietações para a humanidade. Diante disso, com o passar do tempo, houve necessidade do estabelecimento de princípios éticos perante os direitos fundamentais da vida humana (MENDONÇA, 2012). O absoluto respeito à vida humana traz o dever de cuidar e de zelar pelo bem-estar dos pacientes e seus familiares, isso inclui não só a avaliação adequada dos tratamentos como também a escolha pelo local em que este tratamento será realizado. Proporcionar cuidado e alívio do sofrimento para o paciente e sua família diante da terminalidade, devem ser os objetivos integrais do cuidado nessa fase. Assim se forma o grande desafio em compreender a complexidade da vida e da morte, reconhecer a impotência técnica diante da terminalidade e saber conduzir e compartilhar a experiência da finitude do paciente com dignidade e respeito ao seu modo de ser no mundo (D´ALESSANDRO *et al.*, 2020).

Conclusão: O ser humano é o único capaz de racionalizar a finitude e nesse processo reconhecer a angústia de sua limitação, objetivar o cuidar inclui reconhecer às necessidades dos pacientes e de seus familiares, é realizar uma transição gradual efetiva, entre as muitas tentativas de se manter a vida a qualquer custo. Considerando a complexidade do paradigma vida e morte, faz-se necessário integrar a necessidade emergente da atuação em cuidados paliativos, os quais são voltados a beneficiar pacientes que experienciam a condição da finitude, sem perspectiva de cura biológica. Diante disso o paliativista possui um papel de grande relevância ao integrar a equipe de cuidados paliativos, de modo a identificar e refletir de forma crítica sobre o que está sendo produzido em relação a esse tema, bem como, na busca constante por possível transformação no sentido do próprio ser.

Referências:

- BARBOZA, A.M.M; ROCHA, M.L.B. **Cuidados Paliativos na Psicologia: Revisão de literatura em periódicos científicos.** IV Jornada Acadêmica do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes. GEPNEWS, Maceió, v.2, n.2, p.311-319, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/7917>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- D´ALESSANDRO, C.T.P. *et al.* **Manual de cuidados paliativos.** Hospital Sírio Libanês. São Paulo. Ministério da saúde; v.1, n.1, p. 175, 2020. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/September/17/Manual-CuidadosPaliativos-vers-o-final.pdf>. Acesso em 10 jul. 2022.
- MENDONÇA, A.V.P.M. **Cuidados Paliativos e Ser-Para-Morte: reflexões sobre um atendimento psicológico.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17523>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- PEIXE, K. S. R; MELO, A. K. Experiência em cuidados paliativos: Um olhar fenomenológico. **Bjhbs Brazilian Journal of Health and Biomedical Science.** v.18, n.1.p. 2-6, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/bjhbs/article/view/53051>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- SIMAN, A.; RAUCH, C. S. A FINITUDE HUMANA: Morte e existência sob um olhar fenomenológica-existencial. **Faculdade Sant’Ana em Revista.** Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>. Acesso em 04 out. 2022.
- SILVA; M.L.R.F; MARTINS, J.P; ROCHA, D.B. O movimento Filosófico da Fenomenologia e sua visão de homem. **Guairacá-Revista de Filosofia,** v. 37, n. 1, p. 196-208, 2021. Disponível em: <https://bityli.com/ybUIN>. Acesso em: 26 jul. 2022.

O QUE É A INFÂNCIA? UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA SOBRE O SER DA CRIANÇA

Wendell Soares de Almeida¹, João Paulo Martins²

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wendellsoares03@gmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Heidegger; Infância; Fenomenologia-hermenêutica.

Introdução: O que seria a infância? Muitos teóricos se propuseram a pensar sobre tal momento da vida, em linhas gerais buscando entender que fenômenos estavam atrelados a esse momento tão peculiar da existência humana. No Brasil temos definido legalmente no 2º parágrafo do Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, que criança seria a pessoa com até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Todavia, a existência, seja ela do adulto ou da criança, se dá por meio da relação entre o ser com o mundo que é o seu, ou seja, é necessário compreender de maneira hermenêutica como a sociedade contemporânea entende o que é ser criança, ou melhor dizendo o que é infância e como tal conceito é evidenciado. Para tanto, a utilização de bases fenomenológica-hermenêuticas se faz necessária.

Objetivos: O presente trabalho busca, compreender e evidenciar o fenômeno da infância a luz de um pensamento fenomenológico, levando em consideração as características hermenêuticas do ser da criança.

Relevância do Estudo: Olhar para a infância, através do pensamento fenomenológico é entender a relação que o ser estabelece com o mundo, assumir a infância enquanto um momento peculiar desta relação, é antes de tudo, entender que, a hermenêutica de onde se dão esses fenômenos muda para cada “fase da vida”, assim sendo, estudar os modos de ser da criança, mostra-se importante uma vez que através dessa relação, torna-se possível compreender os possíveis modos assumidos pelo Ser-aí em tal contexto.

Materiais e métodos: O presente trabalho trata-se, de um ensaio teórico de base fenomenológica-hermenêutica, no qual buscou-se compreender os processos envolvidos ao fenômeno da infância, desconstruindo assim o pensamento desenvolvimentista. As pesquisas foram realizadas através das bases de dados PePSIC, Scielo, Bireme e Repositórios universitários, utilizando como critério publicações dos últimos 10 anos, além de textos clássicos sobre a temática fenomenológica e hermenêutica.

Resultados e discussões: O primeiro ponto a ser evidenciado em relação a forma como a fenomenologia entende a infância, é a oposição as teorias desenvolvimentistas. Dourado (2020), aborda esse tema, ao elucidar como Husserl e Heidegger, construíram a fenomenologia como crítica a ciência moderna, que tinha suas bases no pensamento hegemônico cartesiano. Assim, a psicologia, construiu seu saber, baseado no pensamento cartesiano, solipsista e paradigmático, o que a afastou da filosofia por muito tempo também, ciência está vista como meramente reflexiva. Oliveira, Rosa e Freitas (2017) abordam esse tema também, ao demonstrarem que as ciências da natureza são fundamentalmente influenciadas por uma visão biológica-evolucionista, fator que fez com que as teorias do desenvolvimento desconsiderassem muitas vezes a questão histórica e social da infância, ou seja, o caráter hermenêutico. Tanto Heidegger, quanto seu mestre, Husserl, pontuaram

em suas filosofias o problema da concepção naturalista acerca do homem. De maneira geral, o que se coloca em pauta, em ambos os autores, é a crítica em relação a forma como a psicologia, na busca pela consolidação enquanto ciência, acaba por adotar os métodos das ciências naturais, o que teria criado uma teorização sobre a natureza do ser humano (CARMO, 2018). A partir do momento em que o entendimento de infância surge por volta do século XVII, surge a noção de cuidado, é nessa época também, que surge o moralismo que orientou a educação até o século XX. Nesse momento em que surge a noção da criança como um ser que precisa ser cuidado, é onde ela ganha o centro da estrutura familiar. Em uma compreensão fenomenológica, pautada na filosofia de Martin Heidegger, a criança surge na sociedade moderna a partir do desvelamento do sentido do que seria a infância, não mais uma vida supérflua, mas como possibilidade, vida útil. Ou seja, a criança, ou melhor dizendo, a infância é um fenômeno epocal e possível ser lido através da hermenêutica (HALFELD, MATTAR, 2021). Frota (2018), evidencia uma visão em ressonância a esse pensamento acerca da infância, como sendo, uma categoria social, um campo de estudo que envolve várias áreas do saber. O ser criança, despontaria na ideia de devir, como sendo uma possibilidade aberta, não mais um ser em desenvolvimento, ou melhor dizendo, ser incompleto. Assim, surge um novo paradigma, onde acontece um afastamento do pensamento desenvolvimentista e evolucionista, para a desconstrução da cronologia da existência humana. Dessa forma, esse novo jeito de pensar o devir da criança, o tempo não é cronológico, sendo, portanto, a existência o foco, ou seja, aquilo que é vivenciado, o concreto e presente. Torna-se evidente que a discussão sobre infância é um tanto quanto complexa, uma vez que suspende teorias que explicariam essa fase da vida, fazendo assim um questionar do que seria de fato infância e conseqüentemente o que é ser criança. Quintiliano (2014) evidencia algumas dessas questões, ao expor que o questionamento fenomenológico não está meramente discutindo a realidade presente em uma fase da vida, mas sim, buscar superar uma visão que limita a compressão dos fenômenos relacionadas a essa problemática. A infância seria uma forma peculiar de se relacionar com o mundo, mesmo que a criança possua as características compreensivas tal qual um adulto, a forma como ela se relaciona com o mundo é diferente

Conclusão: O presente trabalho ao buscar, compreender e evidenciar o fenômeno da infância a luz de um pensamento fenomenológico, levando em consideração as características hermenêuticas. Evidenciou que essa forma de compreensão, não difere em nível existencial a criança do adulto, logo, não há uma divisão etária, ou de fases de desenvolvimento, como em outras linhas de pensamento da psicologia. Todavia, isso não quer dizer que a criança é igual ao adulto, mas sim, que quando se compreende o homem enquanto um Dasein, compreende-se que este possui características estruturais que possibilitam o seu existir.

Referências

- DOURADO, M. P. B. A fenomenologia como possibilidade epistemológica de uma crítica às teorias do desenvolvimento infantil. **Revista Mosaico**, v.11, n.1, p. 47-53, 2020.
- FROTA, A. M. M. C. Infância, filosofia da educação e fenomenologia: aproximações necessárias. **Rev. Abordagem Gestalt**. v. 24, n. 1, p. 84-90, abr. 2018.
- HALFELD, L. G.; MATTAR, C. M. O Cuidado com a Criança na Clínica Fenomenológico-Existencial. **Revista Subjetividades**. v. 21, n. 1, p. 1-13, 2021.
- OLIVEIRA, E. S. T.; ROSA, A. A.; FREITAS, J. L. Revisão Bibliográfica das Publicações Acadêmicas Sobre a Criança na Perspectiva Fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 23, n. 3, p. 362-371, set-dez, 2017.
- QUINTILIANO, A. Ontologia fenomenológica e educação da infância: uma leitura de Merleau-Ponty. **Childhood & Philosophy**. v. 10, n. 20, p. 357-381, jul-dez 2014.

SAÚDE MENTAL NO TRABALHO

Lara Campanhã Salgado¹; Gabriel Cortesini Borges da Silva²; Thiago Calderari de Sousa³; Fabiana Silva de Paiva⁴; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB laracampanha@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB gacortesinipsico@gmail.com;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB psicothiagocsousa@gmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB fabi.sp@terra.com.br;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizacaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: saúde mental, psicologia, saúde do trabalhador, capitalismo.

Introdução: O trabalho é um elemento relevante na vida dos indivíduos e dessa forma repercute na saúde mental, ele funciona como um elemento de auto realização, afeto, prazer da subjetividade humana ao mesmo tempo em que pode ter o papel de adoecimento e sofrimento. O trabalho não se restringe a uma forma de sobrevivência e consiste em uma interação entre elementos econômicos, políticos, sociais e culturais (MERLO et al., 2014 *apud*. MOREIRA; RODRIGUES, 2018). O trabalho como sendo o centro da vida humana, transforma potencialidades individuais em ações e objetos com valoração social, e as instâncias que sustentam a relação do homem com o trabalho, estão ligadas à manutenção da saúde mental e, conseqüentemente, lidando com o real, se torna mais hábil e inteligente, superando as dificuldades, logo o trabalho vem com a transformação do eu. (DEJOURS, 2007 *apud* RUMIN; GUEDES; SCHMIDT, 2021).

Objetivos: Demonstrar como as relações de trabalho estão sendo um elemento relacionado ao adoecimento neste campo.

Relevância do Estudo: O trabalho influencia na relação saúde-doença dos indivíduos e tem sido fator de adoecimento dos trabalhadores em diferentes cargos e áreas de atuação. O desempenho dos colaboradores diminui o número de afastamentos aumentam proporcionalmente com o número de adoecimentos o que gera descontinuidade do trabalho e estagnação da produção.

Materiais e métodos: Foram utilizados artigos científicos entre 2018 a 2021 em buscadores de informações como SciELO, Pubmed e Pepsic. Foram buscados os temas como saúde do trabalhador, saúde mental no trabalho, etc.

Resultados e discussões: O afastamento de profissionais como professores por motivos médicos tem como consequência a descontinuidade do trabalho, necessidade de treinamento e adaptação de professores substitutos e sobrecarga dos demais profissionais devido ao aumento da carga de trabalho e poucos funcionários (MOREIRA; RODRIGUES, 2018). As relações de trabalho estão pautadas em um princípio de excelência que supervaloriza a produção constante em detrimento da saúde mental. Segundo o levantamento feito pelo INSS a depressão foi uma das principais causas de afastamento do trabalho em 2013, sendo responsável por 61.044. segundo a organização mundial da saúde (OMS, 2007) transtorno de ansiedade, depressão, burnout e outras psicopatologias estão relacionadas em torno de 8000 casos de suicídio no ano (LOURENÇO *et al.*, 2020). Dentro das escolas em Porto Alegre, RS, professores do ensino médio têm apresentado sobrecarga, sendo os principais motivos de afastamento os transtornos mentais como burnout, ansiedade, depressão, transtorno do apego, afetivo bipolar não específico, demonstrando, que do público investigado (MOREIRA; RODRIGUES, 2018). De acordo com

Antunes e Praun (2015) *apud* Pereira *et al.* (2020), a busca pela complementação de renda somada ao índice de desemprego leva o trabalhador a ingressar em um novo modelo denominado “uberização do trabalho” que é caracterizada pela ausência de vínculo empregatício, intensificação do trabalho e controle permanente, considerado também um novo meio de exploração de trabalho; Para Souza e Lussi (2020) levanta que em um parâmetro geral a juventude Mundial está mais propensa a ser oprimida no ambiente de trabalho e permanecerem em cargos menos valorizados pela sociedade. Logo os jovens com menor experiência estão mais propensos a sofrer de transtornos comportamentais relacionados ao trabalho ligados a solidão, maus tratos violência e sentimento de indeterminação no trabalho. Para que o ambiente de trabalho seja menos aversivo para seus colaboradores ele precisa respeitar e proteger os direitos básicos civis, políticos, socioeconômicos e culturais sendo esses fatores fundamentais para a promoção da saúde mental.

Conclusão: Em suma, após a compilação de diversos fatores analisados nos diversos artigos, concluímos que é de extrema importância a preocupação e prevenção com a saúde mental no trabalho pois a falta dos mesmos é um fator de adoecimento frequente para com os colaboradores da empresa, independente de suas faixas etárias, trazendo também que quanto menos experiência no mercado de trabalho, maiores serão os danos causados a saúde mental e física do colaborador. É importante levantar também a importância de locais de trabalho saudáveis que promovam e prezem pelo bem estar de seus colaboradores dentro das organizações, considerando assim, os diversos elementos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e psíquicos no processo de saúde e doença dos trabalhadores.

Referências:

LOURENÇO, V. P. et al. Relação entre presenteísmo, síndrome de burnout e liderança ética em organizações escolares. **Fractal: Revista de Psicologia [online]**. v. 32, [s.n.], 2020, pp. 218-226. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32_i-esp/40568. Acesso em: 30 set. 2022.

MOREIRA, D. Z.; RODRIGUES, M. B. Saúde mental e trabalho docente. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 23, n. 3, p. 236-247, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v23n3/a04v23n3.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

PEREIRA, A. C. L. et al. Fatores de riscos psicossociais no trabalho: limitações para uma abordagem integral da saúde mental relacionada ao trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional [online]**. v. 45, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000035118>. Acesso em: 30 set. 2022.

RUMIN, C. R.; GUEDES, J.; SCHMIDT, M. L. G. Saúde Mental e Trabalho: a Reabilitação Profissional e as Contribuições da Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, v. 41. p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hWkC6RR5L3sM3BW4YTsg7Fg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2022.

SOUZA, M. B. C. A. de; LUSSI, I. A. O. Juventude, trabalho informal e saúde mental. **Revista de ciências sociais - política e trabalho**, v. 51, n. 51, p. 126-144, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/48293/30306>. Acesso em: 30 set. 2022.

INFLUÊNCIA DA AMÍGDALA CEREBRAL NO MEDO

Beatriz Fernandes Carvalho¹; Laila Mucheroni Gonçalves²; Thiago Thadeu Paluan³, Luis A. D. Francia Farje⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – tricecarvalho@gmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lailamucheroni@gmail.com

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thiagopaluan@gmail.com

⁴Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
luis.farje@fatec.sp.gov.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Neuroanatomia, medo, amígdala cerebral, emoções.

Introdução: É possível definir medo como uma emoção, que pode ocorrer em resposta à situações aversivas em que há a sensação de perigo, como proposto por Brandão e Vianna (2003). Expõem, além disso, evidências que mostram as relações entre sistemas cerebrais responsáveis pelas reações de defesa associados ao medo, estresse e ansiedade. Visto que Barreto e Silva (2010) ressaltam a importância do corpo amigdalóide na manutenção de comportamentos cotidianos e relacionados à memória, nesta pesquisa esclarecemos a relação da amígdala cerebral e as reações do medo.

Objetivos: Compreender como a Amígdala pode influenciar no processamento do medo tornando-se consideravelmente relevante no estudo dos fenômenos psicológicos básicos.

Relevância do Estudo: É muito importante a compreensão das estruturas neuroanatômicas responsáveis por processos fisiológicos que implicam ativamente na relação funcional existente entre as estruturas neurais e a psique, somada aos comportamentos que a expressam, como as emoções.

Materiais e métodos: Foram utilizados artigos científicos encontrados em plataformas online como Scielo, Pubmed, Google Acadêmico e livros do acervo da Biblioteca das Faculdades Integradas de Bauru.

Resultados e discussões: Como posto por Machado e Hartel (2014), a amígdala cerebral, ou corpo amigdalóide, é um dos componentes do sistema límbico. É composta por 12 núcleos, os quais se organizam em três grupos, sendo eles o corticomedial (recebe conexões olfatórias e aparentemente está ligado aos comportamentos sexuais); basolateral (recebe a maioria das conexões aferentes) e o central (dá origem às conexões eferentes). Contém conexões aferentes as quais trazem informações sensoriais já processadas e informações das áreas supramodais e recebe aferências de alguns núcleos hipotalâmicos, dorsomedial do tálamo, núcleos septais e do trato solitário (BARRETO; SILVA, 2010). Se divide em duas vias, a amigdalofuga dorsal (projeta-se para núcleos septais, accumbens, núcleos hipotalâmicos, etc...) e a amigdalofuga ventral (projeta-se para áreas corticais, talâmicas e hipotalâmicas). No ponto de vista da neuroquímica, a amígdala tem uma grande diversidade de neurotransmissores, pois há a presença de acetilcolina, GABA, serotonina, noradrenalina, substância P e encefalina (OLIVEIRA, 2010). A complexidade das substâncias de tal componente se dá por conta da complexidade de suas funções, que podem ser resumidas na sua ativação durante a vivência de situações de forte emoção (incluindo agressividade e sexualidade); aprendizagem emocional e guarda de memórias afetivas; tal qual a construção de ligações estímulo-recompensa, apontado por Antonio e Colombo (2008). Os autores ainda

evidenciam que, devido às interações entre amígdala e o hipotálamo, essa se relaciona diretamente ao medo, sendo capaz de produzir emoções de medo, assim como identificar expressões faciais geradas pelo medo e organizar reações adequadas ao perigo. Não obstante, a amígdala quando excitada pode provocar um estado de alerta e ansiedade. O medo, a ansiedade e o estresse são importantes para o desenvolvimento do indivíduo e também para a sua sobrevivência, mas quando esses mecanismos de defesa se tornam sintomas, ocorrem de forma frequente e elevada, podem se agravar em psicopatologias e transtornos mentais (BRANDÃO; VIANNA, 2003). Ao ser exposto a um cenário ameaçador físico ou até derivado de alucinações, o indivíduo sofre uma reação metabólica, para que apresente os reflexos necessários para a fuga, luta ou até mesmo o ato de paralisar-se e cabe a amígdala ser a estrutura responsável para a produção dos reflexos necessários para que esse indivíduo se posicione diante destes exemplos supramencionados (OLIVEIRA, 2010). Quando o indivíduo não consegue administrar esses sentimentos, adoece e muitas patologias poderão surgir com um fundo emocional que pela amígdala são organizados. Se o corpo amigdaloide, enquanto regulador emocional, está operando em sua normalidade, proporciona a importante proteção e sobrevivência do indivíduo, posicionando-o de forma saudável em suas escolhas e situações emergenciais.

Conclusão: A Amígdala cerebral não somente possui grande importância enquanto estrutura neurológica responsável pela manutenção das funções relacionadas ao medo, mas também desenvolve papel fundamental enquanto componente do sistema límbico, devido a suas comunicações com os demais elementos desse sistema. Ademais, medo e ansiedade, frutos do funcionamento regular do corpo amigdaloide, se mostram vitais no desenvolvimento do indivíduo, mas quando não coordenados de forma saudável pelo sistema límbico, em ressalva à amígdala, psicopatologias e transtornos serão tangíveis.

Referências:

- BARRETO, J. E. F.; SILVA, L. P. Sistema Límbico e as emoções – uma revisão anatômica. **Rev. Neurocienc.**, v. 18, n. 3, p. 386-394, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8466/6000>.
- BRANDÃO, M. L.; VIANNA, D. M.; MASSON, S.; SANTOS, J.. Organização neural de diferentes tipos de medo e suas implicações na ansiedade. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 25 (Supl II), p. 36-41, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br>, 2003.
- ESPERIDIÃO-ANTONIO, V.; COLOMBO, M. M.; MONTEVERDE, D. T.; MARTINS, G. M.; FERNANDES, J. J.; ASSIS, M. B.; BATISTA, R. S. Neurobiologia das Emoções. **Rev. Psiq. Clín.**, v. 35, n. 2, p. 55-65, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br>, 2008.
- MACHADO, A.; HAERTEL, L. M.. Áreas Encefálicas Relacionadas com as Emoções. **Neuroanatomia Funcional**, São Paulo, v. 3, p. 266, 2014.
- OLIVEIRA, A. R. de. **O envolvimento de receptores dopaminérgicos da área tegmental ventral e do complexo basolateral da amígdala na aquisição e na expressão do medo condicionado**. 2010. Tese (Doutorado em Psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2010. doi: 10.11606/T.59.2010.tde-18022010-093027. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses>.

VALORES OLÍMPICOS APLICADOS NO TRABALHO COM CRIANÇAS DE UM PROJETO SOCIAL - BAURU BASKET

Gabriel Cortesini Borges da Silva¹; Thiago Calderari de Sousa²; Marta Alice Nelli Bahia³

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB gacortesinipsico@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB psicothiagocsousa@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia do esporte, Análise do comportamento, Basquete, Infantil, Infante-juvenil, Bauru Basket, Valores olímpicos.

Introdução: Uma das ações presentes no programa é o “Transforma” do Comitê Olímpico do Brasil, que tem como finalidade a promoção dos Valores Olímpicos, sendo eles a amizade, a excelência e o respeito dentro do projeto social do Bauru Basket. A proposta é aplicar esses conceitos como orientações para a vida das crianças, ou seja, possibilitar ações que possam ser transferidas para seus contextos no cotidiano. Observa-se diversos conflitos internos e externos nos participantes do projeto social, sendo assim, verifica-se a necessidade de maneiras mais sutis para minimizar esses conflitos, sempre com respeito aos limites existentes, pois muitas vezes estes não podem ser ultrapassados ou interferidos nas situações presentes. (GRATÃO, 2018). As atividades dos profissionais envolvidos com o projeto são realizadas por meio de dinâmicas, envolvendo as crianças de maneira lúdica e confortável a absorverem tais conceitos.

Objetivos: Relacionar os valores olímpicos ao contexto social das crianças possibilitando o desenvolvimento da resiliência nas situações da vida.

Relevância do Estudo: O projeto social tomou um caráter de alto desempenho acarretando na vida da criança cobrança excessiva e a perda do caráter social. Resgatando o caráter social do projeto, nos permite aproximar as crianças do esporte e ao mesmo tempo de valores positivos para o desenvolvimento da cidadania. Com os conceitos absorvidos, as crianças terão maiores bases para questões relacionadas a relações interpessoais, autoestima e os sentimentos causados pelas frustrações na vida (WEINBERG; GOULD, 2017)

Materiais e métodos: Foram utilizados livros e artigos científicos a partir de 2012 até 2022 para a realização do projeto escrito, com busca nas bases de dados SciElo e Pepsic. No trabalho em grupo foram utilizadas dinâmicas e vivências. O grupo é composto por aproximadamente 15 crianças. Foi programado um encontro por semana com duração de 60 minutos.

Resultados e discussões: A importância do resgate dos valores sociais do grupo foi algo que se deu naturalmente nas observações semanais das turmas durante o decorrer do Estágio Básico II e III. Foram realizadas dinâmicas, intervenções dentro do treino, participação dos estagiários de psicologia para favorecer a criação de vínculo entre os estagiários de outras áreas e as crianças, entre as mesmas e o técnico e entre si favorecendo o engajamento das crianças com o projeto. CATARUCCI *et al.* (2022) aponta o valor do trabalho das habilidades sociais que incluem comunicação interpessoal positiva, autoconhecimento, automonitoramento e autocontrole. Assim, o comportamento de comunicação pode tornar o ambiente transformador. O trabalho das habilidades sociais constrói um ambiente que promove o desenvolvimento da amizade, o respeito e a

excelência (FERNANDES *et al.*, 2022). Durante os encontros ficou perceptível a distância que se criou entre o projeto social anterior, pois o programa atual espelha-se no alto rendimento traçado pela ABDA (projeto social realizado nas piscinas). Ficou evidente um maior enfoque na busca de jovens talentos das categorias de base para futuramente essas crianças pertencerem aos times principais do Bauru Basket. O foco no alto rendimento tende a priorizar alguns participantes e inevitavelmente exclui outros. A seleção ocorre com o corte dos que não possuem a habilidade ou os que não atingem o potencial julgado pelos técnicos. Esse alto nível de cobrança pode causar a evasão das crianças do esporte (WEINBERG; GOULD, 2017). Os resultados obtidos pela aplicação dos encontros para o resgate dos valores olímpicos até o momento mostram as alterações nos comportamentos das crianças, houve um aumento de interações caracterizadas pela prestação de auxílio aos colegas quando surgem as dúvidas, maiores interações com o grupo, respeito a esses, incentivo e diminuição de subgrupos. De acordo com a literatura, a representação das alterações dos comportamentos antes individualistas para o atual cooperativo (TODOROV, 2012; PALMIERI, 2015).

Conclusão: Os resultados do projeto vêm demonstrando a ocorrência da alteração dos comportamentos antes caracterizados pela individualidade, falta de vínculo entre os colegas e desrespeito, manifestados e substituídos por comportamentos que abrangem os valores olímpicos e o desenvolvimento da cidadania, ou seja, mantendo os mesmos mais unidos e estabelecendo vínculos além do basquete entre os mesmos e também com os estagiários, externalizando comportamentos mais coletivos, respeitosos entre si e entre os treinadores.

Referências:

CATARUCCI, F. M. *et al.* Empatia em estudantes de Medicina: efeitos de um programa de gerenciamento do estresse. **Revista Brasileira de Educação Médica [online]**. v. 46, n. 02, 2022, e056. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.2-20210290>. Acesso em: 18 out. 2022.

FERNANDES, R. L. L. P. *et al.* Análise Comportamental da Relação Comissão Técnica Atletas de Basquetebol: Uso do Software The Observer. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. v. 41, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/tQvMJjL6mVyVMG9WMMfVCqM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2022.

GRATÃO, Otávio Augusto. **Valores humanos, jogos olímpicos e envolvimento: uma pesquisa com os alunos e profissionais de educação física**. Tese (Mestrado) - Faculdade de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2018. 68 f. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/109/109131/tde-04062018-144809/publico/Primeira.pdf>. Acesso em: 19 out. 2022.

PALMIERI, M. W. A. R. Jogos cooperativos e a promoção da cooperação na educação infantil. **Psicologia Escolar e Educacional [online]**. 2015, v. 19, n. 2, pp. 243-252. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/DcM9yddNgtXcZRZjXM9gFVs/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2022.

TODOROV, J. C. **A psicologia como estudo de interações**. Brasília: Instituto Walden4, 2012.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 624 p.

ESTÁGIO NA MODALIDADE DE INTERVENÇÕES BREVES: ATENDIMENTO AS PESSOAS QUE SE ENCONTRAM NA FILA DE ESPERA DA CLÍNICA ESCOLA DAS FACULDADES INTEGRADAS DE BAURU.

Cristiane Araujo Dameto¹; Andréia Barbosa de Lima²

¹Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
crisdameto@gmail.com.

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
deialimapsico@yahoo.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: clínica escola; intervenções breves, situações de crise.

Introdução: Os cursos de Psicologia exigiram das instituições de ensino superior a construção de espaços nos quais os acadêmicos pudessem realizar práticas clínicas, articulando, dessa forma, teoria e prática. Nesse contexto, encontramos o surgimento das clínicas-escolas, ou seja, a criação de serviços clínicos prestados à comunidade que se caracterizam como espaços de formação profissional como base nas normativas e diretrizes curriculares. Nesse sentido, as clínicas-escolas visam promover pesquisas e a construção de conhecimento científico diante do exercício clínico oferecido gratuitamente à população (ANGEL; BONFIGLIO, 2017). As Intervenções breves estão entre os estágios oferecidos pelo curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru, sendo que especificidade dessa modalidade terapêutica visa trabalhar com aspectos circunscritos e objetivos limitados e com a possibilidade de realizar um processo com começo, meio e fim em um tempo reduzido, trazendo benefícios tanto para pacientes quanto para os terapeutas. Ao paciente parece mais viável obter o alívio desejado, tendo inclusive condição de avaliar o montante esforço que lhe será exigido. O terapeuta em formação pode sentir-se mais seguro com a explicitação do foco e objetivo, além de ter a oportunidade de acompanhar um paciente ao longo de um processo completo, o que impede que fique alienado tanto da prática de que é aprendiz quanto do paciente que atende (SANTOS, 1996). Ambos, paciente e estagiário, podem assegurar-se do andamento do processo e da viabilidade de alcançar os objetivos. Também a instituição pode suportar mais facilmente a demanda, atendendo-a mais adequada e prontamente (SIMON, 1983).

Objetivos: O objetivo do presente estudo é demonstrar que as Intervenções Breves possibilitam de maneira eficaz, que um número maior de pessoas que estejam na lista de espera, sejam atendidas mais rapidamente, evitando um possível agravamento da queixa e a realização de um encaminhamento mais adequado a cada caso, após o encerramento das sessões.

Relevância do Estudo: Considerando um crescente aumento pela procura dos serviços de psicologia na clínica-escola da FIB, as Intervenções Breves possibilitam maior rotatividade à lista de espera através do atendimento a essa demanda, assim como a capacitação dos alunos para intervir de maneira focal em situações de crise.

Materiais e métodos: Trata-se de um levantamento do número de casos atendidos na modalidade de Intervenções Breves na clínica –escola da FIB, no período de fevereiro de 2021 a junho de 2022. O levantamento considerou além do número de casos atendidos, a idade dos pacientes e o encaminhamento feito após o término do atendimento.

Resultados e discussões: No período de fevereiro de 2021 a junho de 2022, foram atendidos um total de 97 pacientes com idade entre 14 e 61 anos. Desses 97 pacientes, 19

tiveram suas queixas atendidas de maneira satisfatória e por isso o caso foi encerrado sem a necessidade de encaminhamento; 41 pacientes, apesar de terem avaliado que tiveram sua queixa mais urgente atendida, concordaram sobre a necessidade de dar continuidade ao tratamento nas outras abordagens de estágio da clínica-escola da FIB, para acompanhamento de suas outras demandas; 16 pacientes após o atendimento na modalidade de Intervenção Breve foram encaminhados para outras Instituições de saúde de Bauru devido a demanda apresentada e 21 dos casos, interromperam o atendimento sem justificativa. As Intervenções Breves são terapias de objetivos limitados por terem suas metas mais reduzidas e mais modestas que as psicoterapias convencionais. Essa limitação é uma das principais características de seu procedimento e aparece em função das necessidades imediatas do indivíduo. Esses objetivos podem colocar-se em termos da superação dos sintomas e problemas atuais da realidade do paciente (ALMEIDA, 2010). Os resultados apontam que as Intervenções Breves possibilitam o atendimento de um número significativo de adolescentes e adultos, que se encontram na lista de espera, proporcionando um alívio de suas queixas mais urgentes e um encaminhamento mais adequado e rápido de suas demandas. O atendimento a um número maior de pacientes, também proporciona ao estagiário experiência com diferentes demandas e com a técnica focal.

Conclusão: A modalidade de estágio nas Intervenções Breves tem possibilitado o atendimento de uma população cada vez maior que procura os serviços de psicologia, com demandas que geram sofrimento e prejuízos para realização de suas atividades e projetos. O atendimento focal, com objetivos limitados permite que o tempo de tratamento seja reduzido, conservando a qualidade e promovendo resultados significativos ao paciente. Essa experiência proporciona ao estagiário de psicologia, desenvolver habilidades para atuar de forma focal em diferentes áreas da psicologia onde o atendimento breve é indicado para atender as necessidades mais imediatas de um número maior de pacientes.

Referências:

ALMEIDA, R. A. Possibilidades de utilização da psicoterapia breve em Hospital Geral. Rio de Janeiro, **Revista SBPH**, v.13, n 1. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>

ANGEL, G.; BONFIGLIO, S.U. **Desafios e possibilidades na clínica escola: alinhando teoria e prática**. Brusque: Editora UNIFEBE, 2017.

ENEAS, M.A.; FALEIROS, J.C; SÁ, A.C.A. Uso de psicoterapia breve em clínica – escola: caracterização dos processos com adultos. **Universidade Presbiteriana Mackenzie. Psicologia: teoria e prática**, 2000.

SANTOS, M.A. O mal estar da formação. **Anais do IV Encontro Estadual de Clínica Escola. Universidade Paulista**, pp 127 – 169. 1996

SIMON, R. **Psicologia clínica preventiva: novos fundamentos**. São Paulo: Vetor Editora, 1983.